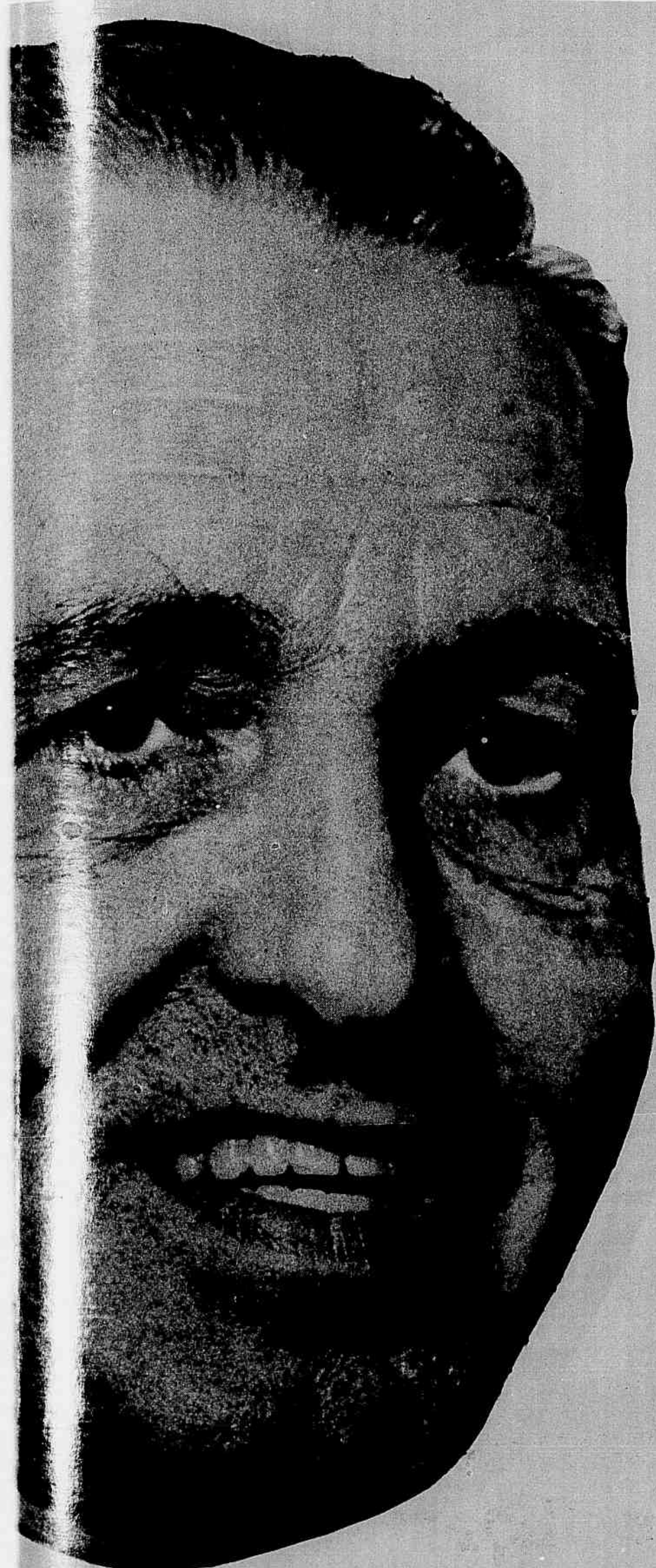


Revista da Semanana

REVISTA DA

O MUNDO
NO
ANO 2000

14 — 5 abril 58 — Cr\$ 10,00

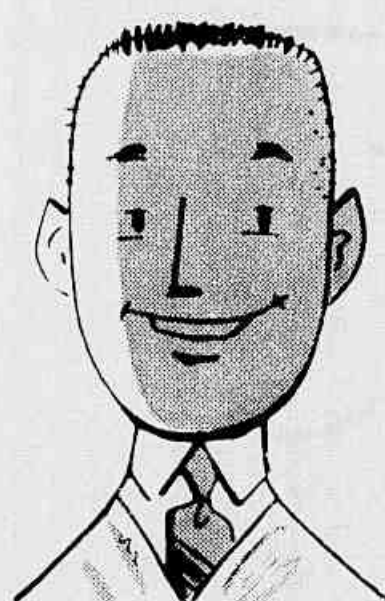
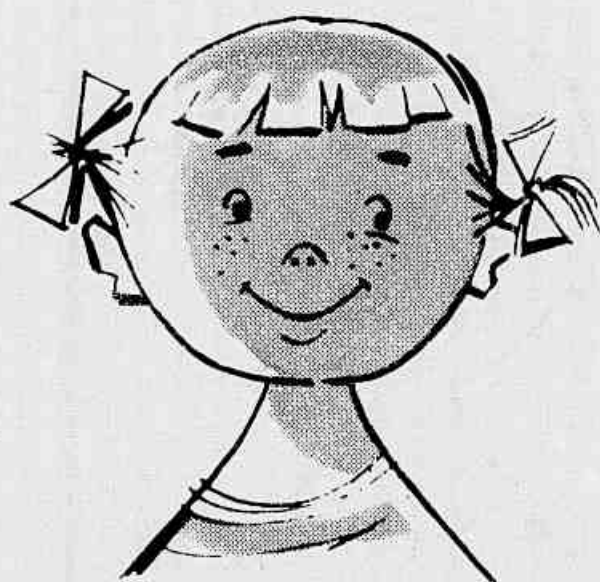


**Mike Todd
pouco antes
de morrer**

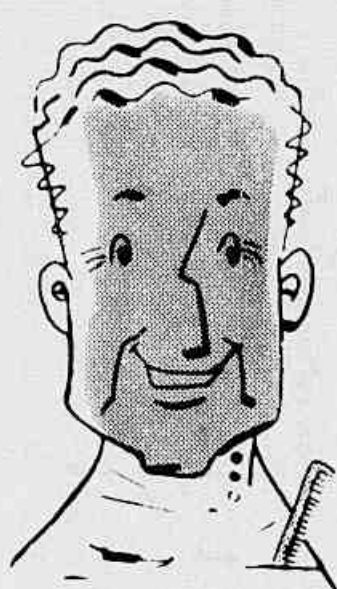
A VOLTA DE PRESTES

**O rapto que não
interessou a polícia**

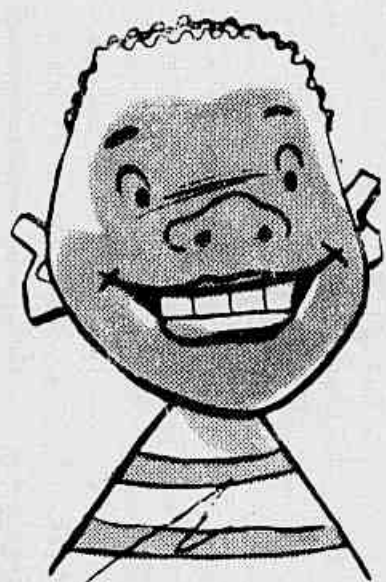
**Ademar dá uma entrevista
de dois milhões de votos**



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

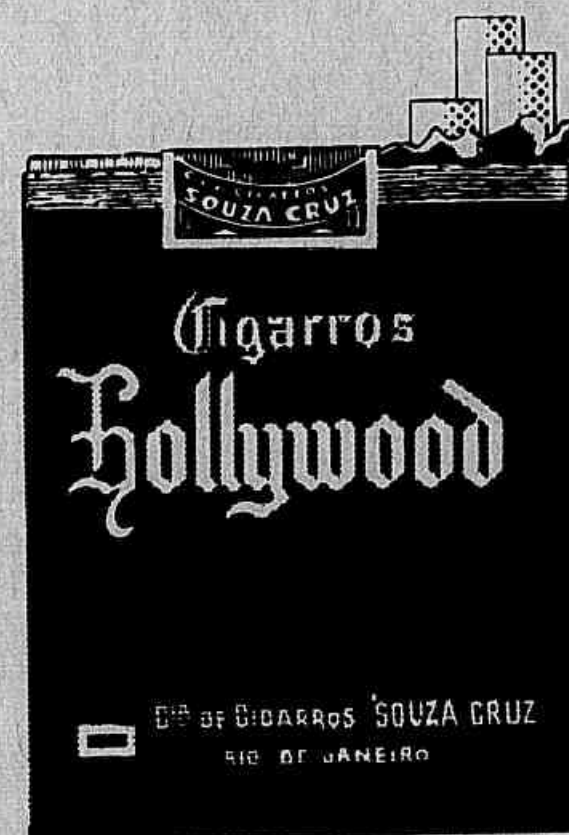


partilham do mesmo encantamento...

do mesmo querer bem... e, naturalmente,

do mesmo maço de Hollywood.

uma tradição
de bom gosto



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Semana

REVISTA DA

Ano 57, N.º 14, Rio, 5-4-1958

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURO**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES: Internacional** — Stan Baciú. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paratba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & TV** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luís de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **Teatro** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. — **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderêço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

Diretor-Comercial — **JOFFRE AMADO**

Diretor-Secretário — **ALUIZIO ALVES**

LEIA:

NO ESPAÇO 8 — O homem chega a Marte em 1971

EXCLUSIVO 10 — Ademar dá uma entrevista de milhões de votos
47 — Rapto
54 — A última entrevista de Mike Todd

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO

LIVROS 19 — «Calendário Marinheiro»

HUMOR 20 — Mr. Abernathy

64 — Jaguar, pelo divórcio

GASTRONOMIA 21 — Para acompanhar a mulata

INTERNACIONAL 22 — Indonésia nova Coréia

PREVISÃO 24 — O mundo no ano 2000

TEATRO 43 — Uma calúnia muito digna

CONTO 44 — Lapin e Lapinova

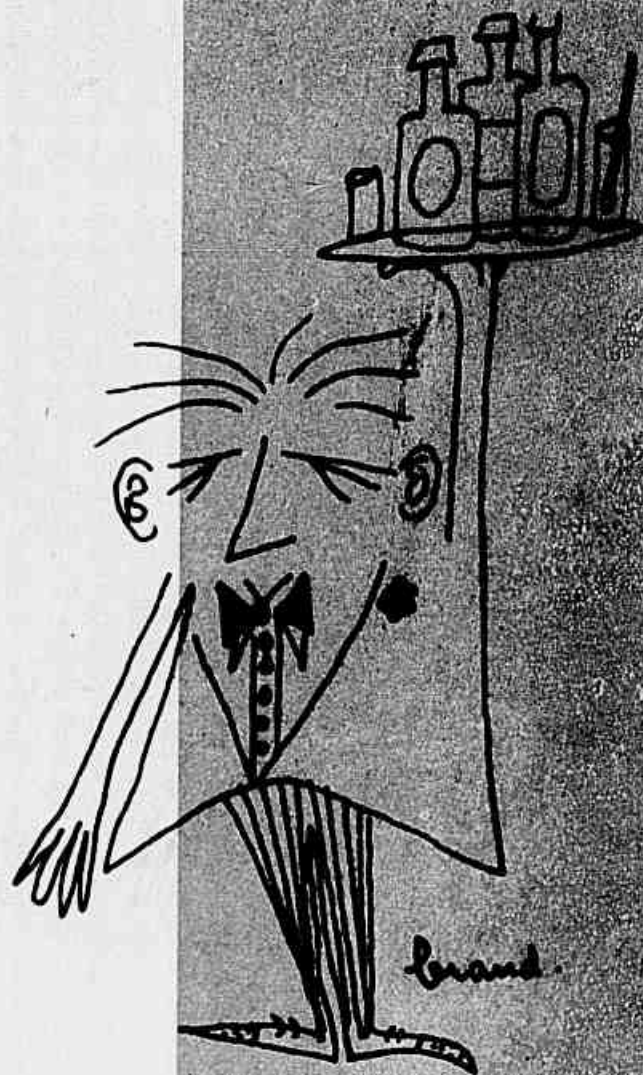
MODA 51 — Muitas vezes os gatos são ótimos

CINEMA 52 — René Clair também se mata por ternura

DEPOIMENTO 61 — De como acontece o sensacionalismo

SOCIAIS 65 — Lady Maxwell informa

OPINIÃO 66 — Aluízio Alves



CONTATO

Os sr. Ademar de Barros fala muito pouco. Comunica-se por sorrisos, sons guturais, gestos alegóricos, atitudes. Merece o título de "um dos políticos mais esquivos e lacônicos do país". Quem o vê, efusante, enfrentando uma multidão, não é capaz de imaginar que ele fale tão pouco.

Mas além de falar pouco ele ouve pouco. Pode ser que tenha chegado a isso pelo número muito grande de pessoas que o procuram diariamente. A gente chega, pergunta, ele responde com poucas palavras e quer logo despedir-se.

Uma entrevista longa, minuciosa, de horas, não é de seu feitio — e ninguém pode dizer que tenha conseguido uma com ele.

Osório Nunes foi a São Paulo e entrevistou Ademar. Não foi uma entrevista fácil, comum, com hora marcada e respostas por escrito. Ele quis fazer uma entrevista "viva", grande. Passou 72 horas com Ademar para conseguir o suficiente. Na Prefeitura, no seu automóvel, num ônibus da CMTC, num palanque de comício no subúrbio, na inauguração de uma escola pública; entre crianças cantando o Hino Nacional, entre foguetes e vivas e palmas, levando empurrões, ouvindo buzinas, vendo desfilar gente que pede emprego, que se queixa, que exige, que abraça, que dá bilhetinho e palmadas nas costas, na maior agitação.

Ademar aprovou a entrevista "mais suada que já fiz em minha vida" — como disse o Osório.

Os rádios não noticiaram. As estações de TV não tomaram conhecimento. Os jornais cinematográficos não foram filmar. Os jornais mal abriram uma coluna para o fato. Ninguém ofereceu dinheiro pela captura do criminoso. A polícia indicou um homem para as investigações.

O caso já acabou.

Mas Sônia, uma menina de quatro anos, ainda não voltou para casa. Foi raptada.

José Machado, o repórter, subiu o morro de São Carlos, no Rio, e conta a história do rapto que não interessou a polícia.

PREFÁCIO: 1958 será um ano histórico, quando for escrita a História da Grande Conquista. No ano 2000 os nossos netos vão aprender que o primeiro grande passo foi em 1957 e que em 58 começou a transformação do homem, a Grande Revolução.

E como será o ano 2000, em que nós — ou nossos filhos — viveremos?

Mais fácil ou mais difícil, mais alegre ou mais triste, seja como for, será um mundo interessante, em que valerá a pena viver. Será um mundo totalmente diferente.

As alterações que se processam nestes últimos anos no panorama mundial, em velocidade cada vez mais espantosa, assumirão num futuro próximo ritmo ainda mais espetacular. Nada deverá paralisar os processos da atual Revolução Tecnológica, a maior revolução de todos os tempos. paradoxalmente oriunda das duas guerras mundiais e dos preparativos para a terceira, prosseguirá automaticamente, mesmo sem esse estímulo artificial.

A visão do futuro mundo que esboçamos não é apenas um jogo estéril de fantasia: baseia-se numa apreciação atenta, embora inevitavelmente subjetiva e rudimentar, das tendências que norteiam, desde já, o desenvolvimento do mundo na época atual.



PRIMEIRO



SEGUNDO



MARIA

conquiste o
Sorriso de saúde
 eliminando o
 "amarelo* dos dentes"
 com o Creme Dental
EUCALOL



* O amarelo é a incrustação ácida que envolve seus dentes e destrói o esmalte, fazendo surgir as cáries. Elimine o "amarelo" dos dentes para livrar-se das cáries. Use o gostoso e antisséptico Creme Dental Eucalol e terá sempre o "Sorriso de Saúde" com dentes alvos e brilhantes.

Creme dental

Eucalol

— à base de eucalipto

PRODUTO DE QUALIDADE

MYRTA

CARTAS

CAFÉ

"Muito boa a reportagem 'O Governo Juscelino Engasgado com Café'. Acho ótima a idéia de vender café à Rússia, mas não sei se isso seria perigoso".

Walter Simões Filho, D.F.

"Gostei da reportagem sobre o café. Quem é o autor?"

Luís Sankst, S. Paulo

§ A REVISTA DA SEMANA.

Editor

MARIA

"Tenho todos os requisitos exigidos por Maria, mas não sou rico como ela quer. De qualquer maneira queria o enderêço dela".

José Fernando Mauricéa, DF

§ Não estamos autorizados. Mas damos a pista: posto 6.

Editor

"Quero fazer Maria Aparecida do Pôsto 6 feliz. Pode a REVISTA DA SEMANA transmitir o recado?"

Murilo Campelo, D.F.

§ Transmitimos.

Editor

"Achei boa a reportagem de Maria Aparecida, mas ela não é muito bonita, apesar de ter um corpo bem proporcionado. Ela está no Departamento Especializado?"

Ligia Mara, R.G. Norte

§ Está.

Editor

CAPA

"Adorei a capa da RS n. 11. Muito original e sofisticada. Façam outras assim. Maria Lúcia Silveira, Recife

"Muito bonita e diferente a capa da RS com a moça se olhando no espelho. De quem é a fotografia?"

Gennynson Tavares, D.F.

§ De Hélio Polito.

"Não entendi a capa da RS 11".

Jezebel de Matos, S. Paulo

FIDEL CASTRO

"Quem é o repórter que se encontrou com Fidel Castro em setembro de 1956 no México?"

Lino Vasques, Minas

§ Nosso Editor Internacional, Stefan Baciú.

CASCUDINHO

"Boa a reportagem sobre Cascudinho. Por que sendo ele um homem tão inteligente não está na Academia de Letras?"

Teresa M. Santos, D.F.

§ Ele responde a pergunta na entrevista que publicamos.

Editor

URSO

"Não gostei do 1.º capítulo da novela de Faulkner, 'O Urso'. Ele é um escritor muito complicado".

Carolina de Moraes, Recife

"Da novela 'O Urso' só é bom o desenho".

Mário Mota Silveira, D.F.

SUPER-HOMEM

"Desculpem-me, mas não entendi o título da reportagem sobre o desastre da Central. Por que o Super-Homem salvou dona Maria?"

Carlos Alberto Cavalcanti, DF

§ Porque o filho dela estava lendo o Super-Homem e por causa disso ela perdeu o trem que bateu.

Editor

"Vocês deviam ser mais sérios quando tratassem de coisas sérias. Fazer humorismo com desastre de trem com tantos mortos não fica bem.

Luís Inácio Teles, R.G. Sul

MULHERES

"RS deu um 'furo' nacional com a reportagem das artistas italianas no avião que as trouxe da Europa. Meus parabéns. Quem é o autor da façanha?"

Cláudio de Carvalho, D.F.

§ Mário Polito, chefe da seção de fotografia do nosso Departamento Especializado.

Editor

"Gostei muito das 'pernas B' de Sstela Blain. Notáveis!"

Mário Cabral, S. Paulo

PIADA

"Muito boa a piada de Raf publicada no n. 11 da RS".

Denise Santiago, Curitiba

AMBROZIO

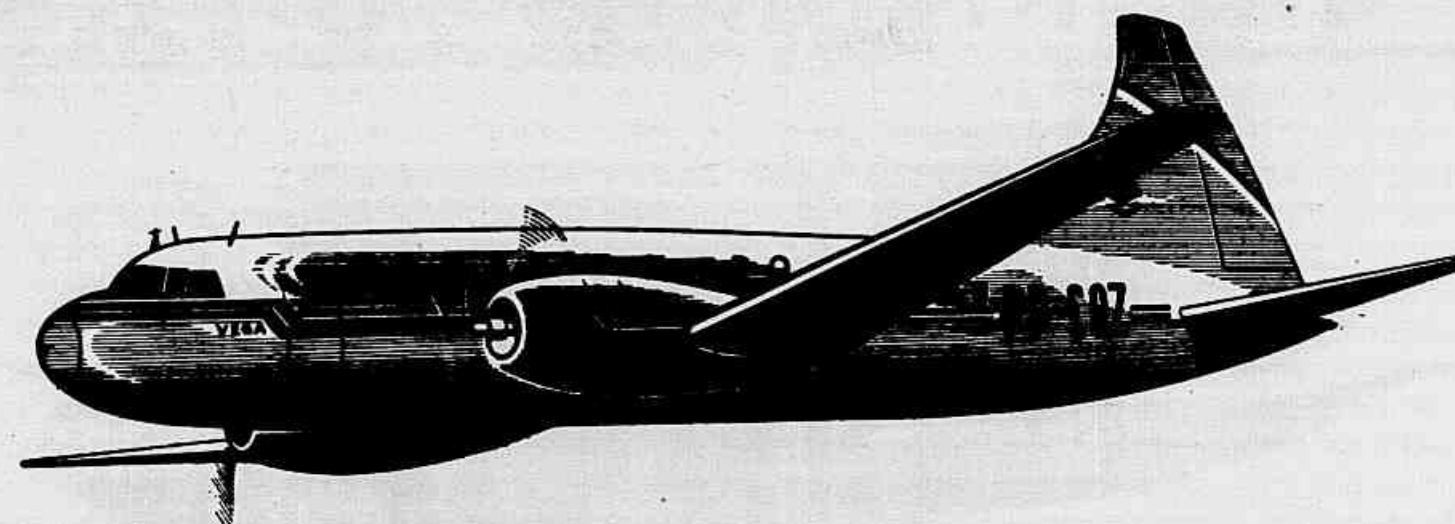
"Preferiria o velho Ambrozio".

José Moraes, S. Paulo

com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo

'cruzeiro a prazo'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

cidades de sua preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cortezia e a pontualidade como seus companheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como cicerones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

STABILE GARANTE: ARGENTINA FINALISTA



Stabile garante que a Argentina será finalista na Copa do

GUILLERMO STABILE, técnico da seleção argentina há 19 anos, disse à REVISTA DA SEMANA em Buenos Aires que já iniciou a preparação técnica de seus jogadores para a Copa do Mundo de 58 na Suécia e que, apesar de contar com elementos de valor, acha que "a Argentina não está bem porque seus melhores jogadores foram para a Europa".

Mas Guillermo Stabile, com 51 anos de idade e 37 de futebol, garante que a Argentina será finalista na Copa do Mundo de 58.

Com a cabeça toda branca e um conhecimento prático e teórico do futebol reconhecido mundialmente, Guillermo Stabile disse à R.S. que "tem opinião formada sobre o futebol brasileiro mas prefere ficar calado".

Motivo: todo técnico não gosta de falar sobre o selecionado que não dirige porque sabe que "em futebol tudo é possível".

As duas únicas coisas que Stabile falou sobre o futebol brasileiro que conhece "muito bem": a) ele acha que Flávio Costa deveria ter sido o técnico do Brasil para a Copa do Mundo, porque, "antes de tudo, é bom técnico e brasileiro" e b) que Zizinho deve jogar na seleção brasileira.

Stabile está preparando mais uma vez os jogadores argentinos para a próxima Copa do Mundo e o selecionado argentino, na opinião dos europeus, é o favorito entre os sul-americanos.

Ele começou no futebol aos 14 anos, como jogador do Uracan, onde ficou até os 24 anos. Depois esteve entre a Itália e a França jogando como centro-avante e em 1930 foi o goleador da Copa do Mundo, com 8 "goals" nas quatro partidas que disputou.

Comandando a seleção argentina, Stabile conseguiu em oito campeonatos sul-americanos ganhar seis e quando não ganhou foi segundo colocado.



Mundo de 1958. Prefere silenciar quanto à "chance" do futebol brasileiro. Mas tem opinião formada.

"Até agora", diz Stabile, "a Argentina só jogou duas vezes em cidades do interior, apenas com a finalidade de observar os novos valores. Os jogadores do River Plate serão a base da seleção, mas de qualquer maneira acho que em 1958 não estamos bem porque muitos dos nossos melhores jogadores foram comprados pela Europa".

Maior problema de Stabile na seleção: trio atacante. Ele quer um trio que faça "goals" de verdade e jogadores que "não ponham a língua de fora depois de 45 minutos de jogo".

Por isso, a AFA pôs à disposição de Stabile um técnico em educação física que faz exercícios pesados com os jogadores, diminuindo o peso de uns e criando novas resistências a outros.

Para Stabile, as melhores seleções argentinas foram as de 1947 e 1957 e se a de 1958 não vai ser boa é porque a AFA não quer buscar os argentinos que foram para a Europa.

Stabile acha que jogador velho é bom no meio dos novos porque uma seleção deve ser formada na base da juventude e da experiência.

O que Stabile não disse publicamente:

1) Conhece os jogadores brasileiros e, pelo que já viu, acha que Nilton Santos, Zizinho e Didi não podem ficar fora de uma seleção.

2) Foi Domingos da Guia o jogador que mais admirou entre os brasileiros.

3) Acha que todo técnico de futebol para ser técnico precisa ter sido jogador antes.

4) Os brasileiros perderam a Copa de 50 porque estavam preparados para ganhar só daqueles que podia ganhar.

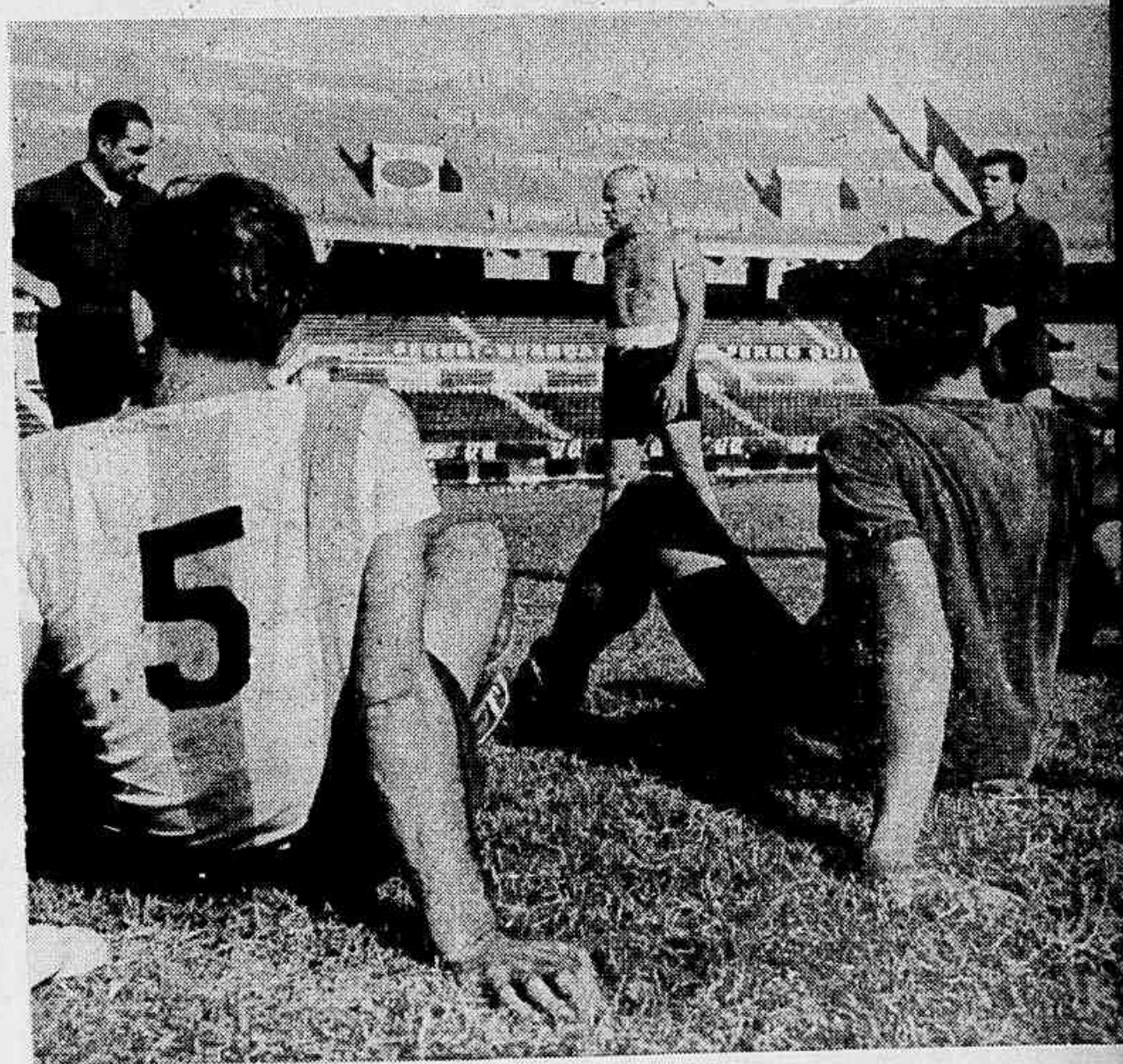
5) Futebol é jogo livre e não pode ser traçado dentro de quatro paredes: jogo se ganha é no campo.

6) A Copa de 58 deverá ficar com os sul-americanos.

7) Que o Brasil não poderá concorrer a uma Copa com pretensões se começar a ensaiar sua seleção tarde demais.

8) Que o maior selecionado brasileiro foi o do sul-americano em Santiago do Chile.

Cabeça branca em 37 anos de futebol.



EXCLUSIVO



UMA ENTREVISTA DE DOIS MILHÕES DE VOTOS



SENTADO NA CADEIRA de Prefeito de São Paulo, entre um Cristo crucificado e um pé de "comigo-ninguém-pode", o sr. Ademar de Barros ri gostosamente e diz: "Me deram essa planta para evitar maus olhados".

E começa a entrevista (exclusiva para a REVISTA DA SEMANA) "mais comprida que já dei" — como êle disse depois:

"Estou de braços abertos para acolher os realistas da política brasileira. Com êles marcharei, para, juntos, estabelecermos uma organização mais adequada às novas exigências do nosso povo e para atender mais velozmente às necessidades do Brasil.

"Sempre fui realista em minha vida política".

"SEMPRE FUI realista, pois há sempre um ponto alto na política, onde os partidos devem se entender: é a defesa dos interesses populares, sem barganhas de cargos ou concessão de favores políticos".

"Sempre fui realista e sem aspas também (RS 8 de março: "O realismo udenista não deve ser escrito entre aspas" — Juracy Magalhães). O meu realismo se baseia no conhecimento das necessidades reais do povo. O realismo udenista é uma linha que deverá ter as mais profundas consequências no panorama político nacional, pois representa uma evolução do pensamento brasileiro no sentido das conquistas objetivas do bem estar e da tranquilidade do povo".



"Vou acabar com o butantã político de São Paulo"

"Acredito na honestidade de propósitos de Juracy, que me convidou a uma conversa verdadeiramente realista e "sem aspas"...

MAZZILI, PRIMEIRO SINAL

"A ELEIÇÃO da mesa da Câmara é um sinal do que pode acontecer por causa do realismo. A UDN estava fora da mesa e o PSP a recolocou no lugar que lhe cabia. Nossa bancada funcionou positivamente neste ponto, elegendo ainda o sr. Mazzili. Tiramos trinta votos do Governo e demos a outro".

"Mas isto é só amostra"...

Os mais animados com a política realista são os moços do PSP. Eles se referem à conversa entre o senador Juracy Magalhães e o sr. Ademar de Barros como "um encontro sensacional de dois grandes estrategistas" e comentam "a batalha da eleição da mesa da Câmara", onde "deu-se um ensinamento ao sr. Juscelino Kubitschek", "que não dá nada a ninguém".

— Qual será o segundo sinal?

Ademar levanta a mão espalmada e faz sinal de "espere um pouco", enquanto sorri. Fica calado.

Tendo conquistado grande simpatia popular com seus gestos espetaculares, o sr. Ademar de Barros, mais velho, aos 57 anos, parece querer agora, com atitudes moderadas, conquistar as simpatias das classes mais conservadoras.

ADEMAR considera a eleição do sr. Mazzili um sinal de turbulência e confusão nos meios políticos e acha que o Governo federal "está lutando com grandes dificuldades, principalmente no que se refere à estabilidade do poder civil".

"Eu deploro essas dificuldades, porque entre as causas de turbulência encontro motivos de inquietação que a maturidade política brasileira já não deveria mais apresentar".

Ademar comenta sempre com os amigos: "Onde já se viu, o Presidente da República viver com medo de não acabar seu governo?" E cita um exemplo a mais de turbulência e confusão: "Eles não atenderam as necessidades da Prefeitura de São Paulo; só pode ser confusão".

O PADRASTO DE SÃO PAULO

— O SENHOR já foi fiador de alguém que não paga? A pergunta é de Ademar, que continua:

"São Paulo, ultimamente, sempre tem tido um padraсто no Governo Federal. A Prefeitura que dirijo — a administração do mais importante município do país — está à espera de que o sr. Juscelino Kubitschek demonstre que é capaz de modificar aquele conceito, infelizmente generalizado no povo de São Paulo. E' só atender às reivindicações mais prementes do povo paulistano, como tratamento pelo menos idêntico ao que dispensa às outras capitais irmãs. Exemplo: dar a licença, apenas a licença, para importação de trolleybus e peças que a CMTC vem reclamando há tanto tempo, por nosso intermédio".

O sr. Ademar de Barros está mesmo aborrecido — dizem os seus companheiros. "Ele se considerava o grande fiador de Juscelino".

"Considero injusto que se atenda Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, e que São Paulo não seja atendido. Eu não estou pedindo favor; quero só a licença para importar, pagando como os outros".

JK E ALKMIN: PAULISTA ESPERA

ADEMAR CONSIDERA os srs. Juscelino Kubitschek e José Maria Alkmin "duas ótimas criaturas, bons políticos".

E acrescenta: "Só com uma perspectiva histórica, com alguma distância no tempo é que podemos julgá-los como administradores. Mas, por enquanto, os paulistas não sen-

tiram os efeitos benéficos e diretos da ação desses ilustres homens públicos".

"A POLÍTICA econômico-financeira do Brasil é muito incerta", diz Ademar. "E se está certa, não parece, pelos resultados".

"O que entendo por política econômica e financeira certa é a distribuição certa, equitativa, da renda nacional; saldo ativo no comércio com o estrangeiro; crédito barato e a prazo favorável para os produtores agrícolas e industriais; aproveitamento do capital estrangeiro sem jacobinismo ou entreguismo, isto é, em favor da riqueza nacional e sem prejuízo do mesmo para acumulação do estoque de reservas de divisas nacionais; equilíbrio entre o salário e o custo de vida; hierarquia de preços; mobilização das reservas nacionais em favor da produção; realização de obras reprodutivas e aproveitamento de todas as fontes que produzem renda, entre outras coisas".

"Ainda não pude vislumbrar a ação do atual Governo nessas direções".

ERRADA A POLÍTICA DO CAFÉ

"ACHO ERRADA a política do café".

"Em minha recente viagem à Europa verifiquei como estão crescendo as importações de cafés africanos e de outras procedências, em detrimento da nossa exportação. Na época, chamei a atenção do Governo e dos interessados na produção do café. Enquanto os demais produtores lutam pela colocação dos seus cafés, o nosso IBC põe todas as dificuldades na exportação, mantendo preços rígidos, o que obriga os negociantes a venderem um tipo e registrarem tipos diferentes depreciados na descrição para poderem se ajustar ao preço que lhes é imposto".

"Esta forma de comércio está prejudicando a nossa exportação e beneficiando os nossos concorrentes, tendo muitos compradores, desencorajados, se afastado do nosso país, procurando se abastecer onde encontrem mais facilidades".

"Os convênios assinados recentemente servem de estímulo à concorrência, pois os cafés despolidos da América Central estão sendo vendidos de 2 a 2,5 cents abaixo das cotações do nosso tipo 2/3. Após a assinatura do convênio do Rio de Janeiro, os cafés africanos tiveram alta de até 4 cents por libra, permanecendo os nossos cafés com baixíssima exportação".

"Me perguntam se eu sou baixista. Não. Acho que já é tempo de entrarmos na realidade das coisas. Os cafés de baixa produção devem ser substituídos por cafés de alta produção, possibilitando-nos enfrentar a concorrência".

"A realidade é esta: o Brasil já perdeu a hegemonia na produção do café e, portanto, não pode continuar a querer impor preços. O café caminha para o destino da borracha".

REATAMENTO COM A RÚSSIA

O SR. ADEMAR DE BARROS é favorável ao reatamento:

"Não vejo obstáculo algum ao reatamento com a União Soviética. A troca das mercadorias é uma das mais velhas instituições humanas e não traduz, necessariamente, entendimento filosófico ou político".

"Quanto ao reatamento das relações diplomáticas, é problema do Governo Federal, mas este deve estudá-lo com a audiência de todas as camadas sociais".

JÂNIO NÃO PRODUZ

"O sr. Jânio Quadros teve o governo mais cômodo que já houve em São Paulo", diz Ademar, perguntado a respeito. "O atual governador elevou até de 3 mil por cento as bases de tributo que o povo de São Paulo deve pagar. Também é indiscutível que o orçamento estadual de São Paulo, no

ustres
muito
pelos
a cer-
; sal-
o e a
trials;
no ou
e sem
servas
sto de
nacio-
oduti-
a ren-
vêrno

como
de ou-
o. Na
los na
lutam
s difi-
e obri-
a tipo
justar

ssa ex-
muitos
s, pro-
s".
e esti-
mérica
das co-
nio do
até 4
baixis-

que já
afêsals
sais de
ência".
emonia
a que-
lno da

mento:
a União
velhas
enten-

, é pro-
com a

odo que
espeito.
as bases
Também
aulo, no



Ademar fala num comício, debaixo de chuva. Quando não chove êle prefere falar em mangas de camisa.



"Mazzili é um sinal do que o realismo pode fazer"

ano passado, foi quase igual à metade do orçamento do Brasil. Mas não vi, ninguém viu, grandes realizações. Onde uma Via Anchieta, um Hospital das Clínicas? Jânio dispõe de muitos recursos, dispõe de bilhões de cruzeiros, e sua inatividade administrativa não corresponde ao dinamismo da vida paulista, ao crescimento do próprio Brasil. Acumulou milhões. Mas não produz".

— COMO JULGA os Srs. Carvalho Pinto, Ulisses Guimarães e Auro de Moura Andrade?

"São três cidadãos no pleno uso de seus direitos constitucionais. Podem se candidatar a qualquer posto eletivo. Respeito-os como sempre respeitei meus concorrentes. Espero que eles levem a luta até o fim, dentro dos moldes das tradições paulistas de respeito ao adversário e elevação cívica e política. Assim se fará democracia em nossa terra, o que não se tem dado muito freqüentemente nos últimos tempos, para infelicidade do povo paulista".

"Eleição se ganha limpa e honestamente, com programas e qualidades pessoais que o povo, na sua sabedoria, só não distingue quando lhe extraem a capacidade de seleção através de métodos escusos denegrindo reputações ou desvirtuando a verdade".

SÃO PAULO NÃO TEM DINHEIRO

— QUAL É O PRINCIPAL problema da capital de São Paulo?

"A falta de verbas para obras. Imagine que a Prefeitura tem um orçamento de sete bilhões de cruzeiros. Dessa quantia ficam apenas 635 milhões para todas as obras".

"Se eu tiver de atender às reivindicações salariais dos pequenos trabalhadores da Municipalidade — e estou num dilema, pois eles também são filhos de Deus — terei de despendar mais 300 milhões com pessoal".

"Como realizaremos as obras?"

"Quando eu era Governador, dava à Prefeitura de São Paulo 600 milhões de cruzeiros".

"Atualmente, não recebo nada do Governo do Estado nem mesmo a quota do Fundo Rodoviário Nacional, a que tenho direito de acordo com a Constituição Federal. Hoje, para toda essa paulicéia que cresce dia e noite, a Prefeitura só dispõe, para obras, de quantia igual (excluída a desvalorização) àquela que eu concedia ao município de São Paulo — que ainda tinha suas rendas próprias".

"No ritmo em que seguem as coisas, desajudado pelo Governo federal e pelo Estado, não sei até onde será possível manter o título de "cidade mais habitável do Brasil". Tenho procurado as soluções administrativas e não as tenho encontrado. Tenho batido às portas do Catete e dos Campos Eliseos e não tenho sido ouvido. Tenho explicado o problema ao povo, mas isso resolve as suas dificuldades?"

"Não, não resolve, como não resolve nada lamuriar-me e pedir compaixão para o povo desta grande cidade. Somente empolgando de novo os Campos Eliseos poderei corresponder plenamente à confiança dos paulistanos que me escolheram para Prefeito. Sou candidato ao Governo de São Paulo nas eleições de 3 de Outubro próximo pela indicação de numerosas manifestações do eleitorado, inclusive a última, em Franca, ora homologadas pela convenção do PSP. A princípio não queria aceitar, dado o meu desejo de desempenhar o mandato de Prefeito até o fim.

SÃO PAULO NÃO PODE PARAR

RECOMEÇA ADEMAR:

"Não há contradição entre minha candidatura e a promessa de permanecer Prefeito até o fim do mandato: São Paulo não pode parar. Entretanto, o transporte urbano de ônibus em São Paulo está ameaçado de parar, porque o Governo federal não nos permite adquirir os veículos de que

precisamos. Solicitei ao Governo federal tratamento justo para nossa cidade, que contribui para os cofres da nação mais do que muitos Estados reunidos.

Pedi licença de importação para os "trolley-bus" e até mesmo de peças para esses veículos. Nada. Pedi ao Governo do Estado ao menos o pagamento da quota rodoviária, para construção e conservação das estradas e caminhos por onde anda o paulistano. Nada. Tenho a obrigação moral de cumprir o programa que tracei para atender às reivindicações do povo paulistano. Assim, porém, não é possível. Prometi governar São Paulo sem a ajuda de ninguém, apesar de que bateria em todas as portas sem orgulho ou vaidade partidária. Mas não posso ver a minha cidade entregue à própria sorte e ninguém poderá governá-la tendo a oposição sistemática dos governos da União e do Estado".

"Se eleito Governador, eu trataria São Paulo como a principal cidade do Estado e não como um burgo abandonado, com o qual nada tivesse a administração estadual".

Não haveria discrepância entre o governador e o Prefeito, pois ambos pertencemos ao mesmo partido, ligados por laços de dupla confiança. Ajudaria o Cantídio a tirar a capital paulista do buraco em que se encontra. Só assim poderia cumprir a maior de todas as promessas que fiz ao povo paulistano: a realização do programa que lhe apresentei na campanha do ano passado. Cantídio Sampaio é a continuação desse programa".

SEGRÊDO É A ALMA DO NEGÓCIO

O SR. ADEMAR DE BARROS fala sobre seu programa de candidato, mas não quer dizer tudo por enquanto:

"Na política, o segredo é também a alma do negócio. Os meus competidores que esperem. Mandei fazer um completo levantamento técnico e político das necessidades e anseios do povo de todo o Estado de São Paulo. Por ora posso dizer apenas que irei transformar o imposto territorial rural em três partes, das quais uma será extinta, a outra será devolvida aos municípios e a terceira ficará para o Estado. Criarei também o Banco das Operações Municipais, incentivarei a expansão do livro, do rádio, da tevê, etc."

E, concluindo:

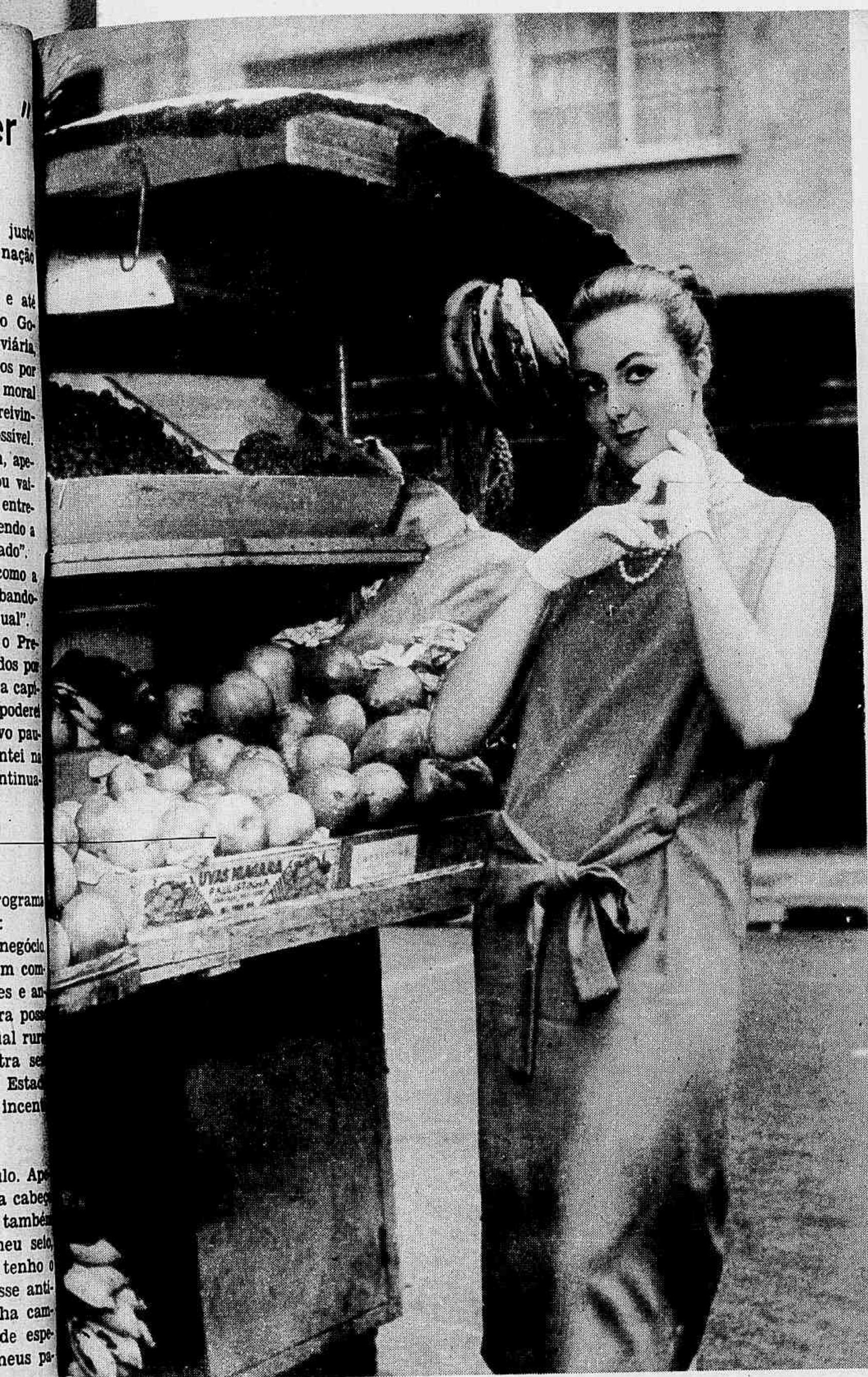
"Vou acabar com o Butantã político de São Paulo. Apesar de ser homem de peito aberto, vou dar de pau na cabeça de serpentes muito conhecidas. A traição dói, mas também faz sofrer o traidor. Aninhei muitas cobras em meu seio, mas o seu veneno jamais me foi total. Para ele, tenho o antídoto da fé, o desejo do bem do próximo. Com esse antídoto, que Deus generosamente me deu, farei a minha campanha, levando por todo São Paulo uma palavra de esperança e um sincero desejo de ser útil a todos os meus patriotas".

CUIDADO COM BRASÍLIA

"O final da entrevista é para os cariocas — diz Ademar. Os que nasceram lá e os que vivem lá: Tomem cuidado com o que vai acontecer com o Rio de Janeiro, quando mudar a capital. Vejam o que aconteceu com todas as cidades que já foram capitais no Brasil, de Salvador e São Luiz do Maranhão até Ouro Preto e Goiás Velha. Não quero ver um museu, mas uma cidade viva e ativa no Rio, quando a capital for mudada para Brasília".

"E preciso cuidar, desde já, das instituições e da forma como ficará o Rio de Janeiro, sem prejuízo de sua vitalidade e do seu extraordinário surto de progresso".

"Quando o Presidente trocar o Catete pelo Palácio da Alvorada, quando o governo estiver em Brasília — uma reivindicação antiga mas perfeitamente adiável neste momento de dificuldades — talvez seja tarde. Meus amigos cariocas que tomem cuidado".



Nome : Mária Petar (ou Bárbara).

Idade : 20 anos e meio.

Natural : Belgrado, Iugoslávia

Profissão : modelo.

Religião : ortodoxa católica.

O resto : loura, olhos castanhos claros, cabelos lisos.

Altura : 1,70.

Pêso : 57 quilos.

Busto e quadris : 92 centímetros.

Cintura : 55.

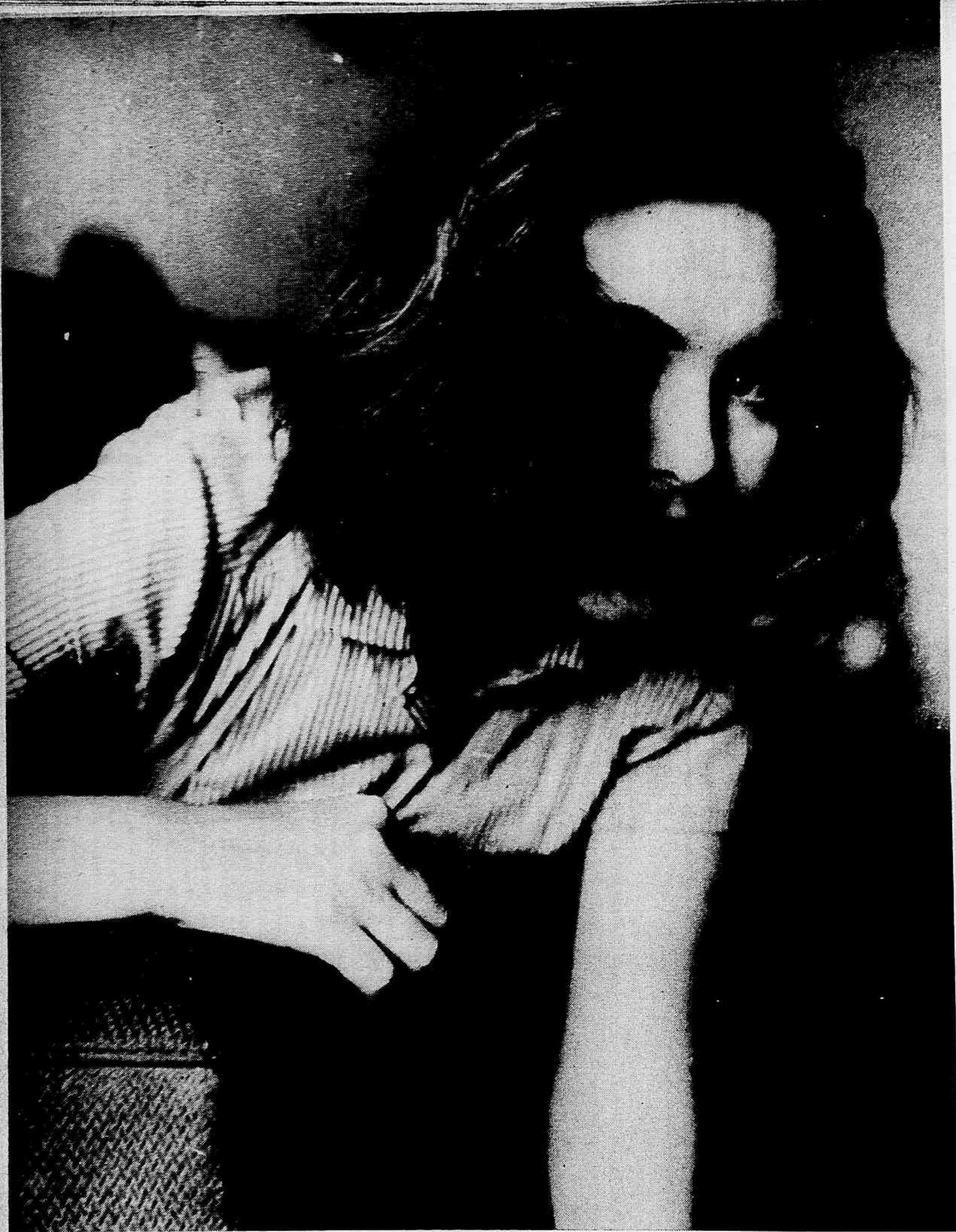
coxa : 58.

Tornozelo : 22.

Calça : 35.

NOVA APRESENTAÇÃO DO DE:

MÁRIA MARIA MARIÁ



Mária, Maria, Mariá : fez 6 perguntas, mexeu a cabecinha e disse para o fotógrafo : "Agora, pode".



Aí ela disse: "Ven
provar q



Ela quer ser atropelada por um Cadillac

MARIA PETAR já soprou bolhinhas de sabão em canudinho de mamoeiro, depois ficou mocinha e foi ser modelo, uma vez foi atropelada por uma carrocinha de pão e quer ser atropelada por um carro bonito e grande, no mínimo por um jeep.

Ela foi modelo exclusivo da Canadá e do costureiro Nazareth, tinha o nome de Bárbara mas não tem mais. Hoje é manequim, professora de modelos, organiza desfiles e desfila também. Vive com sua mãe num apartamento de Copacabana.

Quando o fotógrafo Alberto Ferreira pediu a Mária para tirar uma foto na praia ela sugeriu: "E se eu tirar os sapatos e entrar no mar?" Alberto não acreditou e Mária tirou mesmo e entrou. Depois disse: "Adoro ser birutinha".

Mária já quis ser jornalista quando tinha 11 anos. Não deixaram por causa dos perigos da profissão e ela foi ser modelo. Mas ela diz que continua sendo jornalista sem trabalhar em jornal porque gosta muito de perguntar coisas e às vezes ela acaba entrevistando o repórter.

Mária se lembra de tudo que fez na infância: veio de Belgrado com dois anos de idade porque seu pai foi transferido para a filial do Rio da firma onde trabalhava.

Ela gosta de ficar assim: de blue-jeans, à vontade, com o ursinho que tem a idade dela.



esse: "Ven

provar que sou biruta". E provou.



Mária quer ser aprovada com distinção no D. E.

Depois moraram em Manaus (2 anos) e em Goiás ,1 ano) e voltaram ao Rio. Quando morou em Goiás e Manaus, Mária ficou gostando de cavalos, do campo e dos bichos em geral. E queria criar um jacaré na banheira do apartamento, depois quis criar uma jibóia mas sua mãe não deixou.

Mária já trabalhou em cinema, foi mulher de Paulo Goulart em Rio 40º: gostou mais ou menos da experiência e diz que no Brasil se pode trabalhar no cinema porque ninguém leva o cinema a sério. Gostaria de trabalhar numa comédia fina, "mas isso aqui não é possível".

Depois de fazer 8 perguntas ao repórter Mária disse que a coisa mais engraçada que lhe aconteceu foi o seguinte: ela estava com umas atrizes italianas no Recife e disse às moças, que não deviam usar biquini em Boa Viagem por causa de que os pernambucanos não gostam disso. As italianas não acreditaram e botaram biquini. Resultado: foram cercadas (Mária também) por dezenas de rapazes e foi preciso RP para tirar as moças da praia porque os pernambucanos não queriam deixar.

Mais seis perguntas ao repórter e Mária conta que a maior emoção da sua vida foram duas: primeiro quando desfilou no Fluminense vestida de noiva ao som da marcha nupcial. Estava com 39º de febre e com vontade de tossir. Por isso baixou a cabeça e recebeu muitas palmas porque a assistência pensava que ela estava "emocionada como uma noiva de verdade". Quando acabou o desfile Mária deu graças a Deus e chorou. A segunda foi quando Mária organizou um desfile de brotinhos no Clube Militar. Foi um sucesso e um brotinho fez um discurso saudando Mária. Ela chorou de novo.

Mária tem umas manias: gosta de andar a pé e já fez o trajeto cidade-Copacabana e não ficou cansada. Adora confusão em lotação, fotos engraçadas, colecionar isqueiros, flâmulas, cinzeiros, bichinhos de pano (tem um urso da sua idade), bibelôs, batons. Cria um papagaio porque não pode criar a jibóia ou o jacaré mas até hoje não descobriu se o papagaio é macho ou fêmea. Outras manias: conversar até de madrugada, ouvir o disco preferido de acordo com seu estado de espírito (Ella Fitzgerald e Frank Sinatra são os preferidos), comer pipoca, maçã e sanduiches no cinema, trovoada, chuva, pintar bancos de cozinha com hieroglifos. Começou a gostar de futebol, foi eliminando os clubes, atualmente torce pelo Botafogo e Flamengo. Falta eliminar um deles.

Mária fez mais 6 perguntas ao repórter e disse que detesta esperar por desfiles "porque é muito chato ficar penteada, maquilada, esperando horas nos bastidores" outra coisa que não gosta é baile de gala, vestido de noite, buate, recepção, coquetéis, gente insistente. Adora andar à vontade, de "blue-jeans" e descalça.

Acha que a profissão de modelo é muito desconhecida do povo que imagina o modelo assim: uma moça toda sofisticada, burra, elegante, diferente das outras, que não come para não engordar, só bebe líquidos, faz exercícios todos os dias, etc. "Modelo não é nada disso, posso dizer. Eu faço tudo ao contrário e sou modelo". A modelo maior para Mária é Vera Barreto Leite, que já foi da Canadá e hoje é "free-laucer" "Ser exclusiva não é boa coisa. Modelo é boa profissão, muito rendosa, principalmente se o modelo trabalha por conta própria.

Aí Mária fez mais três perguntas ao repórter e disse que seu costureiro predileto é Dior, ainda não viu nada de Lulu, acha que a linha trapézio (tirando certos exageros) fica bem em mulheres altas e magras e nas gordinhas e baixinhas fica



parecendo disco-voador. Não gosta de falar sobre sua vida particular porque isso é coisa que não se toca e sua comida preferida é feijão preto com arroz e farinha d'água do norte com bife. Outra coisa que gosta de comer: pepino em conserva com sorvete. É invenção sua e até hoje não conseguiu fazer ninguém gostar dela. Música melhor: "Enchantment" com Otto Cesana e sua orquestra.

Depois Mária disse que homem bom é aquele de quem se gosta mesmo, desfile é bom para gente bem e outras gentes, em casa luxuosa ou não. Fez mais umas perguntas ao repórter, botou um vestido da linha saco bem vermelho e disse que queria ser fotografada junto de umas frutas no meio da rua. Foi.

RECEITA PARA SER MODELO

1. ser magra;
2. ter 1.70;
3. rosto que combine com qualquer tipo de chapéu, expressivo;
4. saber desfilar com qualquer tipo de vestido: ser esportiva com vestido esporte, sofisticada com vestido sofisticado;
5. ser graciosa;
6. saber posar para instantâneo: modelo deve parar quando fotógrafo aparece, deve ter cuidado na colocação das mãos;
7. conhecer fotografia, ângulos, etc;
8. ser calma para se vestir na confusão dos bastidores;
9. saber se maquiar sozinha, sem precisar do maquilador;
10. não ser Sofia Loren: pouco busto;
11. ter ombros perfeitos, cintura larga;
12. ter linhas suaves; se tem algum exagero em qualquer ponto importante deve corrigir com truques que a mulher conhece;
13. não falar (nem bem nem mal) das coleguinhas modelos;
14. pode comer muito, se ficar gordinha come menos;
15. pode amar à vontade: não é proibido nem afeta os pontos importantes.

Se você é assim pode entrar para a classe dos modelos. Assinado, Mária.

"Calendário Marinheiro"

MUITOS LEITORES conhecerão, decerto, o Homero Homem contista, com farta colaboração — e não de hoje — nas principais revistas brasileiras; nem todos, porém, o conhecem como poeta. Por isso se reveste de maior significação esse lançamento da revista "Leitura" — o "Calendário Marinheiro" de Homero Homem: porque vem revelar ao vasto público um poeta de apreciáveis qualidades, senhor de técnica e temática características.

O nome de Homero Homem como poeta, aliás, começou a adquirir maior relevo faz pouco tempo — quando conquistou o primeiro prêmio num concurso de poesia, patrocinado justamente por "Leitura", a que concorreram cerca de cinco centenas de candidatos. Mas os diretores de suplementos literários nutrem ainda certo preconceito contra seus poemas, decerto desconfiados de que sua qualidade literária não deve estar à altura do renome do contista. Ora, nada mais errôneo: pois queremos crer inclusive que, em Homero Homem, o poeta e o contista se equivalem, e mesmo, muitas vezes é o poeta que leva de vencida o ficcionista.

"Calendário Marinheiro" (1) resume uma longa experiência poética: não é livro escrito em dois ou três anos, mas uma série de poemas de vários tempos, traduzindo vários sentimentos. Divide-se em cinco partes: "Calendário Marinheiro" — a mais extensa —, "Manual do Pescador", "Mar Agônico", "Água Geral" e "Três Poemas em Prosa" — entre eles incluído o longo poema "A Cidade" (Suite de Amor), já dantes publicado em edição limitada, de luxo, com ilustrações de Antônio Bandeira.

A primeira parte do livro, "Calendário Marinheiro" propriamente dito, após o significativo prefácio (em forma de poema) dedicado a Luiz Santa Cruz, apresenta-nos vinte e oito poemas, entre os quais vale a pena realçar as qualidades de "Os Mortos no Jornal", "Poema da Proclamação", o extenso "Relato do Primeiro Voo", etc.; o "Calendário Marinheiro" — com as variações do último verso de cada quadra: maralto, maremoto, maragônico, marimbá, etc. etc. —, "Assunção", "Retrato". Veja-se como em "Os Mortos no Jornal" é definido um jornal:

— Palma de pinheiro
roubado ao Natal

rosbife nodoso
patê vegetal
café rotativo
pão industrial
torta matutina
recheio de espanto
comido na rua
à hora inquilina
em que sai o sol.

Homero Homem preocupa-se sobremaneira com a forma de suas composições poéticas, e apela amiudadas vezes para a rima mas sem forçar, com ela, a naturalidade do poema. De resto, em sua poesia lobrigamos, aqui e ali, o dedo de um Drummond de Andrade, o de um João Cabral de Melo Neto — entre outros possíveis dedos. Isso em nada diminui o poeta, pelo contrário: vem provar-lhe o bom gosto.



Em "Manual do Pescador" aparece o poema "Pampo", com o qual o poeta conquistou o já citado Prêmio "Leitura" de Poesia. É uma peça bastante bem estruturada, exemplo de poema objetivo. Belas metáforas, como essa:

Eis o tempo: traineira de sumiço
caramujo de azul de metileno
incrustado na linha do caniço.

Não aprovamos, porém, o apelo a termos de gíria, como:

Espera de pampo
— diz Martim-pescador —
é de amargar.

"Mar Agônico" reúne vários poemas onde predomina o tom mais amoroso, mais lírico. A preocupação pelo vocábulo raro continua, porém:

Galena celipotente
Incrustada na memória...

Bons poemas, "Sonhei com ela", "Morte em Campo Claro", "Mural" — mormente o último. E admirável o terceto final do poema "Canção de Pedra e Areia":

És feio, poema; tens quatro pêlos,
[nenhuma serventia.
Mas como não seres assim lúvida e
[tediosa,
Desamparada canção do homem só?

Em "Água Geral" surgem os poemas "Tamara", com alguns achados, porém com certos efeitos de gosto dubio, "Olho de Gata", em que aparece esse belo momento:

Temo pelo escafandrista
futuro, desavisado
que vai descer ao mistério
de teu corpo, tua alma
tormentosa e serpentina.

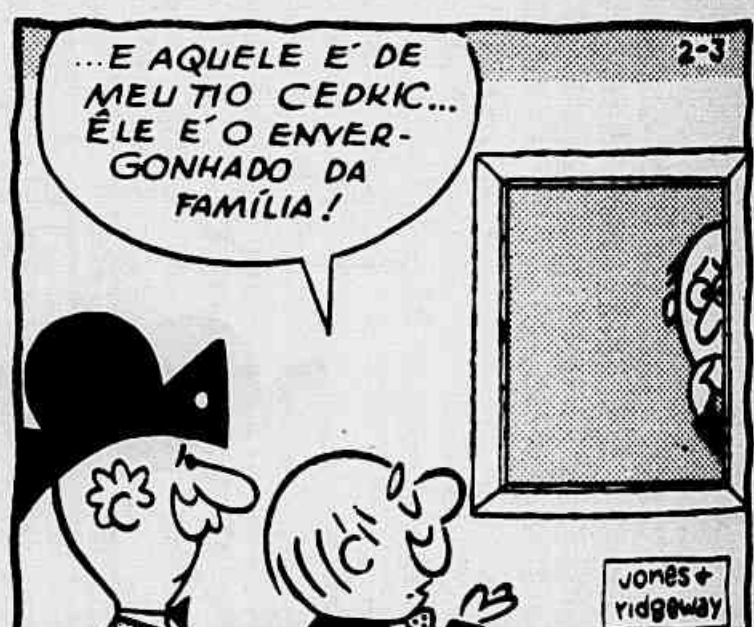
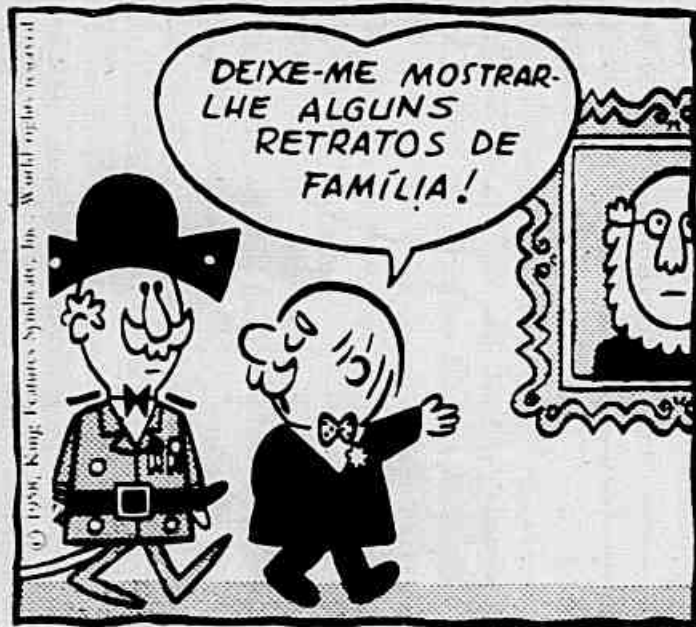
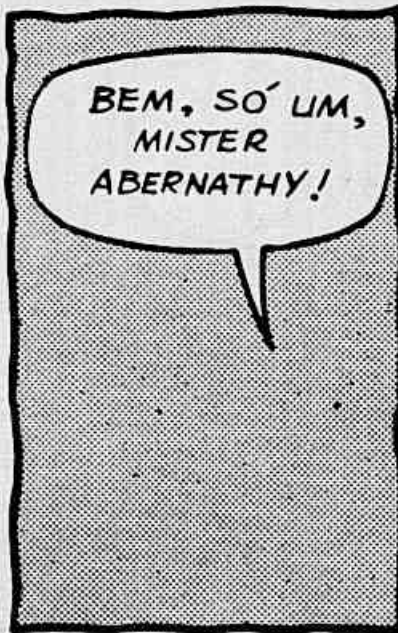
"Nova Canção do Ônibus 104" não é poesia — é prosa; é prosa e ruim: a página destoa bastante do tom geral da coletânea.

Dos três poemas em prosa, vale a pena realçar "A Cidade", e, em "A Cidade", a parte VI: "Teus subúrbios pejados de sono", etc.

A capa — leve como convinha, e agradável — é de Raimundo Nogueira. Escaparam ao olho do revisor muitos erros de imprensa, decerto porque o livro foi editado em curto prazo. Mas "Calendário Marinheiro" — e isso é o que mais importa — apresenta-nos alguns momentos bastante bons de poesia, e seu autor é sem dúvida um poeta de razoável mestria — além de ser o contista que todos conhecemos.

(1) — Homero Homem: "Calendário Marinheiro" — poesia. Edição Leitura. Rio de Janeiro, 1958. 136 páginas. Capa de Raimundo Nogueira.

MR. ABERNATHY





PARA ACOMPANHAR A MULATA

Março, 25

Luis.

Elas gostam de meias de seda. E já é tempo de você aprender a fazer alguma coisa que dê prazer às mulheres.

Mas — você tem idade bastante para saber isso — há certas mulheres que não gostam de ser tratadas como uma flor. Para estas, um Bronx é mais aconselhável.

Haddock frito, salmão "tarde de verão" e Monsieur Lapin serão uma companhia bastante boa para qualquer coquetel. E terão, acima de tudo, a vantagem de afastar um pouco os inefectíveis queijinhos e azeitonas.

Para você, meu caro, uma mulata e — boa sorte.

HADDOCK FRITO — Lave 1 quilo de haddock; ponha de molho em leite salgado e com um pouquinho de raspa de cebola. Enxugue antes de fritar, em manteiga. Polvilhe mais sal. O haddock deve ter sido cortado em tiras, já que vai servir para acompanhar coquetéis.

MEIAS DE SEDA — Misture uma lata de leite condensado, 1/2 de licor de cacau, 1/3 de gin e pedaços de gelo. Bater bem, antes de servir.

SALMAO "TARDE DE VERÃO" — Passe na máquina 150 gramas de salmão rosa. Junte uma colher de creme de leite, misture devagar. Mais uma colher de creme batido firme, para dar consistência e uma colher (de chá, rasa) de mostarda. Sirva sobre pequenos pedaços de miolo de pão torrados na manteiga.

BRONX — Misture meia porção de gin, meia de vermute doce francês, o caldo de meio limão e gelo. Sirva com uma folhinha de hortelã dentro do copinho.

MONSIEUR LAPIN — Raspe algumas cenouras pequenas e frescas. Cozinhe a raspa em água, vinagre e vinho em partes iguais. Tempere com um ramo de cheiro, uma pitada de paprica, uma colher de açúcar e sal. Faça massa com enchovas, meio a meio. Sirva sobre pedacinhos de pão.

MULATA — Misture uma gema de ovo, 1/6 de Chartreuse, uma dose de Pôrto e uma colher de chá de chocolate em pó, amargo ou doce ("Mulata doce" e "Mulata de amargar"). Sacolejar bem e servir, gelado, fresco ou ao natural.

INDONÉSIA 58 PODE REPETIR A ESPANHA DE 36



Sukarno dirige a democracia.

AS LUTAS que se travam atualmente na ilha de Sumatra, onde os revolucionários "Jovens Coronéis" estabeleceram a sede de seu governo, não passam, por enquanto, de ligeiras escaramuças, se tomarmos em conta o fato de que a guerra da Indonésia poderá, brevemente, transformar-se em uma segunda Espanha, em escala mundial.

O primeiro dirigente político que dêste fato se deu conta, foi exatamente um dos que conhecem, por dentro e por fora, os antecedentes da guerra civil espanhola: o marechal Tito.

Em um discurso lúcido, em que criticava de igual maneira o Leste e o Oeste, o presidente da Jugoslávia chamava a atenção dos responsáveis pela atual tensão, indicando, ao mesmo tempo, que o conflito entre o governo de Djakarta e os rebeldes chefiados pelo coronel Maludin Simbolon, não poderá, por muito tempo, ficar circunscrito à área em que atualmente está se travando a batalha.

O presidente Sukarno, que prometeu solenemente esmagar a revolução, custe o que custar, e o coronel Simbolon (que no gabinete revolucionário ocupa a pasta do Exterior, embora seja virtualmente chefe do governo) que já enviou ordens de prisão contra o gabinete de Djakarta, acusando-o de alta traição, representam, neste choque armado, forças e mentalidades diametralmente opostas. Por

trás de cada um, encontram-se interesses que dificilmente permitirão limitar-se o conflito.

Sukarno, político hábil do tipo de Nasser e Nehru, definiu sua posição ao declarar que na Indonésia havia fracassado o sistema democrático de tipo ocidental e anunciar que este fôra substituído pela "democracia dirigida", que representa uma espécie de democracia de mão forte, inspirada e controlada pelo governo. Se Sukarno tem, talvez, alguma razão quanto à difícil adaptação de seu povo ao sistema democrático, ele foi mal inspirado na orientação da nova democracia, bastante parecida a uma embrionária democracia popular, em que os comunistas ganharam a dianteira, ocupando posições-chave, que os transformam em virtuais donos da situação.

Sukarno, assessorado por vários conselheiros marxistas, abre caminho a uma democracia pelo menos tão pouco conveniente à Indonésia, quanto a democracia de tipo ocidental. Na procura de um caminho ideal para seu país, o presidente errou simplesmente a porta.

Maludin Simbolon, cabeça do grupo de oficiais jovens, é política e moralmente, o tipo oposto de Sukarno; seu ideal é eliminação do Partido Comunista Indonésio o (PKI) do governo, da administração e do Exército, por meio de um controle ininterrupto, exercido pelo ex-vice-presidente Mo-

hammed Hatta, o homem-chave nesta situação de emergência.

Enquanto Simbolon mostra-se disposto a discutir, como, desde o início da crise, se mostrou pronto a debater todos os problemas com Sukarno, o presidente, apoiado por seus conselheiros, nega-se a entrar em contato com os revolucionários, exigindo, pura e simplesmente, a sua capitulação. Esta, porém, não ocorrerá com tanta facilidade, mesmo que em certas situações especialmente difíceis, grupos isolados de rebeldes tenham de capitular.

Se Sukarno conseguir temporariamente, esmagar o centro bélico de Sumatra, ele não poderá deter a rebelião, cujas causas são profundas, e cujo progresso vem sendo facilitado pela geografia do país. No momento em que todos tiverem a certeza de que um núcleo foi liquidado, outro surgirá no lugar menos esperado.

Além disto, os dois grupos contam com apoios importantes e que, no instante em que se tornem ativos, a Indonésia terá sido transformada em nova Espanha ou uma nova Coreia no sueste da Ásia.

Resumidamente, por trás de Sukarno estão as seguintes forças:

1. A União Soviética, que, atendendo ao pedido do presidente, já forneceu alguns navios à Indonésia;
2. Os países satélites, especialmente a Polônia e a Tchecoslováquia, que, conforme os acordos vigentes, enviam à Indonésia técnicos e material bélico;
3. O Egito, que enviou ao governo de Djakarta vários aviões MIG (russos), encarregando-se também da instrução dos pilotos indonésios.
4. A China, que enviou vários pilotos, cuja presença foi notada durante as batalhas em torno da cidade de Medan, que foi até agora, duas vezes conquistada e reconquistada.

A situação em que se encontra o Governo dos jovens coroneis, indica que, até agora, as potências que poderiam auxiliá-lo não o fizeram ou, se isto aconteceu, foi feito em escala reduzida:

1. A Organização do Tratado do Atlântico Sueste (OTASE), reunida em Manilha, nas Filipinas, exatamente quando as lutas de Medan atingiam seu auge, não quis tomar conhecimento oficial do pedido de auxílio de Simbolon;
2. A China nacionalista, devorada por brigas internas, não seria capaz de ajudar os revolucionários, sem enfraquecer seu próprio potencial;
3. As potências ocidentais não querem intervir sob nenhuma forma, para não fornecer um pretexto à Rússia, que desta maneira, transformaria a revolução limitada em foco de guerra asiática, que, sem maior dificuldade, poderia tornar-se estopim da terceira guerra mundial.

Sukarno se dá conta disto e, em consequência, prefere agir discretamente. Desta maneira ele conseguirá, talvez, fazer com que os gritos de alerta dos coronéis não sejam ouvidos, mas dificilmente impedirá que a Indonésia se transforme em ponta de lança dos aproveitadores da neutralidade no sueste asiático.

2. NASSER & EL BIZRI

Prossegue a luta de bastidores no Exército da República Árabe Unida. Gama Abdel Nasser, oficial de mérito, mas, antes de mais nada, hábil político, levou uma vez mais a melhor, quando o recém-nomeado chefe do Exército sírio, Afif El Bizri, foi exonerado.

El Bizri era firme partidário da colaboração do Exército árabe com a Rússia, e nesse sentido fizera várias declarações. Em troca, Nasser tenta assegurar ao Exército da R.U.A. uma posição neutra, para que o Oriente Médio possua, realmente, um guardião de sua neutralidade.

Resta agora ver se, num futuro próximo, o presidente egípcio conseguirá afastar o tenente-coronel Abdul Hamid Sarraj, homem forte da Síria, de pronunciadas tendências pro-soviéticas, inspirado, até há pouco, por Khaled Bagdash, dirigente do PC, refugiado na Tchecoslováquia após a proclamação do novo Estado.

Com El Bizri embaixador em Pequim e Sarraj na reserva ou no anonimato, Nasser poderá, sem maiores dificuldades, tornar-se chefe absoluto de uma força militar que desempenhará importante papel na luta entre os dois campos políticos.

3. GAILLARD E O FANTASMA

Uma vez mais o hábil *premier* Felix Gaillard conseguiu contornar uma crise que ameaçava não somente seu gabinete, mas a própria estrutura do regime, já tão abalado.

Obtendo a votação de uma emenda que prevê que os governos somente poderão ser derrubados pela maioria absoluta da Câmara, Gaillard conseguiu uma vitória contra o sistema reinante, mas não contra o tempo, que continua trabalhando ativamente contra ele.

De fato, o destino da França se decidirá na Argélia e na Tunísia, e a política interior de qualquer governo será, apenas, reflexo destes dois problemas.

Passando de uma crise para outra, o regime apenas prolonga um estado de coma, fortalecendo, ao mesmo tempo, o mito De Gaulle, que, igual a um pesadelo, abala a tranquilidade de todos os chefes de governo.

4. IMPRENSA SEM MORDAÇA

Em Bogotá, esteve reunida a Comissão de Liberdade da Imprensa da SIP (Sociedade Interamericana de Imprensa), presidida por Jules Dubois. Conforme o relatório deste e o do jornalista nicaraguense (desterrado) Pedro Joaquim Chamorro, a situação da imprensa nas Américas pode ser resumida da seguinte maneira:

1. Estado de emergência em Cuba, onde Batista proclamou a lei marcial, fechando os jornais que não se submetem à censura;
2. Situação "cada vez pior" na República Dominicana;
3. Situação "estacionária" na Nicarágua e no Paraguai.

Em troca, uma grande vitória foi registrada no começo deste ano: a partir de janeiro (24), a amordaçada imprensa venezuelana circula em completa liberdade.

5. TITO E A RECEITA DE GOMULKA

Na Iugoslávia, realizaram-se eleições. Os candidatos escolhidos pela "Liga dos Comunistas" ganharam invariavelmente, obtendo (quase sempre) 96,7 da votação. O que mostra que Tito ainda não aprendeu a lição de Wladislav Gomulka, que, ao tentar uma experiência democrática embrionária, facilitou o ingresso de vários deputados oposicionistas no "Sejm".

A nova classe não quer abrir mão de seus privilégios.

6. PRECISA-SE DE UM ALEMÃO

Os russos tomaram em suas mãos o controle político da República Democrática Alemã, e isto exatamente na época em que as tropas soviéticas abandonam o território daquele país.

O *premier* Otto Grotewohl anunciou que foi descoberto mais um complô contra o governo, e que os revolucionários tencionavam assassinar o "Lenin alemão", Walter Ulbrich. Houve prisões e expurgo nas fileiras do PC.

De fato, a RDA é atualmente um estado acéfalo, o presidente Wilhelm Pieck, com mais de 80 anos de idade, está muito doente; Ulbrich queixa-se periodicamente de complôs e conspirações, e o único político do regime, o ex-socialista Grotewohl, não goza da confiança de ninguém: povo e partido fazem-lhe restrições de igual maneira.

Assim, os russos estão à procura de um alemão para a zona soviética.

O MUNDO

PREVISÃO

FORMULAMOS ESSAS observações retrospectivas no palácio da Federação Mundial, situado na capital Orbis Terrestri, em Pequim, no dia 5 de abril de 2000.

VIDA HUMANA PROLONGADA ATÉ 150 ANOS

A população do mundo ultrapassou a casa de 3 bilhões e meio. Isto não se deve tanto ao aumento da natalidade — que em virtude da crescente inseminação artificial, teve que ser submetida, nas últimas décadas, às providências de controle estatal — mas, à enorme baixa da mortalidade. O parto efetuado em ideais condições higiênicas (fora do corpo da parturiente!) e com pré-determinação do sexo da criança a nascer, não somente liquidou a mortalidade infantil, como também aumentou consideravelmente os índices de sobrevivência.

As mais marcantes no progresso da medicina foram a cura do câncer, alcançada em 1962 e a das doenças cardiovasculares ("enfermidades da civilização adiantada") conquistada em 1970. Praticamente, a Medicina falta apenas descobrir a cura para as neuroses e as doenças mentais que, dado o forte impacto da vida moderna, cada vez mais febris, apresentam índices espantosos de incidência. Os homens morrem, na realidade, quase exclusivamente da "velhice", a não ser dos acidentes. Daí o forte aumento de suicídios, a principal patologia da época atual. A duração média da vida humana atingiu 150 anos. O envelhecimento da sociedade tornou-se, pois, o mais angustiante problema dos nossos tempos...

RUM
PARA

Sin
acusa
Os "
total
"de
rakis
conse
gam-
popu
só.
da
popu
tribu
sição
ocup
colo
grav
valo
nent
quis
tém
hist
titu
pod
de
natr

SO
EM
CU

N
ma
seu
o a
ent
M
me
tan
co
rit.
gar
de
són
aco
flu
ção
lan

té
di
co
du
ou
e

hões
dade
teve
s de
dade.
a do
o da
e in-
dices

Foram
órdio-
on-
penas
que,
febril,
omena
hice"
cidiw
lia da
socie
posso

Não foi possível evitar crises passageiras (mas gravíssimas) de desajustamento entre o aumento da população e seu abastecimento em gêneros alimentícios. Elas atingiram o apogeu no último e calamitoso ciclo de fome, verificado entre 1970 e 1980.

Os fortes deslocamentos da população e dos investimentos levaram a um equilíbrio integral na distribuição harmoniosa do fator humano, do capital e das terras exploradas. A moeda agrícola aproximou-se consideravelmente, em suas técnicas e na sua organização, da indústria propriamente dita. Os enormes excedentes de mão de obra, liberados em consequência da automatização integral das empresas industriais, encontram pleno aproveitamento nos campos. Por outro lado, não corresponderam as expectativas, excessivas e lisonjeiras demais, depositadas na conquista do espaço

EXPANSÃO ESPETACULAR DA INDÚSTRIA

A revolução industrial, iniciada em torno de 1958: automatização, uso dos eletrônicos, utilização da energia atômica, etc., alcançou, logo, uma proporção que deixou na sombra as revoluções técnicas dos tempos anteriores: a da máquina a vapor, do motor elétrico, da produção em série.

A máquina substituiu não somente o braço como também, em grande parte, o cérebro humano.

As fontes receptoras de energia — não apenas a nuclear como também a eólica e hidráulica — fizeram com que fosse abandonada a exploração do petróleo, cuja falta começou a ser sentida. O uso dos novos recursos levou a uma maior concentração da população e das manufaturas. Por consequência, os centros urbanos ficaram congestionados e outros industriais e comerciais começaram a migrar para mais a margem de expansão, criando novos fins residenciais e comerciais. A distinção entre “cidades” e “rus” perdeu, portanto, o seu habitual significado: a população vive em locais mistos: “cidades rurais”.

O mercado único tornou possível a repartição racional de todos os setores da indústria entre os continentes e os países, de acordo com as suas específicas condições, subjetivas e objetivas. Assim a produção é mais econômica e eficiente.

O trabalho do operário ficou reduzido a 4 horas diárias em três dias semanais de trabalho. Nessas condições, assumiu nova importância o problema de aproveitamento dos lares. Os recursos educacionais e culturais, postos à disposição da classe trabalhadora em maior escala possível, anularam as antigas diferenças entre os níveis de instrução do "proletário" e do "burguês". As classes sociais não deixaram de existir. Há ainda ricos e pobres. Entretanto, na pirâmide social do mundo atual não há mais lugar para os muito ricos e os muito pobres. Com efeito, diminuíram consideravelmente as antigas distâncias quanto ao gozo dos padrões de bem-estar social por umas e outras classes.

A emancipação da mulher é um fato consumado. Mas não é só isto. As mulheres monopolizam, em escala cada vez maior, vários setores de atividades econômicas. O sexo "fraco" revelou-se, sob numerosos ângulos, mais ativo, dinâmico e criador do que o "forte". As mulheres desempenham cada vez mais cargos dirigentes na hierarquia suprema da sociedade. A presidência do Governo Mundial coube à sra. Cie-Ton-Fá, chinesa...

Mundo sem guerras, desarmado, federado e confederado

Revelou-se absolutamente improcedente o espantinho da terceira guerra mundial de caráter total e realmente mundial, que tanta influência estava exercendo sobre a crise internacional, compreendida entre 1948 e 1965. Alguns conflitos locais, conflagrados entre 1960 e 1975, não degeneraram em guerras de maior gravidade. O desarmamento total e ilimitado, seguido pela liquidação integral das forças armadas, deu um poderoso estímulo construtivo ao progresso econômico. O próprio termo de soberania, cegamente idolatrado pelos 80 países independentes do mundo de 1953, foi riscado do dicionário político, como incompatível com a unidade orgânica do mundo. Depois de atingir passagiro apogeu em torno de 1960, o nacionalismo começou a decair na arena mundial como força motriz, sem deixar, na fase final desse processo, nem o menor vestígio na psicologia coletiva dos povos. Nos últimos 25 anos consolidaram-se grandes unidades estatais, e formaram-se organizações federais dos principais continentes, unidas dentro da Confederação, cujos órgãos de cúpula constituem uma espécie de governo mundial. Sem ainda desaparecer por completo, atenuaram-se consideravelmente os antigos desníveis entre os países atrasados e adiantados.

NEM CAPITALISMO NEM COMUNISMO

A luta entre o comunismo e a democracia, o sistema socialista e o regime de livre empreendimento, que tanto apaixonava o mundo entre 1917 e 1967, supostamente conflito insolúvel sem guerra ou revolução, ficou inteiramente superado pela evolução ocorrida nestes últimos decênios. Simplesmente aconteceu que os dois sistemas se aproximaram, um do outro, sem deixar margem alguma para quaisquer soluções explosivas.

A vitoriosa revolta da classe tecnocrata russa — herdeira indireta da “Nova Classe de Milovan Djilas — transformou o sistema comunista em 1970 num regime “corporacionista”, quase integrado nas idéias-mestras da “revolução dos gerentes”, no entender de James Burnham.

Por outro lado, no Ocidente firmou-se o sistema igualmente remoto do capitalismo de outrora, orientado no sentido da economia dirigida e planejada, sobretudo depois da maior crise econômica da história que surgiu nos Estados Unidos em 1970.

O que ficou, pois, como denominador comum, é uma solução sintética, equidistante, no plano superior, dos dois sistemas opostos. Foram erradicados os últimos vestígios do nefasto totalitarismo soviético, como de todos os demais totalitarismos. Entretanto, com o correr do tempo, tornou-se também anacrônica a clássica democracia, com a sua irrestrita fé nas eleições e votos, parlamentos e partidos.

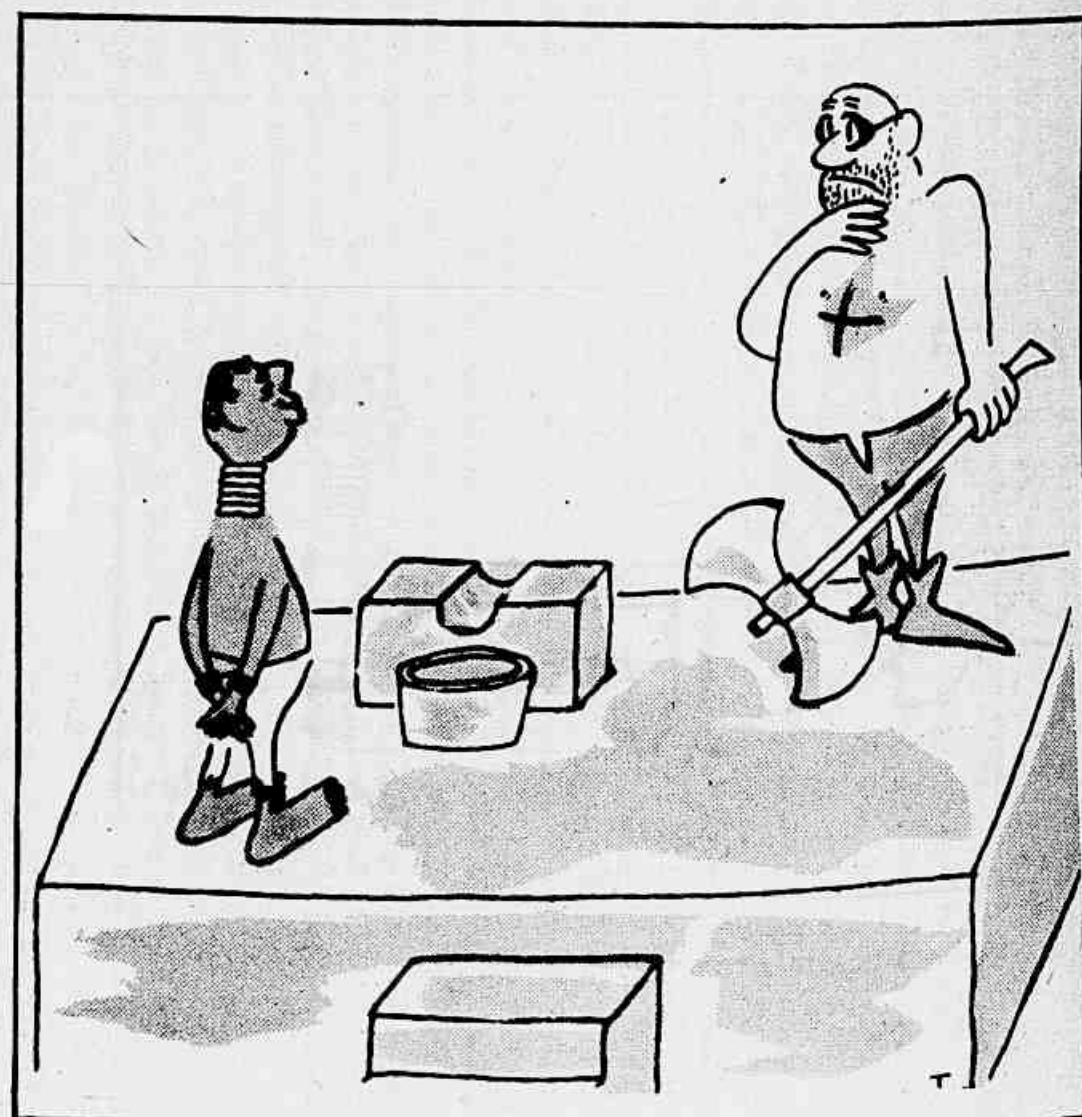
Quem preside aos destinos do mundo são sábios, cientistas e técnicos — uma nova aristocracia elitária. Relegaram a um lugar secundário os políticos, mesmo os disfarçados em homens de estado. Com efeito, cingidos aos conceitos obsoletos dos tempos passados, estes últimos revelaram-se incapazes de dominar os problemas de complexidade sem par que apareceram na arena mundial. Na surda luta entre a ciência e a política, em última análise, entre a sabedoria e a estupidez, o triunfo final foi alcançado pela razão, pela inteligência, pelo cérebro. Se os novos governantes falham, vêm sendo, por assim dizer, automaticamente demitidos pelo pronunciamento popular plebiscitário.

O meio principal de transporte pessoal é a nova entidade trifíbia (terra, mar e ar), baseada nos princípios de teleguiados, e que, fora da atmosfera, desenvolve a velocidade de 100 000 kms por hora. O transporte em massa dos pesados bens e mercadorias efetua-se ainda, em parte, por meio da utilização das ferrovias e navios, todavia, movidos pela energia nuclear. As linhas regulares de transportes interplanetários, inauguradas entre 1965 e 1975, asseguram fácil e rápido acesso aos núcleos e estações científicas, criados no espaço extra-atmosférico.

NOVOS CONFLITOS E NOVAS TRAGÉDIAS

A solução das crises que assoberbavam a humanidade no período inicial da nossa “Nova Época” não garantiu ainda, por si só, um período de harmonia integral e de absoluto equilíbrio. Apareceram novas crises, nada menos graves e agudas. O envelhecimento da sociedade levou à eclosão do violento conflito entre os “jovens” e os “velhos” que disputam os frutos do progresso econômico. A liderança exercida pela elite intelectual encontra resistências por parte das demais classes da sociedade e ultimamente intensificaram-se muito os choques de índole ideológica. Como reação contra o crescente materialismo filosófico, até certo ponto inseparável do predomínio da técnica, surgiram meio-místicas correntes religiosas de força ignorada desde a Idade Média. Assistimos à renascença do cristianismo. A consecução das altas metas de bem estar econômico não diminui, como não pode deixar de ser, o interesse pela futura elevação, ainda maior, dos níveis de vida. Os contrastes entre a renda *per capita* dos habitantes dos principais quatro continentes, embora consideravelmente diminuídos, provocam ainda sempre fortes pressões no sentido de seu nivelamento integral.

Enfim, não vivemos num paraíso... Entretanto, em comparação com a época atual, os tempos em torno de 1953 parecem-nos um verdadeiro inferno...





Prestes sai a ver a feira-livre, em Copacabana. Após dez anos de rigorosa clandestinidade, a feira tem um sabor de novidade.

PRESTES VOLTOU REALISTA



Prestes falou à REVISTA durante 190 minutos: respondeu a quase todas as perguntas.

Prestes prefere a poesia

É possível eleger um

Parla

APLAUDINDO O REALISMO udenista e revelando-se disposto a "entender-se com todos, sem discriminação contra quaisquer líderes ou forças políticas", o sr. Luís Carlos Prestes declarou, ao reiniciar na semana passada (após dez anos de isolamento) suas atividades de dirigente político, que "tudo vai fazer para unir as correntes nacionalistas e ajudá-las a vencer as eleições de outubro".

Numa entrevista de 190 minutos, exclusiva para a REVISTA DA SEMANA, Prestes falou sobre os mais diversos assuntos, mostrando-se em dia com os problemas atuais. É um homem extremamente simples, de raciocínio ágil e demonstra ser muito inteligente: apenas a uma pergunta confessou-se incapaz de responder — sobre poesia concreta.

Ele não quer falar sobre estes dez anos de rigorosa clandestinidade, recusa-se a dizer onde e como os viveu. "Não é hora de tripudiar sobre os inimigos. É melhor falar do presente e do futuro". Só no fim da entrevista diria alguma coisa, muito pouco e muito pelo alto.

— Agora pretendo atuar na vida política como dirigente comunista — diz — e nosso esforço será no sentido de tornar os comunistas um elemento de coesão. Não faremos restrições preconcebidas a ninguém: agiremos sem exclusivismos e sem qualquer pretensão de hegemonia.

OS COMUNISTAS NAS ELEIÇÕES

Fala sobre o acontecimento político do ano, as eleições de outubro:

— Não se trata, para nós, de eleger comunistas. Desejamos a vitória das forças nacionalistas. Contribuiremos para eleger democratas e nacionalistas, sejam eles comunistas ou não.

O sr. Luís Carlos Prestes já começou a participar de entendimentos e acordos eleitorais com outros políticos e partidos. "Minha intervenção direta nesses entendimentos muito virá facilitá-los" — diz. E informa à REVISTA DA SEMANA a posição dos comunistas nos principais Estados:



um Parlamento com maioria democrática e nacionalista, que comece a resolver os problemas nacionais, diz o líder comunista.

— No Rio Grande do Sul apoiaremos a candidatura do sr. Leonel Brizola. No Ceará é provável o nosso apoio ao sr. Virgílio Távora, udenista, democrata e nacionalista. No Estado do Rio a situação é ainda fluida, mas considerando que o PSD, e não o PTB, reúne a maior parte da massa getulista, é possível que marchemos com ele. Seria muito difícil, porém, a candidatura do sr. Amaral Peixoto, por causa de suas posições abertamente antinacionalistas e pró-americanos. Em Pernambuco as coisas ainda estão muito difíceis. As forças nacionalistas e democráticas compreendem a necessidade de unirem-se para derrotar os reacionários dirigidos pelos srs. Etelvino Lins e Cordeiro de Farias, mas continuam muito divididas. Nosso esforço está sendo para que se unam e encontrem um nome digno para levar às urnas. Na Bahia nada está certo, por enquanto. A divisão do PSD é grande e uma definição nossa vai depender, em muito, da correlação de forças no próprio PSD. É mais provável, porém, que apoiemos o sr. Vieira de Melo, embora

nada tenhamos contra o sr. Antônio Balbino, a não ser o fato de que até agora não cumpriu o seu programa. Em São Paulo o problema é mais complexo e nossa posição deve ser decidida em plano nacional.

Prestes acrescenta que não tem informações precisas sobre os demais Estados e, voltando a falar do Estado do Rio, assinala que atualmente os comunistas apóiam o governo do sr. Miguel Couto Filho e contribuíram para a recente eleição do sr. Togo de Barros à presidência da Assembléia fluminense, contra o candidato dos srs. Amaral Peixoto e Barcelos Feio.

SEJAMOS REALISTAS

O realismo de Prestes leva à pergunta sobre o realismo udenista, agora na ordem do dia.

— A UDN — responde — procura apoio das massas. O general Juracy Magalhães, como ele próprio diz, procura

Stalin foi uma necessidade: só um governo forte

crescer para vencer. Isso é difícil para a UDN por causa de sua linguagem, muito personalista. Parece que os udenistas são os únicos honestos, os únicos patriotas. Não vai ser fácil para eles um acordo com o sr. Ademar de Barros, depois do que disseram dele os udenistas de São Paulo. Eu compreendo isso perfeitamente, porque nós cometemos os mesmos erros, e quando procurávamos entender-nos com as pessoas às quais atacávamos, pessoal e violentamente, os entendimentos tornavam-se muito difíceis. É necessário fazer política não em torno de homens, mas em torno de problemas brasileiros. Na medida em que o senador Juracy vê nisso realismo só posso aplaudi-lo.

O líder comunista acha que a situação nacional se desenvolve num sentido positivo, de um modo geral, mas afirma que desconhece alguns de seus aspectos:

— Nada sei sobre a existência de entendimentos entre os militares de 24 de agosto e os de 11 de novembro. Estou convencido, porém, de que nas forças armadas, e principalmente no Exército, os elementos contrários ao nacionalismo são muito poucos e estes são equivocados. Um exemplo é o do general Juarez Távora. Vejo nele um patriota, com um belo passado de lutas, que poderá marchar com os nacionalistas desde que se liberte de algumas influências reacionárias. Eu gostaria de conversar com ele.

E acrescenta que “não houve e não há qualquer relação” entre o Partido Comunista e o Movimento Militar Constitucionalista “Nem mesmo houve entendimentos”, antes ou depois de 11 de novembro.

— Os comunistas não participaram do movimento de 11 de novembro, mesmo porque o programa do partido era radicalmente contra qualquer movimento desse tipo. Nós o apoiamos depois, quando a vida nos colocou diante do fato consumado e positivo. Foi a primeira vez na América Latina que as forças armadas tomaram posição aberta contra um golpe tramado pelo imperialismo. Pode-se dizer que os setores reacionários do regime, no Brasil, perderam, em parte, um de seus principais elementos de opressão. Isso é muito importante.

Também não participou o PC do 24 de agosto. Aqui, diz Prestes, a posição foi “profundamente errada”, particularmente em face de Vargas. Não souberam os comunistas apoiar, como deviam, a Vargas contra o golpe que levou o presidente ao suicídio e ao Catete o vice-presidente.

— E o sr. Café Filho?

— Prefiro falar do Café Filho perseguido pelo Estado Novo, exilado, do combativo deputado da Oposição que costumava gritar no Parlamento: “lembrai-vos de 37!”. O Café Filho de 24 de agosto é muito recente, eu me encontrava afastado da vida política e receio dar sobre ele uma opinião precipitada. Poderia dar opiniões injustas e não desejo cometer uma injustiça.

TITO ESTÁ ERRADO

Prestes acha que os comunistas (inclusive ele próprio) erraram muito e que alguns desses erros refletiam as posições do Partido Comunista da União Soviética e de Stalin, mas outros (os principais — diz) foram mesmo de casa.

— Tínhamos uma concepção falsa da realidade brasileira e da situação internacional. A partir de 1948 exageramos a força do imperialismo e vimos o processo histórico às avessas. Considerávamos a revolução exclusivamente como insurreição. Em 1950 estávamos, no auge desses erros. O programa do partido (1954), se bem que em menor escala, ainda os repetia. Precisamos ter uma atitude bastante crítica para podermos aplicar uma orientação justa.

Ele diz estar convencido de que é possível eleger um governo nacionalista e democrático e de que este governo poderá executar reformas essenciais e imediatas “para permitir o pleno desenvolvimento nacional”.

Afirma que é preciso pôr acima de tudo os interesses nacionais.

— Na Hungria — lembra — o erro fundamental foi do partido, que pretendeu construir o socialismo segundo o modelo e o ritmo soviéticos, sem levar em conta o fator nacional, o sentimento nacional do povo. A ditadura instalada em 1919 procurou incutir nos húngaros, durante muitos anos, o ódio contra os russos. A Hungria foi um dos países mais devastados pela guerra. Não há uma família húngara que não tenha perdido um filho, um irmão, o pai, um parente próximo, lutando na frente russa. O Exército Vermelho foi obrigado a quase arrasar Budapeste para desalojar a resistência hitlerista. A política do Partido Comunista agravou o sentimento anti-soviético. Houve, mesmo, desrespeito ao sentimento nacional: até uniformes militares e datas nacionais chegaram a ser substituídos. O imperialismo compreendeu que ali estava o ponto fraco e aproveitou a situação.

Prestes acha que a intervenção soviética salvou o socialismo e discorda da opinião iugoslava sobre a rebelião húngara:

— Creio que Tito e Kardelj não tinham razão. A opinião de Kardelj (dada em um discurso na Assembléia Nacional Iugoslava) falta uma posição de classe. Mas sua posição já evoluiu e as divergências tendem a diminuir. O processo de discussão e as divergências no movimento comunista, após o XX Congresso do PCUS, não evoluíram no sentido que o imperialismo desejava, mas no sentido de uma nova e mais alta unidade.

OS “TRANSVIADOS” VOLTARÃO

Assegura que as coisas aqui também marcham assim.

— As consequências da cisão entre nós são pequenas. O dirigente mais destacado que saiu de nossas fileiras foi Agildo Barata. Nas bases a sua influência foi pequena. Aconteceu uma coisa interessante. Apesar da contradição entre a direção e as bases, estas, embora divergindo, defenderam a direção. A tendência é para solucionar satisfatoriamente as dificuldades. Minha presença facilitará isso.

Prestes acredita que os “transviados” voltarão: “o lugar dos revolucionários é em nossas fileiras”.

— O sr. Agildo Barata poderá voltar?

— Só depende dele.

— Que deve ele fazer se quiser voltar?

— Isso é com ele.

Diz o líder comunista que os erros de Stalin estão sendo superados.

— Esses erros tiveram raízes históricas e nos defeitos pessoais de Stalin, já assinalados por Lenin, se bem que as causas históricas tenham predominado. Quem viveu, como eu, os anos do primeiro plano quinquenal, pode compreender que só um governo forte e altamente centralizado poderia realizar aquela tarefa gigantesca, à custa de tão grandes sacrifícios. Era preciso construir em dez anos uma indústria pesada, sob pena de ser esmagada a URSS. Passei meses tomando chá sem açúcar e comendo algumas gramas de carne por semana, eu que era lá um engenheiro estrangeiro e por isso tinha algumas regalias. Isso decepcionava alguns intelectuais que lá estiveram, na época, esperando encontrar o paraíso. Foi o que decepcionou, por exemplo, a Gide. Em 1931 (estávamos em plena crise) passei por Paris e Berlim. Os magazines estavam cheios de artigos, mas às mósas. Quando alguém entrava, seis, oito empregados avançavam

forte se sustentaria

para ver se vendiam alguma coisa. Ao chegar em Moscou vi exatamente o contrário: os armazéns completamente vazios de gêneros e artigos de consumo, mesmo os mais indispensáveis. Às vezes surgia um pouco de alguma coisa para vender e formavam-se longas filas. Que governo se sustentaria numa situação destas se não fôsse forte, centralizado, com rigorosa disciplina? Quando a situação melhorou, porém, a centralização e as restrições não afrouxaram. O mal-estar continuava, em consequência do ritmo da industrialização e de uma política agrária errada. Stalin formulou a teoria da "agravação da luta de classe à medida em que avançava a construção socialista". Essa teoria justificou a continuação do excessivo centralismo e das rigorosas medidas restritivas, cujo resultado se conhece.

Prestes discorda de que isso esteja ligado à natureza do regime e nega aquilo a que Milovan Djilas chama "a nova classe", privilegiada na sociedade soviética.

— Djilas não tem razão, absolutamente. Não se pode construir o socialismo sem partido e sem aparelho de Estado. A luta contra a burocracia está sendo travada com veemência na URSS. Agora mesmo a burocracia sofreu dois grandes golpes, com o processo de descentralização e com a passagem para os colcosos das "Estações de Máquinas e Tratores".

Afirma, também, que na URSS existe a verdadeira democracia. Ainda agora, no expurgo de Molotov-Malenkov-Kaganovich-Chepilov, em sua opinião, as coisas se passaram democraticamente:

— Eles tiveram toda a liberdade de defender seus pontos de vista e sua conduta perante o Comitê Central do Partido, que é um organismo legítimo. E podem apelar para o XXI Congresso, que dirá ou não se estavam realmente errados.

Acha que o XX Congresso do PCUS revelou importantes problemas e "teve enorme significação para o movimento comunista mundial". Este se desenvolve, agora, "muito melhor, mais unido e mais forte". A recente Declaração de 68 Partidos Comunistas (33 milhões de membros) reflete "essa força e essa nova e mais alta unidade, é um verdadeiro documento programático".

CONCRETISMO, NÃO

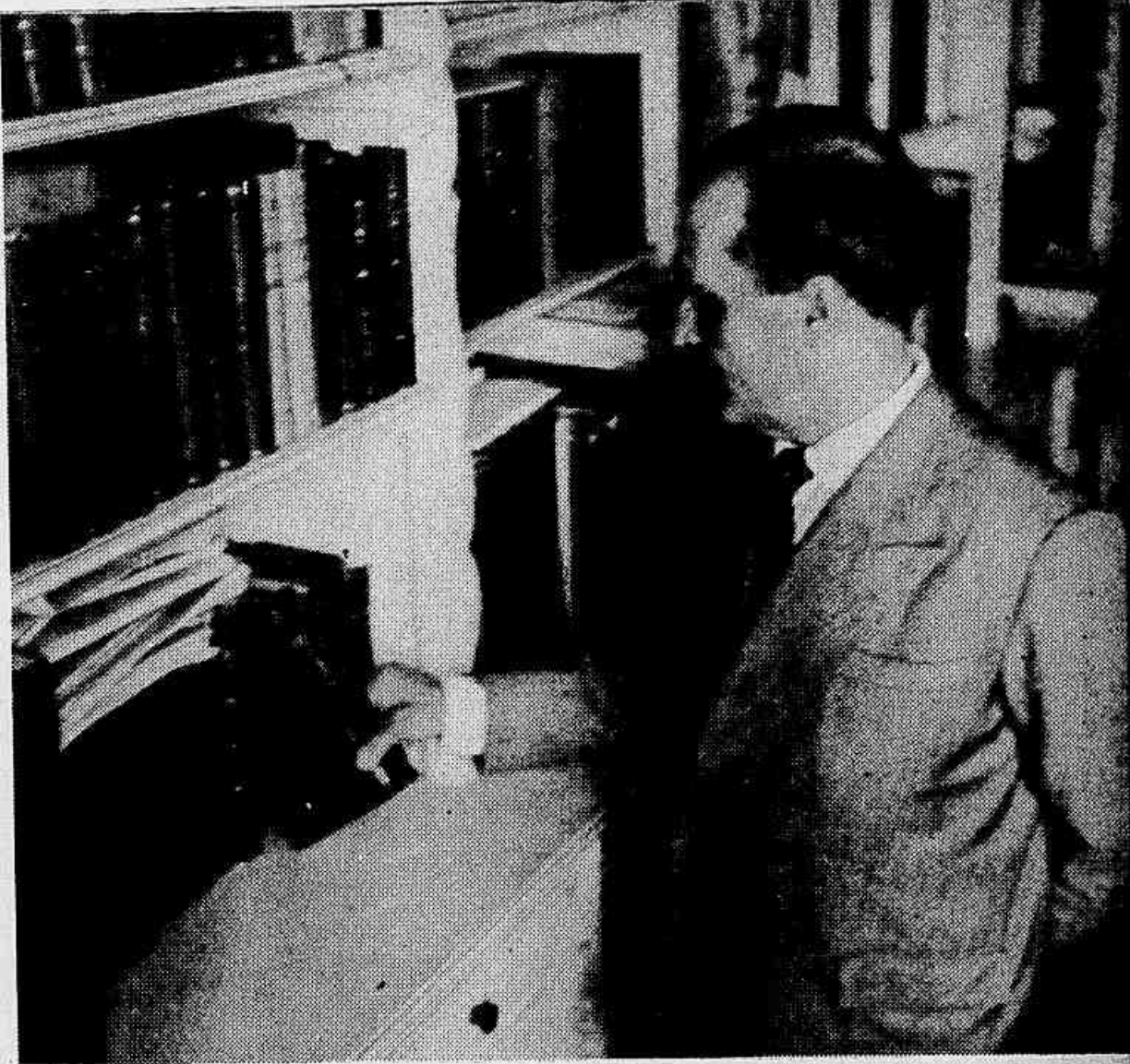
Prestes recusa-se a falar sobre seus anos de clandestinidade. Diz, porém, que não deixou de acompanhar os acontecimentos e sempre tentou não perder o pé. Leu muito: inclusive romance, poesia, teatro. Gostou principalmente das "Memórias do Cárcere", de Graciliano Ramos, das obras de Guimarães Rosa, das poesias de Manuel Bandeira. Também de Carlos Drummond de Andrade.

— Sempre gostei da poesia dele. Ainda na prisão, quando escrevia para minha mãe às vezes punha no envelope uma poesia de Carlos Drummond.

Achou muito bom o "Auto da Compadecida", de Suassuna (leu, não pôde assistir). Prefere ler peças de teatro, e principalmente poesia, aos romances. Mas não pôde acompanhar o desenvolvimento da arquitetura nem das artes plásticas (apenas recebeu algumas revistas e umas fotos do "Tiradentes" e do "Guerra e Paz" de Portinari. "Onde eu me encontrava até os jornais chegavam com dificuldade".)

Apesar das dificuldades, acompanhou e admirou o desenvolvimento material e técnico da imprensa no País, não só dos jornais como das revistas: "têm avançado muito, nestes anos".

— Só uma coisa não consegui compreender: a poesia concreta. Sempre lia no suplemento do "Jornal do Brasil", mas confesso que é muito complicado...



Prestes vê as novidades editoriais, que não pôde receber.



Durante a entrevista chegam telegramas. Congratulações dos amigos.

"Minha volta à legalidade muito facilitará os entendimentos políticos".



NORDESTE, ANO ZERO

SENTADA NA AREIA grossa e suja, debaixo da ponte seca, a garotinha estava só. De longe era um ponto perdido na imensidão desolada da paisagem áspera. Levantou os olhos molhados para a camionete e nem se mexeu quando nos aproximamos. Estava só e chorava, num soluço magoado, que sacudia o corpinho miúdo. Podia ter uns cinco ou seis anos. Podia também ter oito. Depois de três anos de seca as crianças perdem a conta da idade.

Contou aos pedaços a sua histôrizinha banal, pequeno drama no quadro da seca terrível. Morava numa fazenda, "lá longe", com o pai viúvo e os irmãos. Com a seca, bateram em retirada. Muitos dias andaram até chegar a Icó, onde o pai esperava encontrar trabalho. Enquanto esperava, para comer, todos pediam esmolas. Ela fôra emprestada a uma conhecida e se encontravam às tardes debaixo daquela ponte seca, onde pernoitavam. Há três dias o pai e os irmãos não apareciam e ela fôra abandonada.

Esperava, há três dias, pelo pai desaparecido e pelos irmãos.

Estava só e tinha fome. Fome de três dias: fome crônica de três anos.

* * *

SEMPRE QUE OUÇO falar em seca o quadro pungente desta menina perdida, que fomos encontrar debaixo da ponte da cidade cearense de Icó, agarrada a sua boneca de pano tão suja, ela também coberta de trapos, volta nítida aos meus olhos.

Ela me parece um símbolo da seca. Agora o nordeste volta a sofrer, com tão pequenos intervalos, uma nova calamidade.

Debaixo da ponte de Icó deve estar outra criança perdida.

* * *

NA ÚLTIMA GRANDE seca que se abateu sobre o nordeste e que durou três anos — 1951, 1952 e 1953 — percorri

quase toda a região assolada, em fevereiro de 1953, quando o flagelo alcançava o seu ponto máximo.

Tudo que vimos vai se repetir agora, numa monotonia que não é irritante, porque é criminosa. A seca podia estar sendo encarada pelo nordeste como um problema sério e grave, mas perfeitamente suportável. A seca só é flagelo porque não existe governo.

Fenômeno perfeitamente estudado, com todas as soluções resolvidas, há dezenas de planos prontos e aprovados, que resolveriam o problema. Mas nenhum é executado. O nordeste é um vasto cemitério de obras inacabadas ou fragmentárias, que significam as únicas iniciativas dos diversos serviços, estaduais ou federais, de combate à seca.

* * *

A SECA DESTA ano está apenas começando. O governo ainda não "acredita" nela. Esta é uma atitude muito comum no sul. Não se acredita na seca ou então se tem muita pena dos flagelados, quando a seca se impõe como uma realidade trágica e começa a matar de fome.

Mas, quando as cidades começarem a ser invadidas pelas levas de retirantes famintos, quando a imprensa começar a grande cobertura, então o governo mostrará o seu dinamismo e seu coração piedoso.

O presidente naturalmente percorrerá, no "Viscount", as regiões mais cruelmente assoladas, para assistir à distribuição de gêneros, enviados de avião pelas Pioneiras Sociais. Mas então será muito tarde para uma ação severa e séria. Os paliativos de última hora apenas servem para amenizar, por alguns momentos, casos individuais.

Não o problema coletivo, de toda uma imensa região, o famoso polígono das secas. Nem toda a frota aérea brasileira bastaria para abastecer o nordeste faminto pela seca.



Agoniza a vaca : há um urubu em seu destino.

É inútil mandar pelo ar a esmola de uma saca de feijão. Mesmo porque ela nunca chega ao estômago do ilagelado.

* * *

NA HORA AGUDA da seca o problema fundamental é assegurar trabalho ao nordestino que abandona as fazendas, larga o cabo da enxada e foge para as cidades. Na fazenda, quantas vezes abandonadas pelos donos, não há mais nada a fazer. Impossível plantar no chão esturricado. Não há mais trato de gado, que é abandonado nos campos abertos ou entregues aos cuidados de um ou dois vaqueiros, incumbidos de queimar os espinhos do mandacaru para enganar a fome e a sede dos bois.

O retirante tangido pela seca não procura água, mas trabalho, que lhe assegure a subsistência até que as chuvas voltem e ele possa retornar à sua terra.

Plano para enfrentar a seca, na fase em que está a que o nordeste suporta, é plano de trabalho, de obras de emergência, que possam absorver os retirantes e retê-los nas cidades até o inverno chegar. Do contrário, quem puder e tiver como, fugirá para o sul. Vai recomençar a procissão dos "paus-de-araras", indústria rendosa, que enriquece muita gente. Mas isto já é outra história.

* * *

O PEQUENO E o grande açude é uma bênção para uma área de alguns quilômetros ao redor.

Na imensidão cinzenta da paisagem queimada pelo sol de meses a fio, vê-se, de raro em raro, uma mancha verde. De perto o mistério se esclarece: um fazendeiro providente que conseguiu comprar a sua moto-bomba e arranca água do chão para as necessidades essenciais. Este pode suportar a seca e esperar a volta dos dias de fartura.

Mas como é difícil comprar uma moto-bomba! Não há dólares para a importação, ninguém financia o fazendeiro do nordeste.

* * *

TODA UMA VASTA região do país está com a sua economia e seu estilo de vida convulsionado pela seca inclemente.

A tragédia, assumindo cores espetaculares, naturalmente que comoverá mais uma vez a Nação, obrigando o governo a movimentar-se para as providências de fachada. Foi assim em 1953. Tem sido sempre assim.

Até mesmo com as estradas que cortam o nordeste, a seca vai perdendo um pouco a sua dramaticidade. O nordestino tem agora por onde fugir, até às cidades. Já não morre de sede: vai morrer de fome, de doença.

Mas, ainda se contam casos de mortes pela sede. Em Santana do Mato, no centro do Rio Grande do Norte, morava em 1953 um velhinho, de seus rígidos setenta anos, numa casa isolada naquele chapadão pedregoso, espantosamente castigado pela seca. Água para beber era preciso buscar a seis léguas de distância, no único poço que não secara e que abastecia os raros e espaçados moradores da serra abrasada. Caminho duro, serpenteando pela serra íngreme, perigoso mas de uma beleza extraordinária.

Para buscar água, consumia o velhinho um dia inteiro para trazer a provisão de uma semana, em duas cabaças.

Na sua última viagem, encontrou o poço seco. Quis voltar mas não resistiu a sede. Na pavorosa agonia, arranhou e mordeu, com os dedos e a boca sangrando, um círculo de muitos metros da terra seca. Encontraram-no dias depois, meio comido pelos urubus. A terra revolvida contava a história da sua agonia.



Jerusalém mudou-se para o Estádio do Maracanã e os carlocas puderam ver a entrada de Jesus Cristo em 1958. Há promessas de melhor

CRISTO NO MARACANÃ COM O SEU PRIMEIRO TROPICAL

VESTINDO UM TERNO de tropical listrado, um pobre do Convento de Santo Antônio entrou no Maracanã montado em Lucas, o jumento, que vinha acompanhado por Anabela, a jumenta. Desempenhava o papel de Jesus Cristo entrando em Jerusalém, que vinha para salvar setecentas moças muito bonitas dos pecados capitais. Os pecados, a uma ordem de D. Hélder Câmara (Arcebispo-Auxiliar do Rio de Janeiro e "meteor-en-scène" da "Tarde Sagrada"), subiram em balões de gás do Serviço de Meteorologia, libertando as moças de todo o mal, "Amem", disseram duzentas mil pessoas (inclusive o presidente da República).

Duas moças (da turma da Luxúria) desmaiaram de calor e cansaço, depois de desfilarem representando o sexto pe-

Moças formaram um caminho sinuoso (o d



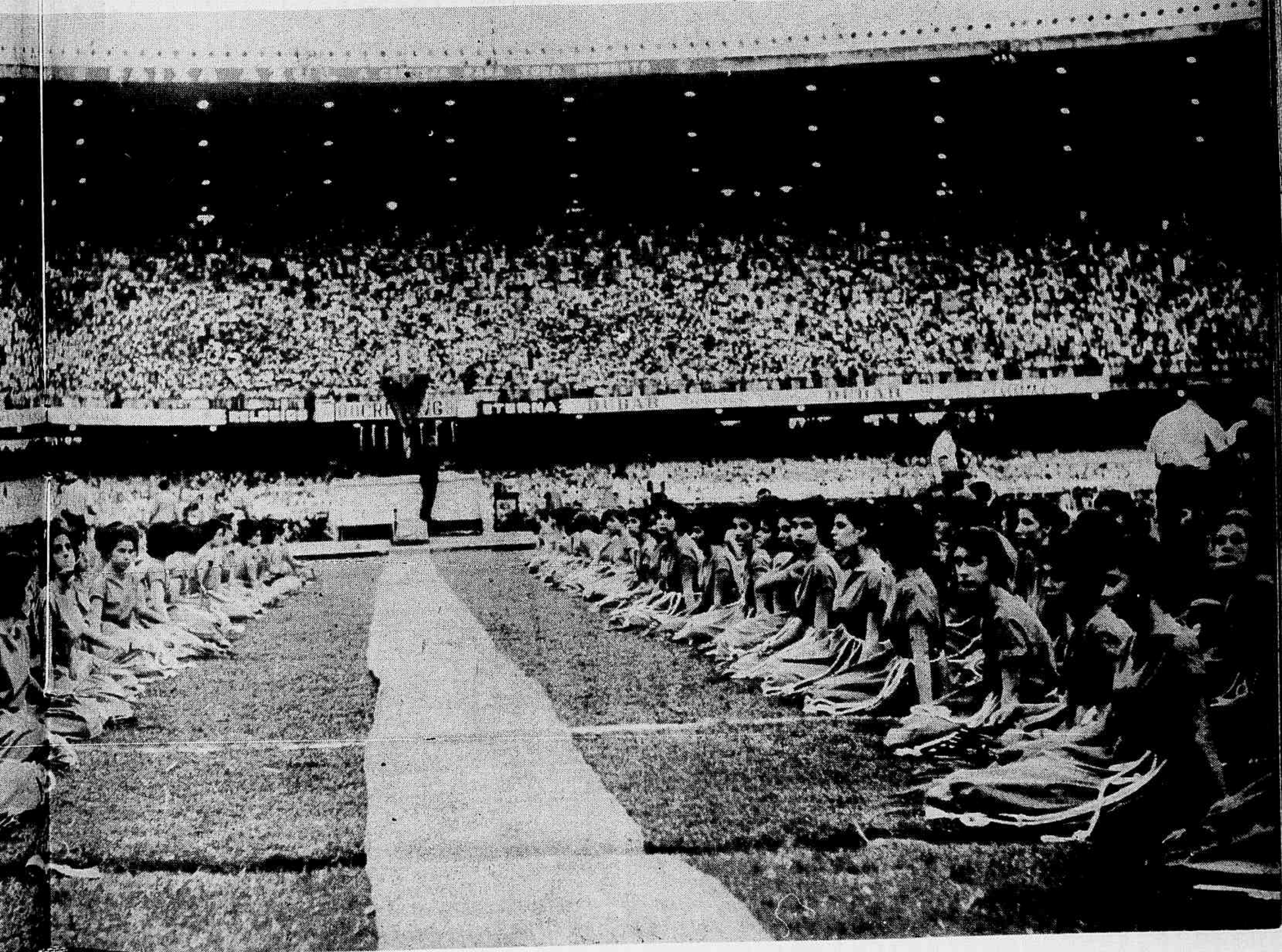


SSAS de "melhor espetáculo" para o ano.



Um pobre do Convento de Santo Antônio foi Jesus Cristo. Ele entrou no gramado montado em Lucas, o jumento, e foi abraçado pelo cardeal no fim da tarde.

ho simulo o (o de Jerusalém) para dar passagem a Jesus Cristo.





A turma da Luxúria foi uma das que mais bem atuaram no Maracanã, mas teve duas moças desmaiadas depois que se libertaram

Ela aumentou os pecados no Maracanã

Na turma da luxúria aconteceram desmaios

cado capital. De braços abertos, elas se movimentavam dando dois passos para a frente e um para a direita, ao som de um tan-tan, seguindo a marcação do professor (de Educação Física) Alfredo Colombo. Elas vestiam túnica côr de abóbora e estavam, como tôdas as moças que representavam as prisioneiras do pecado, com as mãos amarradas.

As setecentas moças, alunas dos colégios Santa Dorotéia, Santa Úrsula, Santa Rosa de Lima, Santos Anjos, Imaculada Conceição, Nossa Senhora do Soin, Santo Amaro, Sacré-Coeur foram as prediletas dos fotógrafos e desfilaram na seguinte ordem e em grupos de cem: a Ira (túnicas vermelhas), a Preguiça (túnicas pardas), a Inveja (túnicas azuis), a Gula (túnicas verdes), a Avareza (túnicas amarelas), a Luxúria (túnicas abóboras) e a Soberba (túnicas roxas).

No final do diálogo, puxado por D. Hélder, os balões foram soltos e subiram "como símbolos da vida nova que todos estamos desejando". Segundo o libreto, as prisioneiras se libertaram ao som de música religiosa e festiva ("Aleluia", de Haendel).

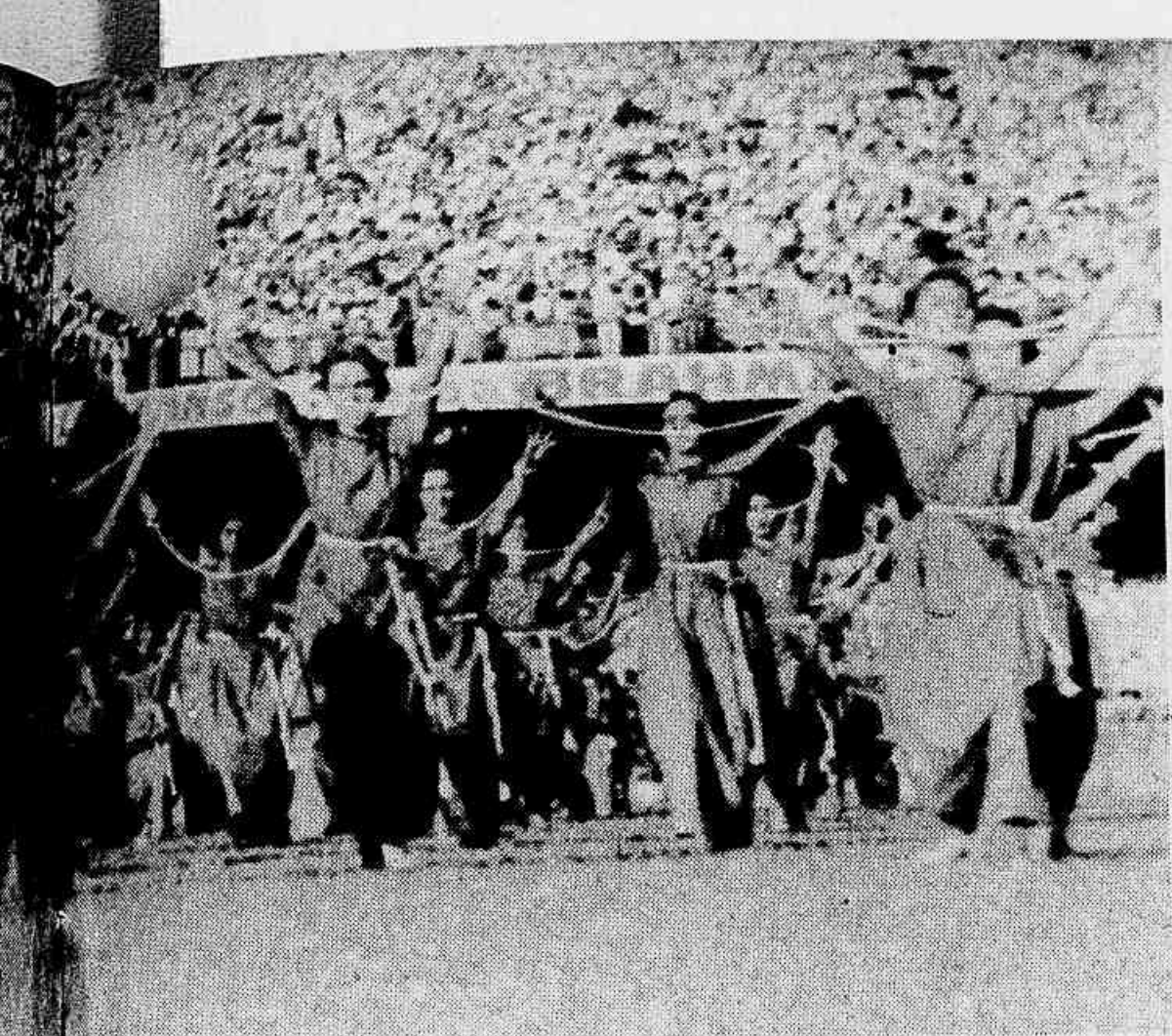
A segunda parte da "Tarde Sagrada" começou com o Cardeal Jaime Câmara benzendo os ramos que a multidão agitava.

As moças, livres de pecado, formaram um caminho sinuoso (caminho de Jerusalém) por onde entrou Jesus Cristo. O jumentinho Lucas (que se recusou, terminantemente, a entrar em campo sem Anabela, sua companheira) parou junto ao altar, onde o Cardeal abraçou Jesus Cristo, que tinha lugar especial para assistir à terceira parte da "Tarde Sagrada".

A terceira parte foi a missa explicada, com a Paixão de Cristo lida em português pelo padre Alvaro Negromonte.

A "Tarde Sagrada" começou às 16 horas e acabou às 18, quando D. Hélder anunciou que "no ano que vem tem mais" e que "será ainda mais belo e emocionante".





ber
taram do pecado.

Cardenal Câmara rezando a missa na "Tarde Sagrada".

Calor e cansaço fizeram desmaios mas o espetáculo continuou.





Tracy e o 7002. Uma saída de banho ou um conjunto para a tarde.

LES GIRLS

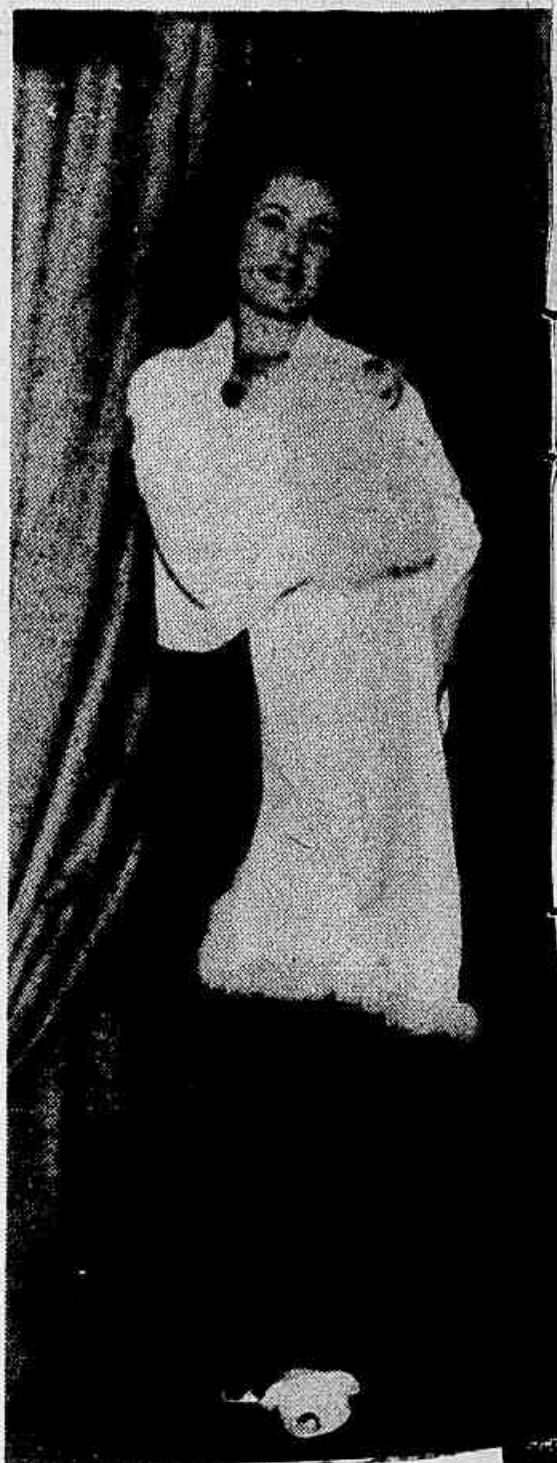
FICAM À VONTADE

DESFILE



Shary e o blusão coral.

Camisola de jersey de nylon preto e estola com uma manga.





Diane e o conjunto espanhol para noite.



Alice e a camisola azul.

LOCAL: Salão do Hotel Glória, ao lado da piscina.
Data: 26 de março de 1958.

Hora: 17,30.

Personagens: Shary Layne, Diane Cannon e Tracy Morgan ("Les Girls") e Alice, que veio da Suíça, via São Paulo.

Acontecimento: lançada a "linha saco" para lingerie, batizada como linha "A Vontade". Lançada também a linha "Funcional" para as roupas esporte.

Comentário (de uma mocinha presente): "A linha saco disfarça certas coisas que não devia disfarçar; mas em lingerie fica ótimo, porque é cômodo". E sobre o nylon, material de tôdas as criações: "Além de moderno é ótimo, porque é muito leve".

O maior sucesso: As côres (exclusivas da Nailotex). Para sua informação acrescentar que a côr da moda para as loiras é Nailotex coral e para as morenas Nailotex bois-de-rose.

Os modelos estavam todos numerados e os números mais adotados foram: 663 (camisola em pluma de nylon amarela, "Les Girls"); 6004 (peignoir com pastilhas vermelhas) e 327 (pijama de jersey de nylon branco); 362 (pijama em pluma de nylon branco); 627 (camisola em jersey de nylon preto, com renda fina, de nylon).

No esporte: 7005 (conjunto Nailotex em preto, com faixa grená, inspirado na roupa dos toureiros — para a noite também); 7002 (conjunto blusão e calça, com capuz, em azulão); 7004 (conjunto branco, blusão e calça, com echarpe azul); 209 (blusão coral, para saia ou calça comprida); 7007 (conjunto saia-blusa-e-calça, em azul).

Duas grandes sensações foram o soutien "Surprise", que Heloísa Helena (a apresentadora) disse ser "algo de definitivo e de imprescindível para a elegância da mulher" e uma estola Nailotex bois-de-rose, com manga para o braço direito.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo,
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particula-
res, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.



DA BELEZA
E VISOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasia-
damente volumoso, use BEL-HORMON
nº 2. BEL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernis-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



B E L -
HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de «BEL-HORMON»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

'Mil' lhe oferece:

Contra ROUBO do seu CARRO
FECHADURA
TRAVA DIREÇÃO



SEGURANÇA ABSOLUTA
Colocação imediata
TODOS OS CARROS

MERLI

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6194

RIO DE JANEIRO



Nosso próximo número

Exclusivo

FRONDIZI

QUASE MORREU:

COBRA



O D. E. apresenta

IVANA KISLINGER

Entrevista

CARVALHO

PINTO

FALA À RS

CÂMERA LENTA

BALLET

Os jornais noticiaram a possibilidade de um duelo entre os diretores de "ballet" marquês de Cuevas e Sérgio Lifar. Este último, a primeira vez que esteve entre nós, fez um imenso sucesso e era sempre cercado por um grupo de fãs da sua arte, quase todos candidatos a bailarinos. Um dia, quase na hora do espetáculo, Lifar foi acometido de uma crise nervosa que imediatamente transformou-se numa neurose coletiva, com todos os rapazes da sua "entourage" dando gritinhos nervosos, enquanto alguns mais calmos borrifavam gotinhas de água no rosto do artista. Custou-se a descobrir a causa da crise, que era a seguinte: um dos rapazes "levava como lembrança" uma sapatilha velha que Lifar usava nos ensaios. Acontece que o par de sapatilhas era um verdadeiro amuleto do bailarino que sem elas não podia enfrentar o público. Descoberta a origem da perturbação foi a sapatilha devolvida e Lifar, depois de alguns calmanthes, foi bailar.

SURPRESA DE COMPOSITOR

Passando um dia na rua S. José, Ary Barroso ouviu um disco tocado numa casa do ramo, achou-o bonito entrou e comprou-o. Com surpresa, verificou tratar-se de uma composição sua de que não se lembrava. Aliás, a única pessoa que conhecia toda a obra de Ary Barroso era o saudoso Evaldo Rui, irmão de Haroldo Barbosa (o famoso Pagaré), produtor de tantos programas humorísticos. Com o desaparecimento de Evaldo Rui, Ary Barroso não pode saber os nomes de todas as suas obras.

CARTA

A respeito de comentários desta seção sobre os conflitos havidos por ocasião do "raid" do Jaú, em que dizíamos ignorar os termos do placard que o suscitou, recebemos do nosso Luís Teixeira (do "Diário da Noite", de Recife) uma carta em que esclarece definitivamente o assunto, numa reportagem retrospectiva tão interessante que não queremos pri-

var o leitor de sua leitura. Na carta, depois de informar que morava por trezentos mil réis mensais numa ótima pensão no centro da cidade passa a narrar o episódio de que foi testemunha e ator:

"Certa noite, aproximadamente às vinte horas, dirigia-me para o "Trianon", pequenino teatro que existiu onde me parece está funcionando o "Cineac". Quase contíguo ao extinto "Trianon", em antigo prédio de apenas um andar superior, era instalado o jornal "A Pátria".

Observei que diante daquele órgão uma dezena de pessoas comentava, em altas vozes e entre gestos indignados, o teor do placard que, há poucos minutos, fôra aposto na parte externa (andar térreo) do matutino em referência. Aproximei-me. Li o tal placard e, confesso, dei o meu palpite de solidariedade aos "juizes" ali presentes.

Rapidamente, avoluma-se a concorrência. Mulheres e homens.

Ouve-se o primeiro brado protestativo: "Tira o placard!" E a comparsaria: "Tira! Tira!"

O placard é retirado pelos "amotinados" e reduzido a ínfimos pedacinhos.

Sobre vidraça de "A Pátria" é lançado o primeiro "petardo": uma pedrinha, arrancada dos arabescos negro e branco nos passeios da avenida. Em seguida, e daí ininterruptamente durante dez minutos, outro e outros "petardos" do mesmo "paiol".

A municidora — decidida e incansável —, bonita senhorinha, assentada no meio-fio da calçada, utiliza brilhante tesoura, para o corte das unhas, no deslocamento dos "petardos" bicolores.

O comediógrafo Paulo Magalhães chega à janela central do andar superior — redação — do jornal "A Pátria" e tenta falar. É apupado. E desiste.

"A Pátria", por intermédio de um dos seus auxiliares, iça a bandeira nacional, enquanto a multidão lhe invade o escritório comercial. Em tempo e graças a Deus, havia sido fechado o sólido portão de varões de ferro que interceptava a passagem para as oficinas e a redação...

Ouve-se forte estampido no interior do jornal. Ficou nesse.

Ousado rapaz sobe nos ombros de cidadão alto e consegue alcançar a sacada onde drapeja o pavilhão. Retira-o. É, prolongadamente, aplaudido.

A bandeira do Brasil, respeitosamente, é conduzida para a redação de o "O Globo", então situada no andar superior do edifício em cujo pavimento térreo se encontrava a Livraria Editora Freitas Bastos.

Chega a cavalaria da Polícia Militar. É recebida pela multidão com imensa vaia bem caprichada.

A mesma coisa, invariavelmente, pela noite em fora e no dia seguinte: multidão e cavalaria. Esta, de quando em quando, faz treinos de limpeza das espadas nos lombos dos mais lerdos. Hóspedes do "Hotel Avenida" ficam solidários com a multidão. E, a cada passagem dos cavalarianos, atiram contra a "opinião pú-

blica montada" restos de comida, cascas de banana, água e projéteis outros, os mais variegados. Como no amor ou no ódio as mulheres são exageradas, linda senhora, do terraço lateral do "Avenida", arremessa uma cadeira que deruba empertigado polícia da sua montaria agressiva.

Pouco a pouco, surge a paz — com algumas prisões, muitas pancadas, mas, felizmente, sem mortos. Foram mais ou menos quarenta e oito horas "que abalaram" o Rio de Janeiro, tendo por estopim um — aquele — placard.

Na famosa travessia que, em 1922, executaram os valorosos portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, fizeram eles pouso forçado nos rochedos São Pedro e São Paulo, em águas do Brasil. Praticamente, haviam realizado o projetado vôo sobre o Atlântico Sul, da Europa ao nosso país.

Logo após, no seu destemeroso "raid", Ribeiro de Barros, conduzindo o seu "Jaú", fôra também obrigado a pousar em pleno oceano Atlântico. Esse acidente motivou o placard afixado pelo matutino "A Pátria" — mantido pela colônia portuguesa.

Noticiava o malfadado placard: "O Jaú caiu a quarenta milhas ANTES dos rochedos São Pedro e São Paulo".

Aquêle advérbio — ANTES — no placard grafado, levemente, em caracteres maiúsculos, estabelecia paralelo desvantajoso para o nosso pátrio, o paulista Ribeiro de Barros, e — este o veredicto daquele tribunal de uma dezena de pessoas — achincalhava ao Brasil.

Aqui tem, caro companheiro, o "que é que estava escrito no placard" — com o testemunho do seu velho confrade, que o abraça:

LUIZ TEIXEIRA
(Pela cópia — José da Silva)



Salvador possui agora um zoobotânico

SALVADOR, a capital da Bahia, tem agora mais um motivo de atração, que veio juntar-se aos seus encantos: o Parque Zoobotânico Getúlio Vargas, que o governador Antônio Balbino mandou construir no bairro de Ondina, situado na orla atlântica mais bonita da velha metrópole.

Embora instalado há pouco tempo, o Parque Zoobotânico é um dos mais ricos do Brasil, sendo já habitado por uma fauna superior a 700 animais de vários países, entre os quais, pela sua importância, destacam-se os leões de juba negra, de origem africana, os ursos de coqueiro da Indo-China, os lobos do

norte, da Europa, a hiena da Abissínia, os veados sambar da Índia, os lobos pintados (produto do cruzamento da hiena com o lobo comum), as zebras de Grant, da África Ocidental, a macaca chimpanzé, macacos da Índia, tamanduá-bandeira, etc.

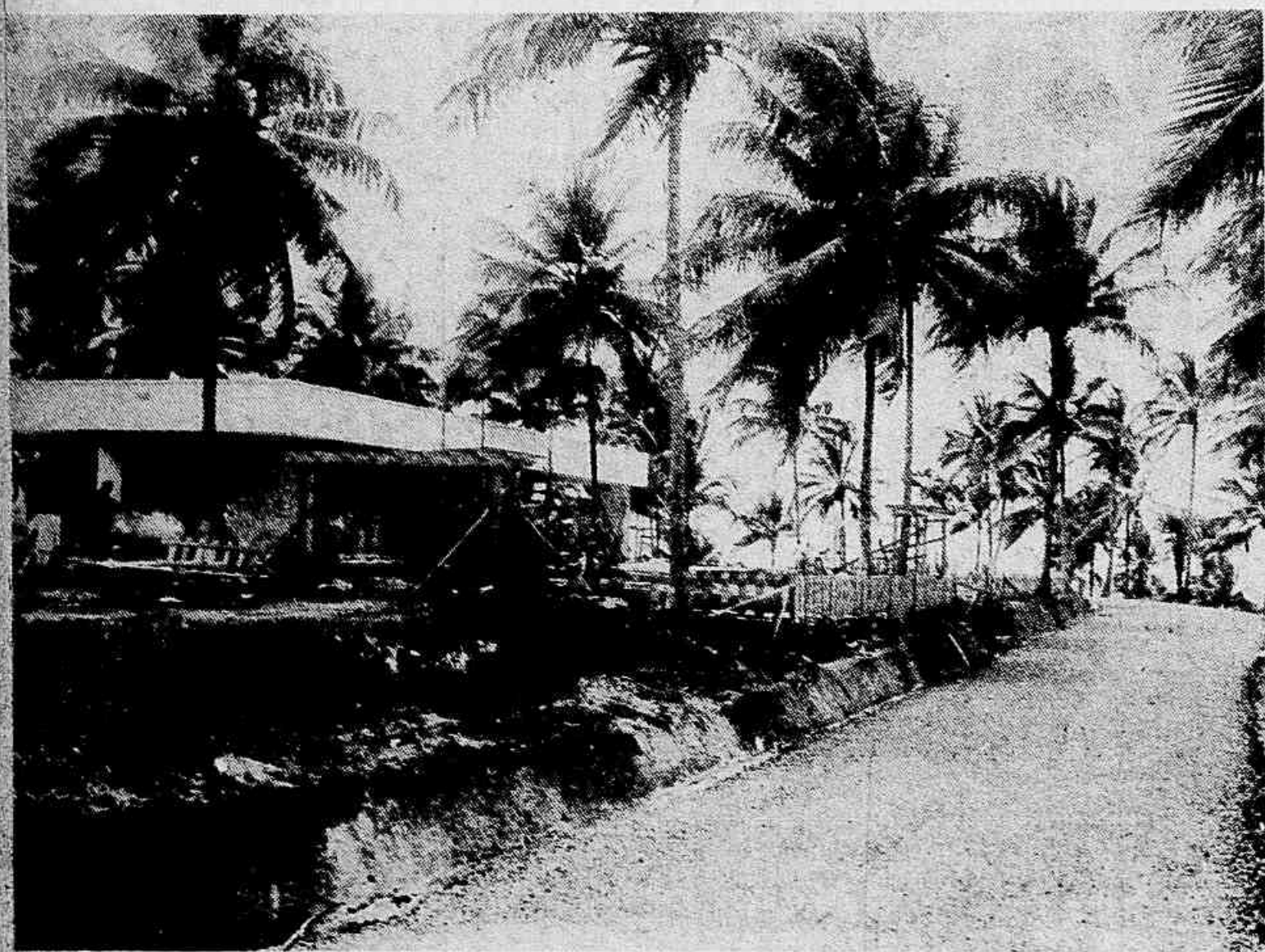
Há ainda exemplares de onça pintada, geraquatis barbudos, capuchinhos barrigudos, e os belíssimos cisnes negros australianos, os faisões dourados e prateados de origem asiática, além das cacatuas noivas e rosas australianas, e muitas outras aves, cuja raridade e beleza enriquecem o zoo de Ondina.

O Parque Zoobotânico Getúlio Vargas ocupa uma área arborizada, onde ficava o Campo de Experimentação de Ondina, nêle se destacando várias obras de moderna arquitetura. Na parte zoológica há acomodações especiais para zebras, pôneis, camelos, antas, capivaras, jaulas para feras, pavilhões para roedores, aquários e um pombal. Para a petizada possui 3 "play-grounds", dispondo, ainda, de pitorescos recantos para piqueniques à sombra de árvores e dos coqueirais. Muito original é a ilha dos macacos, habitada por símios; uma boa atração para as crianças, que têm agora no bonito parque um motivo de atração.

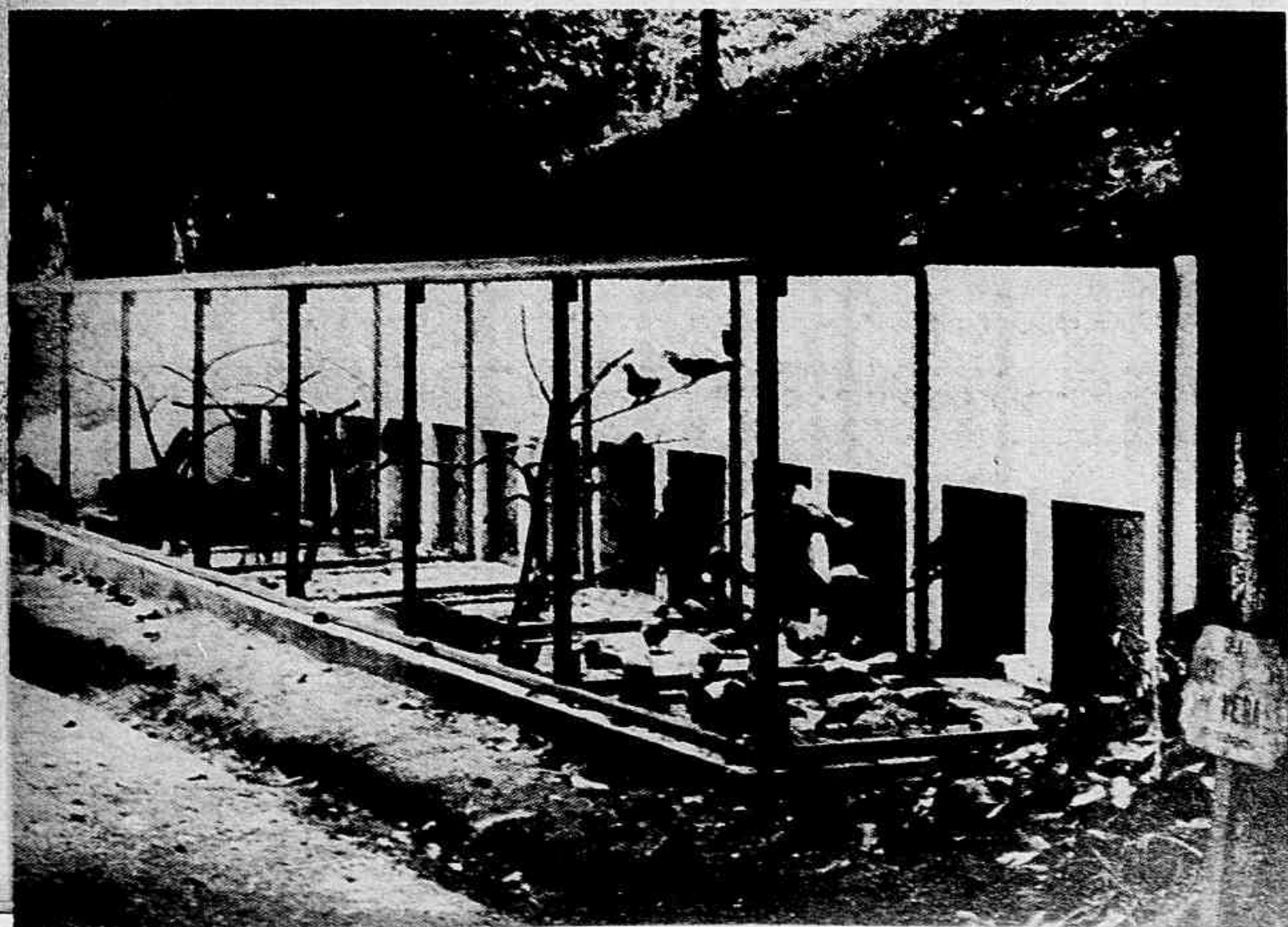
A ilha dos jacarés, com vários exemplares da fauna brasileira, é também, pelas suas características, verdadeiro atrativo do zoobotânico de Salvador. Foi feito principalmente para preservar a existência dos seus habitantes, possibilitando ao visitante uma visão dos movimentos dos animais. Funcionando em moderno prédio, de onde se pode ver a paisagem atlântica, está o restaurante e bar, com salão de danças, rink, "play-ground", etc.

Os baianos estão de parabéns com esse empreendimento do governo Antônio Balbino, talvez único no gênero no país, que além da parte recreativa oferece possibilidades aos estudiosos da zootécnica e da botânica, por causa da variedade de animais que ostenta, de diferentes procedências, propícia ao estudo e à observação.

A execução dessa obra esteve a cargo da Secretaria de Agricultura da Bahia, cujo titular, sr. Jaime Guimarães, impôs a todos os setores que a compõem um programa de realizações, principalmente ao Departamento de Produção Animal.



Uma das várias construções do Zoobotânico Getúlio Vargas, no pitoresco parque de Ondina. Embaixo: vista parcial da seção de pássaros.



Uma calúnia muito digna

MARY TILFORD, uma desagradável menina que usa sua inteligência para praticar o mal, é aluna de um colégio dirigido por Karen e Marta, duas jovens dedicadas, Zangada por ter sido justamente castigada por Karen, Mary simula um ataque do coração para escapar ao castigo. Dr. Joe Cardin, noivo de Karen, constata o fingimento, irritando ainda mais o monstinho. Esta, então, foge para a casa de sua rica avó, Mrs. Tilford. Como a alegação de que é perseguida pelas diretoras não convence a senhora, Mary se aproveita de uma calúnia inspirada por uma discussão havida entre Marta e sua tia Mrs. Mortimer (professora do colégio), afirmando que Karen e Marta são lésbicas, ilustrando sua afirmativa com detalhes convincentes. Isso, é claro, chocou a velha, que, imediatamente, comunica-se com as mães de outras alunas, revelando o fato que resulta na retirada das meninas. Isso leva o colégio à bancarrota. As diretoras movem um processo judicial contra a velha, pretendendo provar a calúnia; perde-o por falta de um testemunho importante, o de Mrs. Mortimer. Uma vez arruinadas, Joe Cardin quer salvá-las, mas a dúvida também o amargura. Seria verdade aquela história? Karen surpreende-se com a atitude do noivo e resolve romper o compromisso. As duas sòzinhas refletem sobre a triste situação, quando Marta confessa que realmente havia nela aquele amor anormal. A tragédia culmina com o suicídio desta última. E' quando Mrs. Mortimer reaparece, para revelar que sua neta havia inventado aquela mentira toda, apenas por vingança e maldade. Quer consertar tudo, não poupando dedicação e ajuda material, mas é tarde.

Esta é a história de "The Childre's Hour", de Lillian Hellman, que Gustavo Dória traduziu para o português; o que surpreende é o fato de sua autora engendrar uma história bem interessante, expondo-a com mestria em teatro, agradando a quase todos os públicos e não fazendo grandes concessões às platéias. A personagem que não tem um desenvolvimento inteiramente coerente é Mrs. Tilford; sendo uma senhora tão honesta e ponderada, não deveria agir com tanta pressa, sabendo das graves consequências de sua atitude, dando crédito ilimitado a uma afirmativa de uma menina de 14 anos.

Adolfo Celi trabalhou com acerto num elenco que não prima pela homogeneidade e cortando algo de supérfluo do texto (no último ato, a serviçal Agata precede a entrada de Mrs. Tilford). Ao lado de artistas com experiência, aparecem outros quase estreantes, resultando uma interpretação de muita categoria. Margarida Rey e Tônia Carrero são de maneira perfeita, as duas jovens caluniadas; a primeira dosou com naturalidade as nuances do papel, ora branda, ora decisiva, ora ríspida (traída pelo inconsciente). Da mesma

pareceu Sebastião Vasconcelos, principalmente no diálogo em que discute com Margarida Rey.

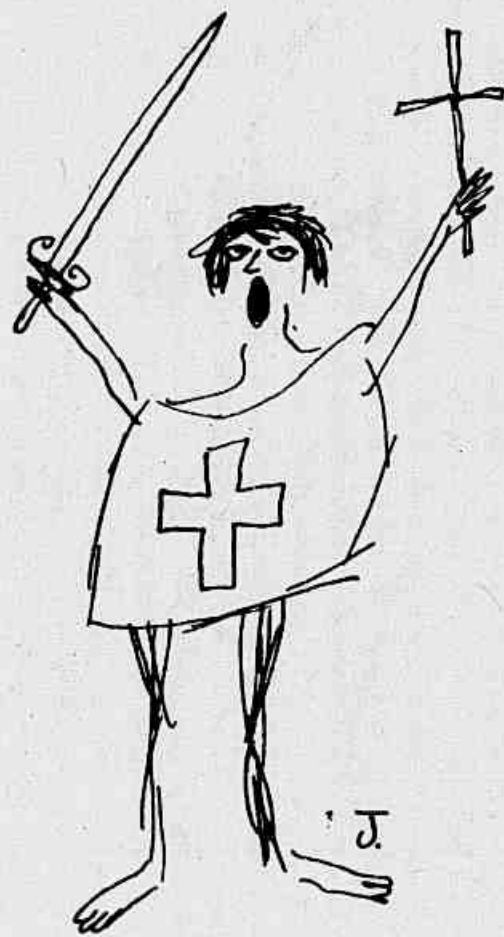
Uma palavra especial para os cenários de Ded Bourbonnais, que contribuíram para a dignidade do espetáculo que a CTCA encena com probabilidades de uma longa carreira.

CURIOSO DESTINO DE UMA PEÇA

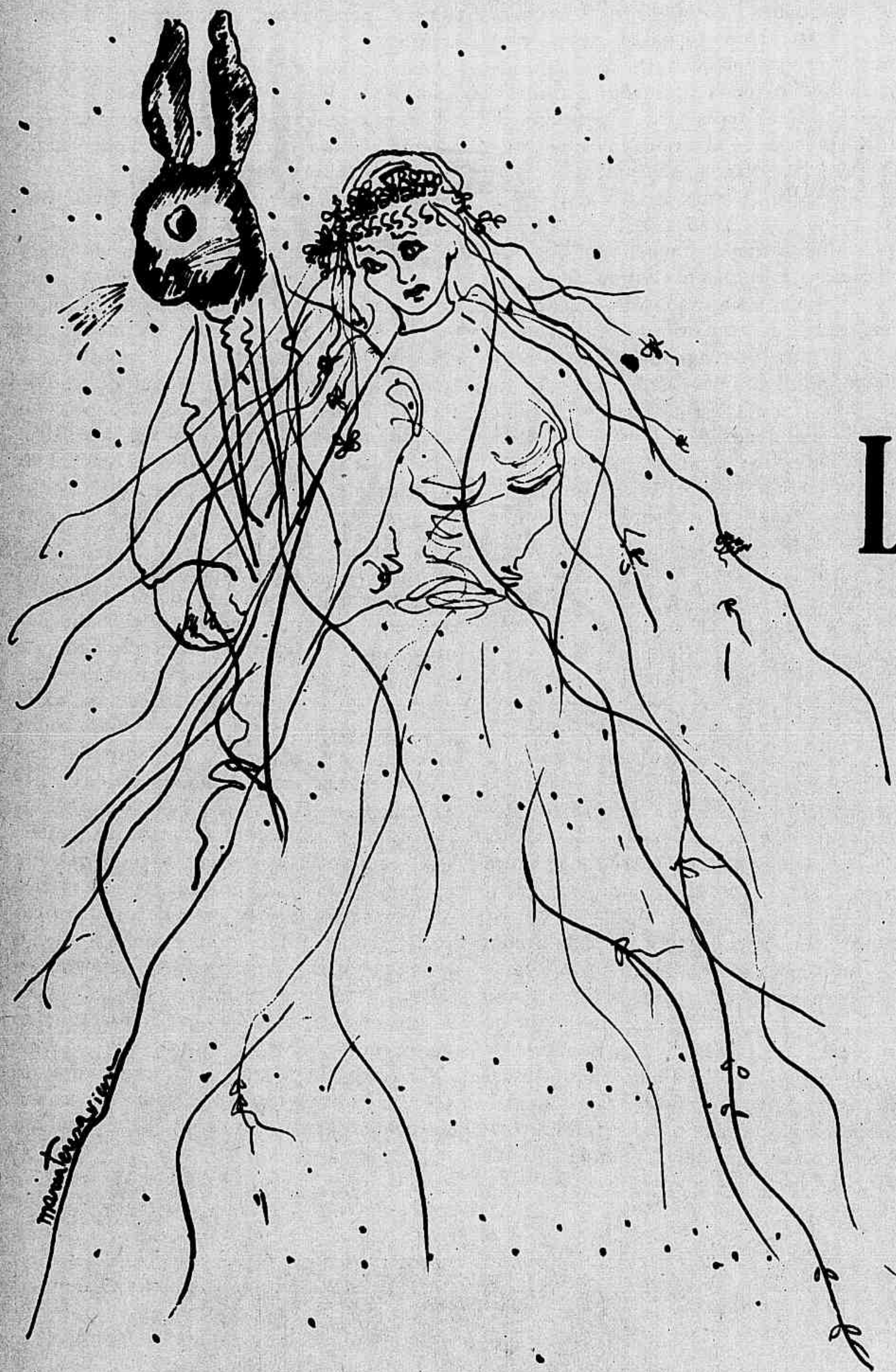
"La Ville dont le prince est un enfant" apareceu em novembro de 1951, em um volume, com a advertência de que seu autor "Henri de Montherlant" não pretendia vê-la encenada. Seu tema é escabroso: a amizade apaixonada de dois jovens alunos de um colégio religioso e a destruição desse sentimento pelos padres superiores. O receio do dramaturgo é que uma representação, poderia adulterar errôneamente o texto.

Entretanto, a 3 de dezembro de 1951 P.-A. Touchard (administrador geral da Comédie Française) propôs montá-la. Montherlant, então, consultou o Monseñor Feltin, arcebispo de Paris; este, apesar de achar que o tema foi tratado com tato e respeito, desaconselhou a montagem. Diante disso, a permissão não foi dada; entretanto, em caráter especial, permitiu que um grupo de estudantes suíços ("Belles Lettres") a exibisse durante poucos dias, em Genebra. O sucesso foi tamanho, chamando a atenção do mundo teatral, que nada menos que dez das melhores companhias parisienses pretenderam a autorização do seu autor, que permanecia irredutível na proibição. Nesse interim, as edições de "La Ville dont le prince est un enfant" se sucediam com venda-gem numerosa e rápida. Alguém, então, sugeriu a Montherlant: "O disco é o verdadeiro modo de execução da sua obra, preservando-lhe o espírito sacro". Seguindo essa opinião, Montherlant resolveu consentir na gravação em "long-play" da "peça encantada", mas sob sua mais rigorosa fiscalização, tendo assistido a todos os ensaios (seis semanas) corrigindo as entonações que julgava impróprias. A direção foi de Henri Rollan e um dos papéis principais coube a Jean Dessailly, sendo Jacques Simonet e Pierre Gothot os dois meninos da história.

Assim, "La Ville dont le prince est un enfant" que deveria ser um sucesso nos palcos de todo o mundo, ficou reduzida a audição (embora bastante cuidada) de alta fidelidade.



forma, Tônia Carrero na simples moça lutadora, soube salientar as várias situações do seu tipo, particularmente nas horas em que é surpreendida pelos terríveis fatos. A menina má foi Helena Xavier; ótimo desempenho, tendo em vista sua quase inexistente experiência de palco. Suzana Negri é uma boa coadjuvante, que integrava o elenco de Dulcina e de quem herdava os maneirismos e afetações, muito a gosto do teatro antigo. Celi limitou-a ao papel, resultando numa ótima criação. Aury Cahet agradou bastante na bôba Mildred, provando que talento não lhe falta. A personagem exagerada de Mrs. Mortimer foi vivida por Monah Delacy, fiel ao tipo caricatural. Um pouco titubeante nos



LAPIN E LAPINOVA

1ª PARTE

Virgínia Woolf

pessoa fôsse capaz de encontrar entre a criatura insignificante e tímida que é um coelho e aquele jovem musculoso, bem parecido, de nariz corretamente consenhado, olhos azuis e boca resoluto. Isso porém ainda tornava o fato mais divertido. O nariz de Ernest contraiase levemente enquanto comia, tal qual os coelhos preferidos de Rosalind costumavam fazer. E assim ficou à espreita, observando os movimentos do nariz do marido e por fim teve de explicar, quando ele apanhou-a fitando-o, rindo muito.

— “É que és tal qual um coelho, Ernest!” — disse. “Um coelho bravo”, acrescentou, olhando para ele. “Um coelho desses que os caçadores apreciam; um coelho de alta estirpe; um coelho que dita leis a todos os outros coelhos”.

Ernest nada tinha a objetar a ser considerado essa espécie de animal e, desde então, resolveu diverti-la contraindo o leve o nariz — nunca soubera que tal lhe acontecia — mas passou a fazê-lo de propósito. E ela riu, uma e outra vez, e ele riu também e ambos riram de tal maneira que as duas solteironas que se encontravam na sala, o homem que lá pesca e o criado suíço, envergando seu casaco preto, lustroso, compreenderam perfeitamente que eles se sentiam muito felizes. Mas quanto tempo duraria essa felicidade? — perguntaram entre eles, e cada um deles respondeu conforme as próprias circunstâncias em que se encontrava.

A hora do lanche, sentados junto de uma moita de urze perto do lago, Rosalind disse, pegando numa folhinha de alface que tinham trazido para comer com ovos cozidos: “Os coelhos gostam muito de alface”. Depois acrescentou:

ESTAVAM ENFIM casados. A marcha nupcial ressoou. Esvoaçaram pombas. Meninos, em trajes de cerimônia, atiraram arroz sobre os noivos; um fox-terrier correu alegremente de um lado para outro lado e Ernest Thorburn conduziu a noiva até ao carro, através daquela pequena multidão de curiosos, absolutamente desconhecidos, que sempre se junta nas ruas das cidades para gozar a felicidade ou a infelicidade dos mais. Sem dúvida alguma o noivo era bonito rapaz e a noiva parecia muito tímida, ouviu-se comentar. Mais uns quantos punhados de arroz e o carro partiu.

Passara-se isto na terça-feira 3, chegados no sábado, Rosalind ainda não se habituara ao fato de ter passado a ser mrs. Ernest Thorburn. Talvez que nunca viesse a se acostumar em ser mrs. Ernest qualquer coisa, pensava consigo, en-

quanto, sentada junto à larga janela do hotel fitava as montanhas para além do lago e esperava que o marido descesse para almoçar. Era bem difícil uma pessoa habituar-se ao nome Ernest. Não, nunca se teria lembrado de escolher tal nome. Preferiria Timothy, Antony ou Peter. Entretanto ele, felizmente, não tinha cara de Ernest. Era um nome que sugeria tempos passados, grandes armários de mogno, gravuras representando o príncipe consorte rodeado pela família — numa palavra, recordava-lhe a sala de jantar da casa da sogra.

Mas, aí vinha ele. Não; graças a Deus não tinha cara de chamar-se Ernest. De que tinha cara afinal? Rosalind olhou para o marido. Pois bem; já sabia. Assim a comer as suas torradas parecia um coelho. Não se tratava evidentemente de qualquer semelhança que outra



"Vem comer da minha mão" e ele mordeu e saboreou a alface e contraiu de leve o nariz.

"Rico coelhinho, lindo coelhinho", dizia ela, acariciando-o como costumava fazer a um coelho domesticado que tinha em casa. Pensando melhor, porém, achou que era absurdo. Ele não era de modo nenhum um coelho doméstico e Rosalind resolveu traduzir a palavra para francês. "Lapin", chamou ela. Mas, não; ele não era de forma alguma um coelho francês, era muito simplesmente um cidadão inglês, nascido em Ponchester Terrage, educado em Rugby; presentemente advogado, ao serviço de sua majestade. Experimentou chamar-lhe "Bunny", foi pior. "Bunny" só era aplicável a uma pessoa gorda, mole e um tanto cósmica. Ele, pelo contrário, era magro, resolutu e circunspecto. Entretanto, o nariz de Ernest contraiu-se. "Lapine", exclamou Rosalind subitamente; e deu um grito como se tivesse encontrado exatamente a palavra que procurava.

"Lapine, Lapine, Rei Lapine", repetiu. Era exatamente o nome que lhe convinha; não se chamava Ernest, chamava-se Rei Lapine. Por quê? Se lhe perguntassem, Rosalind não saberia explicar.

Quando não havia nada de novo acerca do que conversavam durante os longos passeios solitários que deram — e chovia, conforme todos tinham avisado que ia acontecer — ou então à noite, quando ficavam juntos sentados perto do lume, pois fazia frio, as duas senhoras idosas mais o pescador já se encontravam recolhidos e o criado só era visível se o chamavam — Rosalind deixava que a sua fantasia se divertisse com a história da tribo do Rei Lapine. Na sua imagi-

nação, enquanto cosia, Ernest estava lendo. Essa tribo torna-se viva, real e muito divertida. Ernest, a certa altura, botava o jornal de lado e ajudava Rosalind. E a tribo era composta de coelhos pretos e amarelos: tinha animais que eram inimigos e outros muitíssimo dedicados. Depois existia a floresta onde viviam, os prados em redor e o brejo. Mas o mais importante do que tudo quanto a rodeava continuava sendo o Rei Lapine, que não possuía apenas aquela graça de contrair de leve o nariz mas à medida que os dias passavam se tornava num animal de generoso caráter; dia a dia Rosalind descobria nele maiores qualidades e, acima de tudo, considerava-o um grande caçador.

"Como passou hoje o Rei o seu dia?", perguntou Rosalind ao serão do último dia de sua lua-de-mel.

Na verdade tinham passado o dia juntos por montes e valas e ela tinha mesmo arranjado uma bôlha num pé, mas não era a isso que se referia.

"Hoje", respondeu Ernest, contraindo o nariz, enquanto cortava a ponta do charuto, "o rei caçou uma lebrezinha". Fêz uma pausa, acendeu um fósforo e novamente contraiu o nariz.

"Uma lebre branca!", exclamou Rosalind, como se já estivesse à espera que tal acontecesse. "Uma lebre não muito grande, toda prateada e com uns grandes olhos muitos vivos?"

"Sim", respondeu Ernest, fitando-a com a mesma expressão com que ela o fitava, "um bicho pequenino com os olhos como que a quererem saltar e as patinhas da frente muito delicadas". Era exatamente esse o aspecto de Rosalind, naquele instante, segurando a costura nas mãozinhas; quanto aos seus olhos, grandes, brilhantes, pareciam na realidade querer

saltar, pois eram levemente proeminentes.

"Ah, então, era Lapinova", murmurou Rosalind.

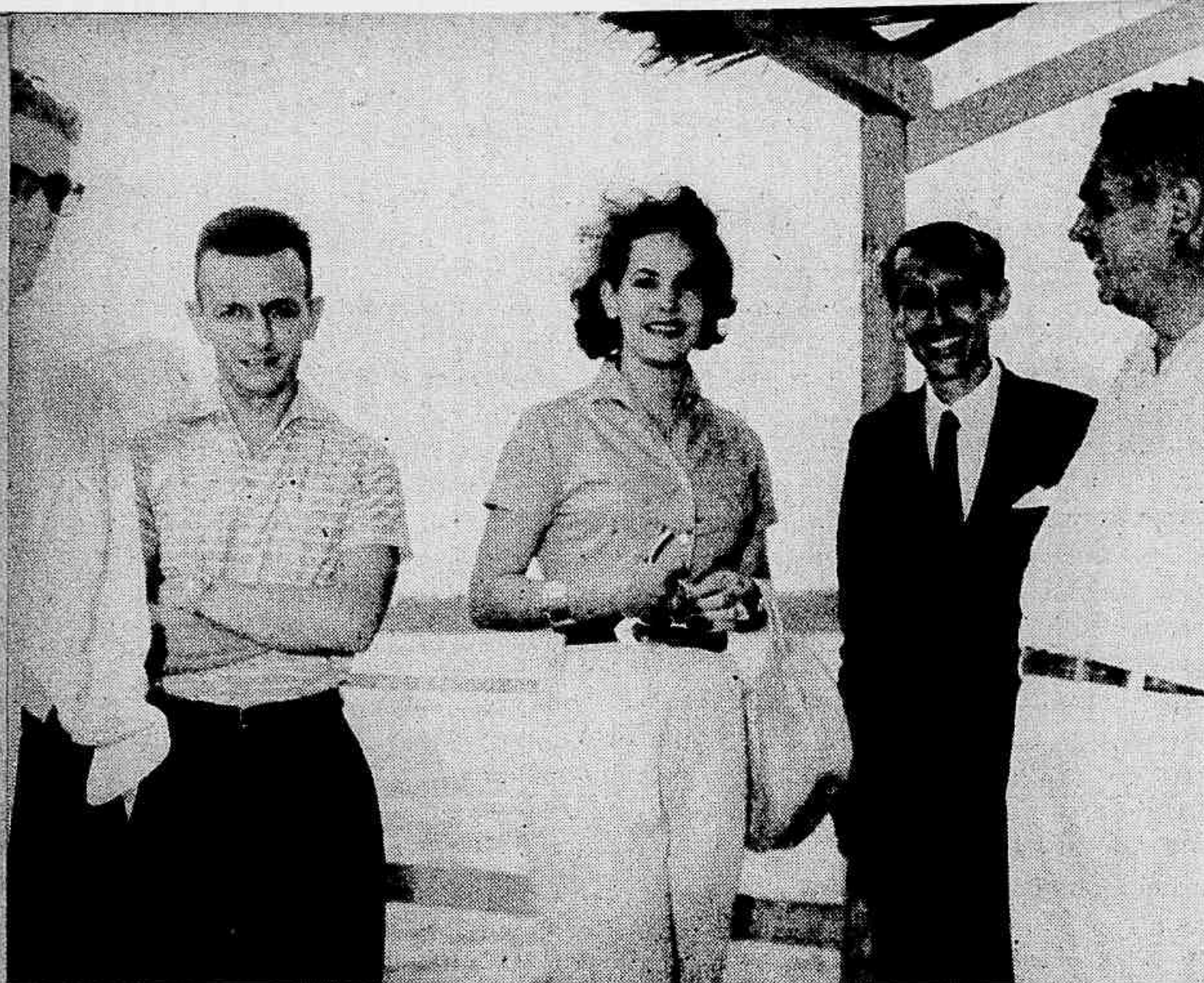
"Chama-se assim?", perguntou Ernest, fitando-a com ternura. Sentia-se apaixonadíssimo por ela.

"Sim, é esse o seu nome", replicou Rosalind, "Lapinova".

E, nessa mesma noite, antes de irem para a cama, ficou tudo combinado. Ele era o Rei Lapine; ela, a Rainha Lapinova. Eram o oposto um do outro; ele era corajoso e decidido; ela prudente e tímida. Ele governava o mundo movimentadíssimo dos coelhos. Quanto ao mundo onde ela se movia era um sítio misterioso e desolado por onde vagueava principalmente em noites de luar. Todavia, os dois reinos tocavam-se e eles eram Rei e Rainha.

Quando regressaram da sua viagem de núpcias possuíam um mundo de que eram senhores absolutos, apenas habitado por uma lebre branca e por um punhado de coelhos vigorosos. Pessoa alguma suspeitava que semelhante universo existisse, o que tornava o fato ainda mais emocionante. E isso fez com que se sentissem talvez ainda mais do que em geral acontece aos recém-casados, absolutamente unidos contra o resto das gentes. Por vezes fitavam-se de soslaio quando alguém falava de coelhos, de florestas, de armadilhas e de caçadas, ou piscavam o olho furtivamente quando a tia Mary afirmava não poder suportar a lebre — "é uma carne tão parecida com a carne de criança" — ou ainda quando John, um irmão de Ernest muito dado ao esporte lhes falava do preço que os coelhos tinham atingido neste ou naquele mercado, quanto as suas peles podiam valer, etc.





Miss Brasil com os diretores do Iate, na ponte de madeira.

COM O DESEJO de dar à terra onde nasceram mais uma obra que fôsse motivo de orgulho de seu povo, um grupo de sergipanos teve a idéia de organizar um clube que reunisse a sociedade da capital.

Assim, é que surgiu o Iate Clube de Aracaju, cujo destino foi entregue ao professor Alcebiades Vilas Boas (Comodoro), dr. Mário Andrade, Emanuel Mesquita e Alvaro Bezerra.

Dando seus primeiros passos em sua sede provisória, um barracão na praia 13 de Julho, o Iate Clube vai ganhando novo alento e já em 1956 a Prefeitura faz a doação do antigo depósito de inflamáveis e, posteriormente, de um terreno anexo com área aproximada de 65 mil metros quadrados.

NOVA SEDE

A vontade de crescer sempre estimulou seus diretores. E surgiu a idéia da construção de uma sede definitiva, que atendesse aos reclamos de uma elite como a de Aracaju.

Vencidos os obstáculos, ficou delineado que o clube traria inicialmente da formação de uma sociedade anônima. Assim é que, de acordo com os estatutos foram emitidas 1500 ações em grupos de 5 para cada sócio. Com esse lançamento foi possível levantar o capital necessário ao financiamento da majestosa sede, cujo orçamento se elevava a 6 milhões de cruzeiros.

O PROJETO

Em estilo funcional, o projeto foi executado pelo eng. Humberto Lemos Lopes, que fez a doação de seu trabalho, também cooperando na campanha em que está empenhada a diretoria do Iate Clube.

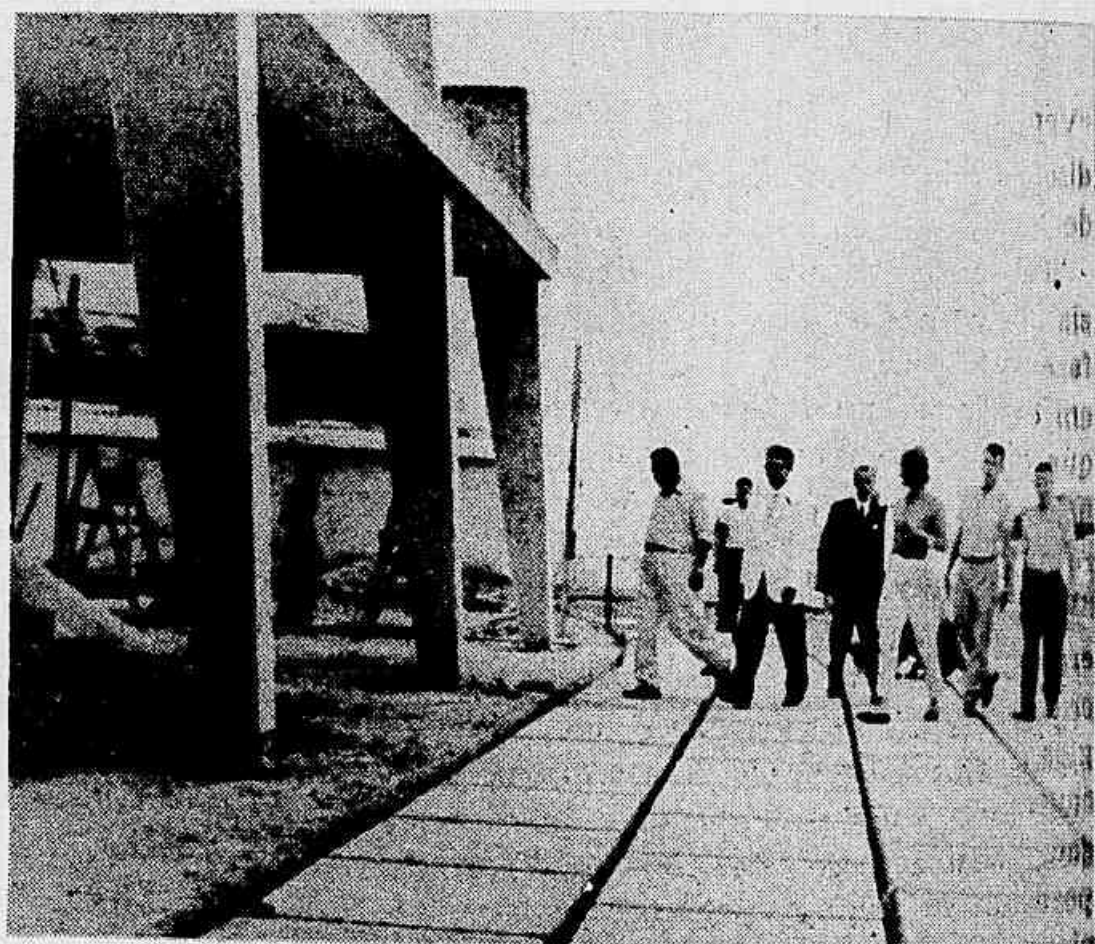
O GOVERNADOR E O IATE

Além do esforço abnegado dos diretores, dr. Mário Andrade, prof. Alcebiades Vilas Boas e Murilo Dantas, deu grande ajuda moral e material o ilustre governador do Estado, dr. Leandro Maciel, que, com seu alto tirocínio administrativo, vem se mostrando um amigo sincero, chegando a fiscalizar, como engenheiro, o andamento das obras.

A INAUGURAÇÃO

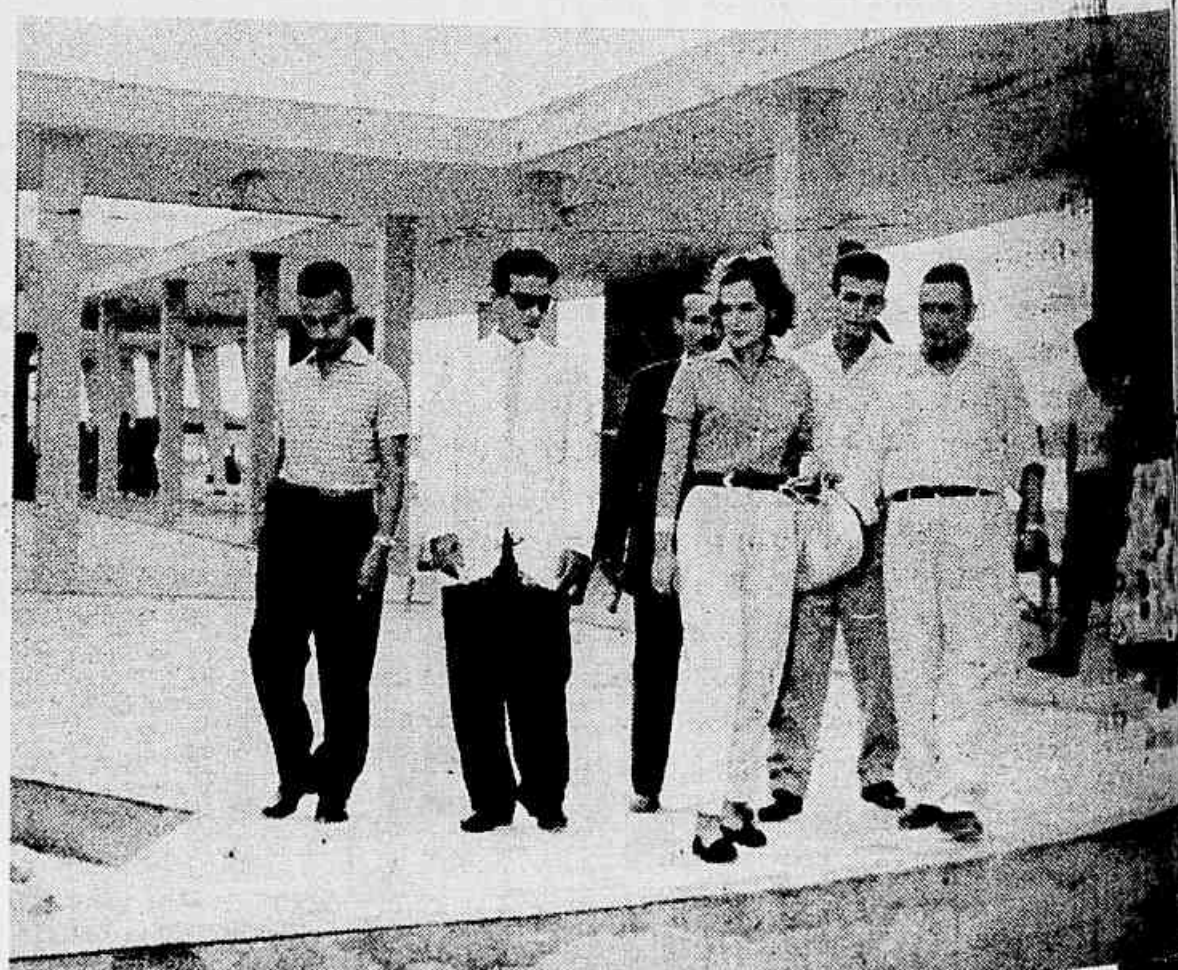
É pensamento da diretoria inaugurar a nova sede dentro de um mês. O acontecimento, sem dúvida, marcará uma nova era na vida social de Sergipe, com a vitória daqueles que, num gesto de desprendimento, tudo fizeram para dar ao seu povo um lugar de destaque que ele bem merece. Mas, a vitória é também do esporte. Vitória daqueles que fazem do iatismo um ideal, um prazer de viver.

O IATE CLUBE DE ARACAJU



Vista da fachada principal, quase terminada.

Teresinha Morango visita a sede do Iate Clube.



RAPTO

SÔNIA, UMA MENINA de três anos, pretinha, foi raptada no dia 19 de dezembro do ano passado, no Estádio do Maracanã, quando, com sua mãe e irmãos, tentava conseguir um brinquedo e castanhas de Natal das «Pioneiras Sociais».

A menina é pobre, morava «Atrás do Zinco», no Morro de São Carlos, e tem as pernas tortas, que balançam quando ela anda. Talvez por isso as emissoras do Rio de nada souberam e os jornais, mesmo os que exploram o mistério e o crime, não passaram da nota de coluna.

O 15.º Distrito nada descobriu. A Polícia Técnica, idem. A Delegacia de Vigilância e Capturas desconhece o caso. O Serviço de Diligências Especiais do gabinete do chefe de Polícia, a Polícia Política e Social e o Serviço Secreto do Exército, ao contrário do que aconteceu com o sequestro de Sérgio Haziót, também não funcionaram. E, talvez por ignorarem que «Soninha» tem olhos muito grandes, castanhos e bonitos, ninguém ofereceu um prêmio pela cabeça do sequestrador.

A MÃE ERA A CULPADA

Apenas um policial foi encarregado de apurar o caso: o detetive Leo Bartolomeu Puccio. E a 3 de janeiro deste ano, 15 dias depois do rapto, entregou ao delegado Fernando Bastos Ribeiro, do 15.º Distrito, um relatório do pouco que havia apurado, acusando d. Alaíde, a mãe da criança, de displicente e culpada, pelo que aconteceu.

Diz o relatório: «Alaíde Loyola, mãe da menor, reside na rua Capitão Guimarães, 856, no Morro de São Carlos, e

por ocasião em que esteve no Estádio Maracanã, em busca de festas, abandonou por duas vezes os filhos, a fim de conseguir refrigerantes, resultando que, na segunda ausência, a criança se extraviou. Houve, sem a menor sombra de dúvida, displicência de Alaíde, que deixou, em meio a grande balbúrdia, quatro crianças de idades inferiores a 4 anos, praticamente abandonadas».

«Djalma da Costa Pereira, pai da menor, objeto desta sindicância, ao ter conhecimento do ocorrido, seguiu para o Estádio e, depois de levar o fato ao conhecimento das autoridades, procedeu buscas de resultado inútil, tendo mesmo se valido do auxílio de espíritos, por intermédio de Miguel Rosa do Nascimento, chefe de terreiro no Morro da Candelária, de Dona Jovem, ou Juventina de Souza e Pedrina Maria da Conceição Pinto».

«A segunda ainda não foi localizada, isto é, não vem sendo encontrada em sua residência, na Favela do Esqueleto. Segundo informou Djalma, essa senhora foi quem in-

Sônia: raptada para pedir esmola?

dicou Miguel Rosa do Nascimento como capaz de, utilizando-se de poderes sobrenaturais, localizar a menor desaparecida. Quanto a Pedrina da Conceição Pinto, conhecida da família da menor extraviada, limitou-se a exorcismos no intuito de provocar o pronunciamento de "guias", sobre o paradeiro de Sônia".

"No terreno prático, foram procedidas minuciosas diligências e buscas na Favela do Esqueleto, de resultado negativo. Essas providências foram motivadas por desconfiança do pai da menor de que a mesma estaria na casa de Dona Maria, residente naquele local".

"Estamos envidando esforços no sentido de fazer a apresentação de Dona Jovem, ou Juventina de Souza, a fim de que a mesma preste esclarecimentos".

"Miguel Rosa do Nascimento, residente na rua Visconde de Niterói, 2, casa 105; Pedrina Maria da Conceição Pinto, da rua Capitão Guimarães, 812, e Rubens Gonçalves, da rua Laurindo Rabelo, 384, fundos, foram convidados a comparecer a esta delegacia, a fim de prestarem depoimentos".

FALHA A POLÍCIA TÉCNICA

O caso foi encaminhado à Polícia Técnica, que também falhou. Um relatório do delegado Silvio Terra ao seu colega Fernando Bastos Ribeiro, datado de 20 de fevereiro deste ano, mais de dois meses depois do rapto, conta a história de um fracasso. E isso seria tudo, não fôsse uma frase de esperança, colocada como que por descuido burocrático, no final do relatório:

"Novas diligências deverão ser feitas com o objetivo de descobrir a criança desaparecida"

Não diz quando, nem onde. Informa apenas:

"Fato: Criança desaparecida no dia 19 de dezembro de 1957, no Estádio Maracanã, por ocasião da distribuição de presentes natalinos"

"Local: Grande aglomeração de pessoas. Resultado das investigações: Negativo. Justificação: Falta de testemunhas, muita gente no local e grande confusão reinante, facilitando o extravio da menor Sônia".

"Pessoas ouvidas: Olga Nunes Esteves, rua Mariz e Barros, 830, casa 2, patroa da avó da menor, cujo telefone foi divulgado pela imprensa, para receber notícias de Sônia. Até o momento, nenhuma informação útil havia recebido".

"Alaide Loyola, mãe da menor Sônia Loyola, desaparecida. Disse que estava na fila esperando a sua vez de receber os presentes, com Sônia e mais três crianças, quando uma senhora, preta-clara, pobremente vestida, com uma menina branca, de 6 para 7 anos, tomou sua filha no colo e lhe fez festas. Esta recebeu primeiro os presentes e se despediu da mãe de Sônia antes de sair do Estádio.

Alaide, depois de receber seus presentes, foi tomar refresco com seus filhos, e, na confusão desta distribuição, Sônia desapareceu. Procurou por todos os modos, localizá-la, mas nada conseguiu até a data presente. Não possui fotografias da menor".

"O pai de Sônia, Djalma da Costa Pereira, que trabalhava na avenida Rio Branco, 257, s/504, nada de útil pôde dizer para a descoberta de Sônia, não tendo tido, até agora, nada que indique o seu paradeiro".

"A perda desta criança foi comunicada à administração da ADEM, ao 15.º Distrito e ao Juiz de Menores e, embora publicada em alguns jornais, nada se sabe sobre a criança. Também as "Pioneiras Sociais", que fizeram a distribuição dos presentes de Natal, avisadas, colaboraram nas buscas, por ocasião deste acontecimento.

"A avó da menor, senhora Antônia da Costa Pereira, que trabalha na rua Mariz e Barros, 830, casa 2, cujo telefone foi divulgado pelos jornais, não recebeu até a presente data, nenhuma notícia a respeito de Sônia".

"Nenhuma informação foi recebida, até agora, no 15.º Distrito. Na Delegacia de Menores também nada existe sobre o paradeiro da criança. Todas as buscas nas imediações do Estádio, Favela do Esqueleto e em vários asilos, resultaram negativos. Apesar dos esforços dispendidos, não foi possível conseguir o paradeiro da menor, passando às mãos de V.S. o resultado destas investigações negativas".

RAPTOR PEDE 100 CONTOS

D. Alaide informou à Polícia que deixou, realmente, as crianças duas vezes, para apanhar guaranás e sanduíches. Na última vez, deu por falta de Sônia. Depois de procurar sua filha pelas proximidades, se dirigiu a um posto de alto-falantes, pedindo que anunciasse o desaparecimento da garota. Apesar de atendida, sua filha não apareceu.

Ao meio dia, hora do fechamento do estádio, teve que abandoná-lo. Levou as três crianças para casa de d. Olga Nunes, na rua Mariz e Barros, e voltou ao Maracanã, ficando até às 19 horas junto ao portão 18, em companhia de Djalma da Costa Pereira, seu companheiro e pai de Sônia.

No dia 25 de dezembro foi chamada ao telefone de "seu Tancredo", dono de uma tendinha, no Morro de São Carlos. D. Alaide não chegou a atender. O homem desligou antes de sua chegada, deixando o recado com o dono da tendinha. Eram 7 horas da manhã e a voz informava:

— Terão que pagar 100 contos, se quiserem que a menina volte para casa!

Soube, mais tarde, que também telefonaram para d. Olga, patroa da mãe de seu companheiro, duas vezes, em dias diferentes. Queriam 70 contos somente, "porque Sônia estava doente".

Embora a pessoa não dissesse como seria entregue o resgate, d. Alaide nem pôde pensar em conseguir o dinheiro. É muito pobre, vive miseravelmente, e seu companheiro ganha menos de Cr\$ 4 mil por mês. Tanto d. Olga como "Seu Tancredo", as duas únicas pessoas que atenderam aos telefonemas, informaram que o homem desligava depois de conversar uns 5 minutos.

A MULHER DO VESTIDO PRETO

Djalma também prestou depoimento. Disse que sua mulher, no dia 19 de dezembro, tomara um bonde no Estádio, a fim de levar ao Maracanã os quatro filhos do casal, entre eles a menina de 3 anos incompletos. Ao desembarcar nas proximidades do Estádio, uma mulher escura, de roupa preta, com 30 anos de idade, sem dentes superiores, prontificou-se a auxiliar Alaide, que conduzia as crianças com alguma dificuldade. Essa mulher de preto carregou Sônia até o Maracanã, onde acompanhou sua mulher e filhos. Mais tarde, despediu-se e foi embora.

Passado algum tempo, sua mulher deixou as crianças sozinhas, para conseguir um refrigerante e, quando voltou, não encontrou mais Sônia. Suelli, a filha mais velha do casal (4 anos) não soube dizer para onde ela teria ido, mas informou que a mulher de preto, que com eles estivera, tinha voltado, embora ninguém a visse aproximar-se da criança e, muito menos, levá-la consigo.

— Depois de procurar inutilmente a garota — conta — Alaide telefonou-me contando o ocorrido. Corri imediatamente para o Maracanã, mas nada consegui. Fui, então, aconselhado a procurar minha filha na Favela do Esqueleto. Estive lá no dia seguinte e comeci a interrogar diversas pessoas. Foi quando passou por mim uma mulher que, mais tarde, soube chamar-se Juventina.

— Moço, eu vi essa criança, mas não posso conversar na rua. Venha comigo ao meu barraco.

Era uma mulata escura, aparentando uns 40 anos e usava dentadura postíça.

No interior do barraco, Juventina disse ter visto uma mulher de preto carregando uma criança ao colo. A descrição combinava com a filha de Djalma. Explicou mais:

— Essa mulher estava acompanhada de uma outra, branca, com cabelo amarrado para trás e tomava o rumo de quem ia apanhar condução na avenida Maracanã.

Conta Djalma que Juventina lhe pediu 10 cruzeiros, para comprar velas. Quando estas foram acêsas, a mulher "caiu em trase", mandando que voltasse lá três dias depois quando, então, descobriria o paradeiro da criança.

— Voltei no dia marcado. Dei-lhe Cr\$ 30,00, mas a mulher não sabia coisa alguma. Mandou-me procurar Miguel Rosa do Nascimento, macumbeiro do Morro da Candelária. Sai diretamente para lá. Miguel, no entanto, não quis me atender, alegando que o terreiro já estava fechado. Voltei numa quarta-feira, entre 4 e 5 horas da manhã, quando apanhei uma ficha, para que pudesse ser incluído entre as 60 pessoas que seriam atendidas naquele dia.

O "Ogum Megê", porém, não sabia onde Sônia se encontrava.

NAO PAGOU O AZEITE DE DENDÊ

Juventina, baiana que mora na Favela do Esqueleto, não sabe ler nem escrever, mas conta com o "auxílio superior". Interrogada pela Polícia, informou que esteve no Maracanã, para apanhar "as festas", no mesmo dia do desaparecimento de Sônia. Recebeu balas, brinquedos, tecidos, quatro guaranás e quatro sanduíches. Declarou que se encontrou com Djalma, pai da menor, na Favela do Esqueleto e que, nessa ocasião, se encontrava em companhia de um outro homem de cor escura.

Confirmou ter levado os dois à sua casa, onde se "concentrou", pedindo auxílio superior. Recebera, realmente, Cr\$ 10,00 para a compra de velas, mas não se recordava dos Cr\$ 30,00 do azeite de dendê. Não, Djalma não pagara o azeite:

— É possível que ele tenha deixado junto ao "gongá", como é de praxe, mas eu não encontrei o dinheiro!

E conta:

— Diante da aflição de Djalma, aconselhei-o a procurar Miguel Rosa do Nascimento, no Morro da Candelária. É o dono de um terreiro, cujos "guias", muito fortes, poderiam colaborar na descoberta da menina.

Juventina desmentiu uma série de informações que lhe eram atribuídas, inclusive a de que teria visto a menina ser conduzida para fora do estádio, e disse que a sua interferência em tudo isso teve apenas por objetivo "ajudar Djalma através da prática da caridade dos poderes espíritas".

DUAS MULHERES "RECEBEM SANTO"

Rubens Gonçalves (rua Laurindo Rabelo, 384, fundos — Morro de São Carlos) informou à Polícia que mora nas proximidades do barraco de Alaíde e Djalma, sendo amigo deles. Depois do rapto da menina, passou a auxiliar Djalma nas buscas, inclusive num centro espírita do Morro de São Carlos, onde uma mulher, depois de "receber o santo" informou que Sônia seria encontrada em Caramujo (Estado do Rio). Estêve lá em companhia do pai da criança, mas nada conseguiram de positivo.

A mulher, de nome Pedrina Maria da Conceição Pinto, dava consultas na rua Joaquim Palhares, em frente à igreja de São Joaquim. Mais tarde, estiveram na Favela do Esqueleto, onde teve oportunidade de assistir à conversa de Juventina com Djalma.

— Essa mulher também "recebeu o santo" e disse que a garôta ia aparecer.

Rubens esteve três vezes no barraco de Juventina e viu quando Djalma entregou-lhe Cr\$ 40,00: 10 para a compra de velas e 30 para o azeite de dendê, destinado à iluminação do "gongá". Recordar-se perfeitamente de ter ouvido Juventina dizer que tinha visto uma mulher branca em companhia de uma outra de cor, conduzindo a menor Sônia.

"OGUM MEGÊ" TAMBÉM FALHO

Dias depois, Miguel Rosa do Nascimento era preso e levado para o 15.º Distrito. O dono da tenda espírita "São



A menina continua desaparecida. A polícia, idem.

Jorge, São Miguel e N. S. da Conceição" declarou que "praticamente a caridade de um modo geral, atendendo a 60 pessoas, diariamente", sendo que, para facilitar o trabalho, fornece fichas de metal numeradas. Mas nada recebe pelo seu trabalho, vivendo de cobranças que faz para uma casa de móveis.

Informou Miguel que, durante as sessões espíritas, recebe um "guia" chamado "Ogum Megê". Não sabe dos assuntos que o "guia" resolve, por ficar inteiramente inconsciente.

— Mas se "Ogum Megê" num arresolveu, só mesmo o "Exu Caveira" pode dá um jeito — disse, pouco depois, na tentativa de explicar o fracasso do seu "guia".

Porém, antes de deixar a delegacia, confirmou a ida de Djalma ao terreiro do Morro da Candelária, mas desmentiu conhecer Juventina.

MARIA VIU DOIS HOMENS

Também foi detida uma mulher de nome Maria Teixeira de Jesus, da rua São Francisco Xavier, 576, Favela do Esqueleto. Contou à Polícia que, em fins de dezembro do ano passado, estando na porta do seu barraco, foi abordada por dois homens de côr, que perguntaram se sabia onde estaria uma garôta que havia sido raptada no Estádio do Maracanã. Disse nada poder informar, pois chegara, recentemente, de Volta Redonda.

A mãe de Sônia: "Daqui há 20 anos eu ainda conheço ela".



Viu quando os dois homens entraram no barraco de Juventina. Os homens eram, soube na delegacia, o pai de Sônia e seu amigo Rubens.

PEDRINA TEVE UM PALPITE

Também Pedrina Maria da Conceição Pinto "médiun" da tenda espírita "Jesus-Maria-José", da rua Joaquim Palhares, foi localizada e encaminhada ao 15.º Distrito. Declarou que, sabendo das dificuldades de Djalma em encontrar sua filhinha Sônia, colocou o nome da criança na mesa de "trabalhos", para "conseguir o auxílio astral". Depois de haver largado o nome na mesa teve um palpite: a menina estaria em Caramujo, no Estado do Rio.

— Não houve interferência de nenhum "guia" — disse. Falei Caramujo por mero palpite, mas podia ter dito também Ilha do Governador, Tijuca ou Copacabana.

Pedrina sorri e lembra as palavras dos "guias" a respeito do assunto:

— Tenha fé, meu fio, pois somente assim, ôce pode encontrar sua fia...

E a mulher jurou, quase de mãos postas:

— Juro por xangô, meu pai, como por esse trabalho todo eu não recebi um tostão!

RAPTOR ANALFABETO

D. Olga Nunes Esteves também foi chamada pela Polícia para falar sobre o telefonema que teria recebido do raptor. Disse que foi no dia 23. Um homem perguntava se a criança já havia aparecido. Como respondesse que não, o homem informou que sabia onde Sônia se achava, mas somente indicaria o local se recebesse uma gratificação de 70 mil cruzeiros.

— No dia seguinte, à mesma hora (7 da manhã), o homem tornou a telefocar. Quería saber se havíamos conseguido a quantia exigida.

Era um homem analfabeto, de pouca instrução mesmo, falando um português completamente errado.

Antes de sair da delegacia, d. Olga disse que vendo a menina na rua, será capaz de reconhecê-la imediatamente.

UMA CICATRIZ NOS PÉS

Disse-nos d. Alaide, na porta do seu barracão, que Sônia ainda não havia aparecido. Ela não desconfia de ninguém, mas acha que a mulher de preto, com quem se encontrou no Maracanã, podia ter raptado sua filha, sendo mesmo a chave do mistério.

— Ela parecia muito pobre. Mas minha filha serviria para ajudá-la a pedir esmola!

Sônia fez três anos no dia 31 de janeiro. Tem cabelos trançados, é bastante forte, pesa 16 quilos, suas pernas são arqueadas, seus olhos muito grandes, bonitos e castanhos escuros.

Quando desapareceu, estava com um vestido azul-marinho, babadinhos brancos, na barra da saia, sapatos pretos, sem meias.

Falava muito em casa, porém, com estranhos não pronunciava palavra. Brincava, diariamente, com seus três irmãos — Sueli, Solange e Djalma — no interior do barraco ou perto do precipício. Seus gritinhos, seu riso, suas manhas deixaram saudades, no morro.

— Coração de mãe não se engana, meu senhor. Minha filha foi raptada, pois não acredito que tenha se perdido e alguém a tenha encontrado. Havia muita gente no Maracanã, inclusive um serviço de alto-falantes das "Pioneiras Sociais". Quem a encontrasse, levava ela e entregava a um polícia.

Depois, d. Alaide surpreendeu-nos com esta informação:

— Vou contar um segredo, que nem mesmo na Polícia eu contei. Sou capaz de conhecer minha filha em qualquer tempo, é só ver a menina. Mesmo daqui a 20 anos eu conheço ela: Sônia tem uma cicatriz de queimadura nos pés.

A POLÍCIA

A polícia já abandonou o caso.



Um modelo Marucelli (gato), em setim, com uma capinha que pode ser removida no verão.

**Muitas vezes
os gatos
são ótimos**



A linha trapézio num vestido de tarde. O modelo é DIOR-Jephrey, em rosa ou azul, tafetá.



Cardin desenhou este modelo rosa. Depois dêle, um inglês. Pode ser executado em linho grosso ou tweed.



Modelo no mais puro espírito Saint-Laurent: vestido duas peças em linho amarelo.

UMA DENÚNCIA dos Grandes Modistas de Paris é o principal assunto da Moda, esta semana. Os denunciados são os ingleses.

Dizem os franceses: "Em qualquer loja de modas da Inglaterra todos os modelos são desenhados e apresentados seguindo rigorosamente a linha dos costureiros de Paris". E mais: "Eles não se conformam com seguir a moda; copiam os nossos modelos e ainda expõem à venda dizendo que são "à maneira de St. Laurent" ou à maneira de quem lhes deu na cabeça copiar.

"Além de ser plágio — dizem ainda os franceses — é uma concorrência desleal, porque os preços dos modelos copiados são muito menores que os nossos originais".

"Para cúmulo dos cúmulos, o nome do copiadador vai pequenininho e o do copiado vai grande, fazendo com que muitas inocentes comprem gato por lebre".

No entanto, os Grandes Modistas reconhecem, "muitas vezes os gatos são ótimos".



Pierre Brasseur e Henry Vidal.



Pierre e Dany.



Pierre : Marselha é o caminho

RENÉ CLAIR TAMBÉM SE MATA POR TERNURA

COM "PORTE DE LILAS" (título brasileiro: "Por Ternura Também se Mata"), René Clair volta aos ambientes de seus famosos "Sob os Telhados de Paris" (1929) e "14 de Julho" (1933).

A história, adaptada livremente de um romance de René Fallet, "La Grande Ceinture", passa-se em um bairro popular de Paris, com seus *bistrots*, seus terrenos baldios, suas velhas casas. Juju (Pierre Brasseur) é um marginal absolutamente inútil, que leva uma vida desordenada, mas conta com a simpatia de todos os vizinhos. Tem como companheiro o guitarrista conhecido como o Artista (George Brassens), e nutre um amor sem esperança por Maria (Dany Carrel), a jovem do *bistrot*. Um dia, um desconhecido entra de mão armada em casa do Artista: é Pierre Barbier (Henri Vidal), criminoso perseguido pela polícia. Os amigos ocultam Barbier, enquanto procuram um meio de afastá-lo sem se comprometerem. Mas o intruso cai doente. Juju e o Artista se desdobram em cuidados. A convivência aproxima Juju mais intimamente do criminoso. Em sua alma de pária nasce uma admiração enorme pelo malfeitor com estampa de galã. Encontra um significado para a vida e essa transformação não passa despercebida no bairro. Quando Maria descobre o motivo, Barbier a seduz para garantir seu silêncio. Apaixonada, a jovem rouba as economias do pai para a fuga do criminoso e combina com ele um encontro em Marselha. Juju, portador do dinheiro, só descobre no último instante o caráter sórdido do "grande amigo".

O final trágico, "que nada fazia prever", "se carecia de verossimilhança no romance, tem justificação, aqui, em tudo que René Clair e Pierre Brasseur nos comunicaram pouco a pouco sobre esse homem aviltado, essa alma pura, Juju" escreve Claude Mauriac. Segundo outro crítico, Paul Guimard, um "grão de areia" entrou inesperadamente no mecanismo de criação de René Clair, "que em 34 anos não manifestara fraquezas". Clair, o autor sempre superior aos seus personagens, o satirista mais intelectual do cinema, teria "encontrado um coração e perdido a cabeça". Em consequência, segundo Guimard, "Porte de Lilas" é o menos perfeito e o mais tocante de seus filmes". "É o mais característico de sua obra falada e seu melhor desde o perfeito "Le Silence est d'Or" (Silêncio de Ouro) — opina André Bazin.

Apesar do "Grande Prêmio do Cinema Francês, 1957", a adesão da crítica francesa não foi unânime. Mesmo entre críticos muito próximos e dignos da maior atenção, as cotações vão de quatro estrelinhas (a máxima: "obra-prima",



Pierre Brasseur e Brassens.



Dany Carrel, a jovem do "bistrot".

segundo Bazin) a uma (Eric Rohmer). O prazer pessoal e a reação crítica contrária de vários admiradores de Clair pode ser resumida no testemunho de R. M. Arlaud: "Ao sair da sala, pensei estar deixando um museu. René Clair nos vende um fantasma. São muito gentis, os fantasmas".

Que o espetáculo é delicioso e de alta desenvoltura poética, mesmo os opositores parecem garantir. E, no elenco, todos estão sólidos, concentrando-se o peso dos elogios em Pierre Brasseur: gordo, envelhecido, quase irreconhecível em algumas fotos, mas, na opinião de muitos, um ator de extraordinária inteligência e personalidade, no clímax de sua arte.

PRODUÇÃO Filmsonor (com Cinetel-Seca-Rizzoli). Argumento, cenarização (esta com Jean Aurel) e diálogos: René Clair. Baseado em romance de René Fallet. Fotografia (prêto-e-branco): Robert Le Febvre. Música: Georges Brassens. Cenografia: Léon Barsacq. No elenco: Pierre Brasseur, Georges Brassens, Dany Carrel, Raymond Bussières, Amédée, Alain Bouvette, Annette Poivre, Gabrielle Fontan. Distribuído pela França Filmes.

A ÚLTIMA ENTREVISTA DE M



Liz disse na Espanha que Mike seria o seu último marido: "Encontrei a felicidade".

Mike não tinha medo de viajar de avião: "Eu vou morrer de velho, em cima de



ES
em
Edil
Tayl
ao M
desa
("El
Co

Ma
resa
mul
Tod

gui
Cas
ocu
to
pri
Mu
tra

esp
um
va
me
gr

un

MIKE TODD

EXCLUSIVO

ESTA É A ÚLTIMA reportagem com Mike Todd. Foi feita em Madrid pelo correspondente da REVISTA DA SEMANA, Edilberto Coutinho, na véspera do regresso de Mike e Liz Taylor aos Estados Unidos, onde o homem que fez "A Volta ao Mundo em 80 Dias" iria morrer poucos dias depois, num desastre com seu avião particular, o "Lucky Elizabeth" ("Elizabeth de Sorte").

Conta Edilberto Coutinho:

ELIZABETH TAYLOR gosta de animais. Chegou a Madrid, acompanhada do marido Mike Todd, trazendo "Teresa", cadelinha de super-luxo que é, para as alfândegas do mundo, a estranha passageira do avião particular do casal Todd.

O produtor cinematográfico e sua mulher não conseguiram hospedar-se no Hotel Ritz e tiveram que ir para o Castellana Hilton (que pertence a um ex-marido de Liz), ocupando o apartamento 714. A direção do Hotel, num gesto de galanteria, presenteou os hóspedes com um bôlo, obra-prima de arte culinária, em que se podia ler: "A Volta ao Mundo em 80 Dias", por Mike Todd. E mais abaixo, em letras miudinhas: "e Júlio Verne".

Muitas atitudes de Mike Todd pareceram "torpes" aos espanhóis. O mais imperdoável, contudo, parece ter sido uma demonstração de humorismo em que se referiu a Cervantes como "o outro Mike" ou "meu xará". Somente ele mesmo e alguns correspondentes norte-americanos acharam graça.

Todd está entusiasmado com a idéia de levar ao cinema o Quixote. Para isto, há seis meses está na Espanha um dos seus principais colaboradores, Vincent Korda, diretor-de-arte documentando-se com notas, fotografias, material de pesquisa sobre a obra cervantina. Várias vezes, diz Mike, seu colaborador já percorreu o itinerário de Don Quixote, internando-se pela *Sierra Morena*, "medindo passo a passo a Mancha" e chegando a Barcelona.

— "Crê que um americano pode dar o exato sentido da obra de Cervantes?"

— "Claro que sim, vou fazer o Quixote no cinema. Acho, aliás, que cada povo devia ter a sua interpretação nacional dessa obra. O Quixote, como a Bíblia, não é espanhol apenas. É uma das pouquíssimas obras realmente universais. Bem, se não houve quem se escandalizasse quando Cecil B. de Mille e tantos outros fizeram suas interpretações bíblicas, porque se acharão tantos, agora, com direito de protestar contra o meu desejo de proceder igualmente com o livro de Cervantes... que, afinal de contas, não é sagrado?"

— "Mr. Todd, que papel terá Elizabeth Taylor?"

— "Muita gente está esperando que seja o de Dulcinéia. Decididamente, não. Em todo caso, talvez o de Teresa, a mulher de Sancho".

Recordamos que "Teresa" é o nome da cadelinha de Liz. Para Mr. Todd, o nome é um símbolo:

— "Teresa" é símbolo da mulher que espera. Espera apesar de tudo e contra toda possibilidade de regresso definitivo do marido ao lar..."

Jóias, diamantes, peles, automóveis, avião... estas são algumas amostras do que Mike Todd comprou para Liz. Dizem que basta ela manifestar interesse numa coisa, por mais

uma cama".

Ela não gostava de ficar sozinha.



Mike e Liz, depois de um ano de casados, ainda era

fabulosa que seja, para que o homem movimente a máquina de que se serve e traga aos seus pés o que deseja. Durante a recente visita que fizeram a Moscou, um jornal inglês publicou uma charge em que aparecem Liz e Mike junto ao Kremlin, conversando com um russo, com a seguinte legenda: "Liz quer o Kremlin. Quanto custa?"

Trata-a com muito carinho e não faz cerimônia ante quem quer que seja, beijando-a com palavrinhas românticas na frente de todos, olhando-a nos olhos demoradamente depois de um beijo, esquecendo de responder aos jornalistas para acompanhar com o dedo a sobancelha de sua mulherzinha. Não sou eu quem vai dizer que está errado.

Disse Mike, no seu último dia em Madrid, à hora do jantar:

— "Bem, Liz, amanhã Nova York, e de tarde já estaremos com os garotos".

Para trazer ao mundo Elizabeth Frances, Liz Taylor submeteu-se a operação cesariana. Durante 14 minutos a recém-nascida não respirou. Um exército de médicos lutou desesperadamente para salvar mãe e filha. Conseguiu. Disse-nos Elizabeth:

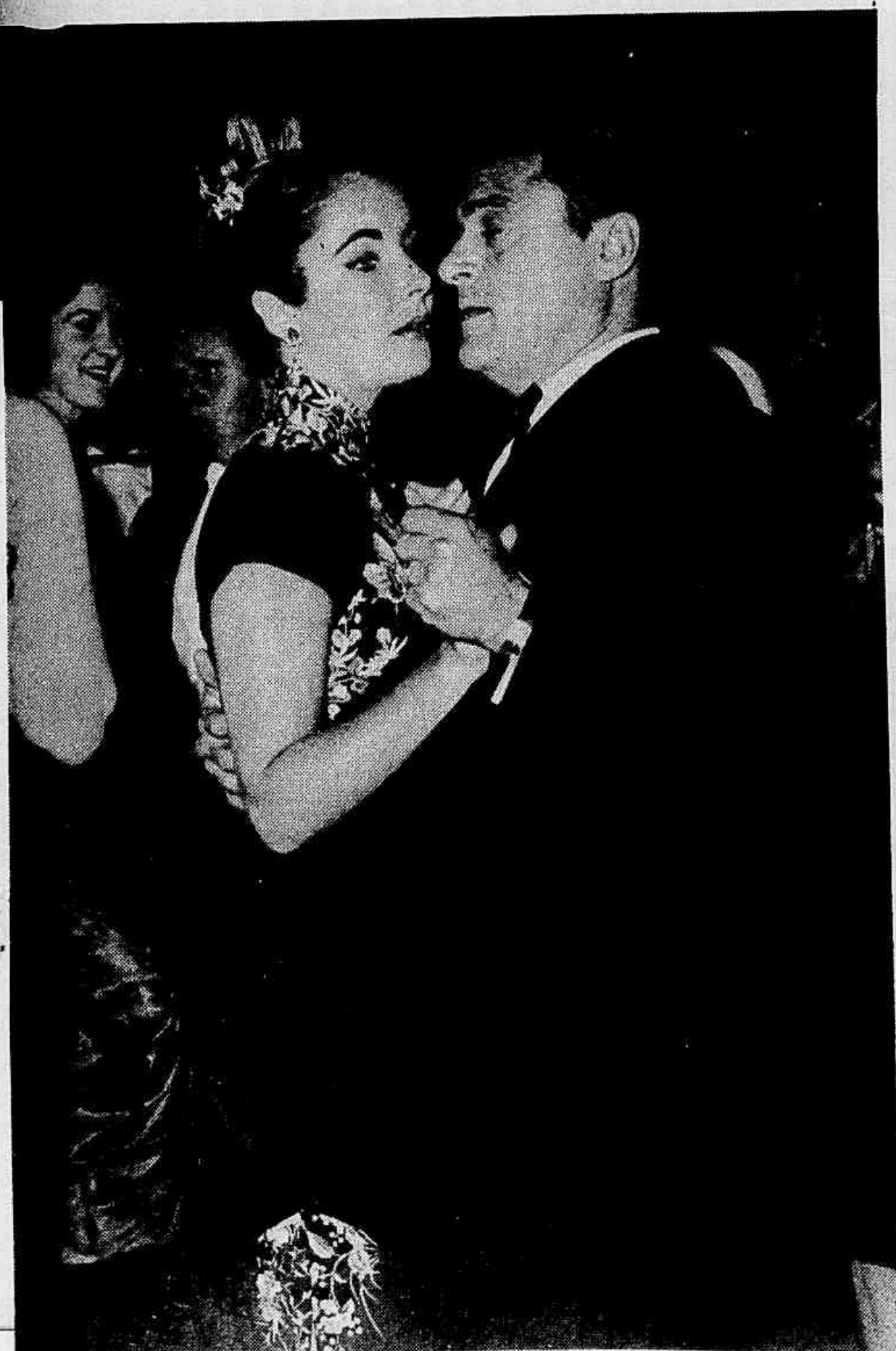
— "Gostaria de nunca me separar de meus filhos, principalmente de Liz Frances".

Todd, no aeroporto, entre beijinhos, lamentou para Liz:

— "Mi pequeña" não teve tempo de fazer compras (beijinho), e talvez seja Espanha (beijinho) o único lugar do mundo onde não comprou nada". (beijinho).

Ela assegurou que ele se enganava e mostrou-lhe um cinto que comprara. Ele se surpreendeu.

Foi na Espanha, em Madri, que eles dançaram a última vez.



A viagem de regresso realizaram em avião comercial, enquanto seu bimotor particular retornou sem eles (e sem "Teresa").

UM ANO DE MIKE E LIZ

ESTE É UM RELATO sobre Mike Todd e Elizabeth Taylor, suas vidas e seu amor. Foi escrito por Lloyd Shearer, amigo íntimo do casal e o único jornalista que entrou na casa deles quando Liz recebeu a notícia da morte de Mike. Foi ele quem prestou a ela os primeiros socorros, na crise nervosa que sofreu ao saber que o marido morreria. Shearer conta a história de um casamento para o qual os "entendidos" de Hollywood deram apenas cinco semanas de duração. Essa reportagem já estava pronta para ser distribuída quando Mike morreu.

EM DOIS DE FEVEREIRO do ano passado, Michael Todd, da Broadway, que se promoveu a figura internacional através de um filme, casou com a atriz Elizabeth Taylor, em Acapulco, México. No entanto, um ano atrás, muitos entendidos de Hollywood declaravam abertamente que os 25 anos de diferença entre a noiva e o noivo eram demais e seriam, muito breve, motivo para separação.

Vários produtores, naturalmente despeitados do fantástico sucesso de Todd com "A Volta ao Mundo Em 80 Dias", comentavam que Mike batera o recorde da inconstância. Um trio de atrizes sem dúvida com ciúmes, de Miss Taylor, anunciou que o casamento não duraria porque o casal era de temperamento completamente diferente.

Explicava uma: depois de haver experimentado e abandonado diversas garotas do "show", Mike Todd procurou atrizes conhecidas como Gypsy Rose Lee, Joan Blondell (sua segunda esposa) e Evelyn Keyes. Estas mulheres, vivas e sabidas, conhecedoras de tudo em comparação com Elizabeth Taylor, levam-nos a crer que Liz Taylor ainda seja uma menina de colo. Eu dou ao casamento a duração apenas de cinco ou talvez seis meses".

Apesar de tantos comentários invejosos, o casal Todd-Taylor é hoje muito feliz. Foram abençoados com a chegada, em agosto último, de uma adorável menina, que se chama Liz — Elizabeth Frances Todd. A vida de um casal, é pelo menos, ao que se deve esperar, formada por um grande respeito mútuo, compreensão nas amizades e uma demonstração permanente de que ainda não estão cansados de amar.

UM JEITO NA VIDA DE MIKE

Antes de casar com Liz, Mike Todd era jogador, fumante e gostava de jantar em certas companhias... Atualmente ainda gosta de conversar sobre corridas de cavalo. Não gosta muito de entrar no terreno das brincadeiras com as damas... e já não é um dos primeiros da fila para apostar em corridas. Sua mulher já observou esses progressos e está, também, tentando persuadi-lo a deixar de fumar, o que será um sacrifício para ele. Todd pesa, atualmente, 150 libras e tem de altura 5'8". Está com aparência de dez anos mais jovem. Seu comportamento melhorou muito, também, pois que perdeu a mania de querer provar a comida dos pratos dos outros.

A Sra. Todd, como o marido, mudou depois do casamento. O mais interessante é que agora fala com grande

nda

eram felizes

al, en-
e sem

Taylor,
amigo
a deles
Foi ele
nervosa
conta
los" de
Essa
quando

l Todd,
l atra-
lor, em
enten-
25 anos
seriam,

fantás-
Dias",
cia. Um
anun-
era de

e aban-
procurou
ell (sua
vivas e
n Eliza-
da seja
apenas

l Todd-
chegada,
e chama
l, é pelo
nde res-
monstra-
de amar.

fumante
ualmente
Não gos-
m as da-
apostar
os e está,
que será
0 libras e
mais jo-
pois que
ratos dos

do casa-
m grande



Os dois filhos do outro Mike (Wilding) e de Liz.



A família, posando para "uma foto de álbum antigo".

variedade de termos judaicos. Seu primeiro marido Nicky Hilton, era católico; o segundo, Michael Wilding, protestante; o terceiro, Mike Todd, é judeu. Elizabeth é "cientista cristã" seita protestante.

Elizabeth, para provar que não é somente uma moça bonita e feita somente para brincar, apesar de seu adiantado estado de gravidez, reservava atenções ao marido. Acompanhava-o a todos os lugares, aconselhava-o sobre seus planos e concorreu decisivamente para o sucesso da monumental festa de Todd no Madison Square Garden.

COMO PERMANECER JOVEM

QUANDO PERGUNTEI a Liz, há algumas semanas, que lugares havia percorrido em suas viagens, respondeu toda orgulhosa e muito rapidamente: "Bem, casamos em Acapulco, voltamos para a Califórnia, tomamos o avião para Havaí, Austrália, Singapura e Hong-Kong. Como não podia deixar de ser, estivemos na Riviera francesa.

Liz descreve seu primeiro ano com Todd como a coisa mais fascinante e diz que teve momentos da mais completa felicidade. Sobre Todd, ela continua falando com grande euforia: "Ele é, de fato, um grande esbanjador de dinheiro...

O homem mais excitante e fascinante que eu já vi, encontrei ou amei".

Especialmente como atriz Elizabeth Taylor é uma criatura excepcional. É muito social e sabe lidar bem com todos. Inteligente e muito sensível, sempre se esforça e, aos poucos, consegue contaminar os que com ela convivem, com um ar de serenidade espiritual e grande compreensão humana. Todas estas qualidades servem para controlar seu marido, que, às vezes, parece um vulcão.

Por exemplo, quando ela e eu palestrávamos, Todd abandonou o jogo com o diretor William Wyler e veio observar a esposa com as seguintes palavras: "Não fale com este sujo..." Depois continuou a berrar: "Ele acabará fazendo que você fique maluca. Na semana passada ele escreveu que eu tinha 51 anos de idade". Virou para mim, com tom de voz cada vez mais alto: "Por que você não olha minha nova certidão de nascimento? Olha! pareço ter 51 anos? Que valeu então todo meu trabalho para conseguir uma nova certidão de nascimento? Eu só tenho 46 anos... Importe-se com você, seu gorducho, redondinho..."

Liz levantou-se, tomou o marido, muito gentilmente, pelo braço, levou-o para onde estava jogando e disse: "Acalme-se, meu rapaz, e volte a jogar... Acalme-se..." "Mike se acalmou. Ele nasceu com o nome de Avrom Gold Bogen, em

A ALMA DE UM ANJO

Mineápolis. Era um dos nove filhos de uma família de imigrantes poloneses. Agora ele tem tudo: a carreira mais sensacional dos últimos dez anos, milhões de dólares, e, para completar, conseguiu a maravilhosa Elizabeth Taylor.

UM ANEL DE DIAMANTE

O próprio Todd chega à conclusão de que sua ostentação é excessiva. No dia do noivado com Liz, ele a presenteou com um anel de diamante de 30 quilates. "Um presente inferior", disse ele, "teria sido vulgar". Todavia, tais excessos e grandes demonstrações de opulência são necessários ao seu ego. Também diz que esses presentes constituem uma "promoção" dos filmes.

O filho de Mike, que tem 26 anos, é da mesma idade de Elizabeth Taylor. Mike nunca se descuidou da educação do filho, que foi enviado, quando pequeno, para uma escola moderna em Lawrenceville, onde se preparou. Formou-se no Amherst College.

Ninguém sabe ao certo quantas famílias Mike sustenta, mas o número de pessoas é elevado. Qualquer pessoa, mesmo que ocupe um lugar por mais simples que seja, afirma ser facilímo falar com o grande "showman" na rua. Durante a segunda guerra mundial, ele não dispensou o seu adido de imprensa Bill Doll e pagou, religiosamente, todo o ordenado durante o período que Bill ficou no exército. As pessoas invejosas gostam de comentar que um dos seus irmãos, Carl Goldbogen, é motorista de praça em Los Angeles. No entanto, eles não falam sobre o desvelo e generosidade que Todd dispensa à mãe, que tem 83 anos, e a outros membros de sua numerosa família. Entre todos os "showmen" Todd é o que gasta mais.

Como "showman", Todd se preocupa muito com todos os detalhes de cena. Uma vez, em Las Vegas, mandou que Noel Coward fizesse algumas alterações para as sessões noturnas. Coward disse que Todd estava louco e não cumpriu a ordem. Todavia, depois do primeiro espetáculo, notou a indiferença com que o público reagiu. Aquêlê espetáculo deu grande experiência a Noel que, imediatamente, chegou à conclusão de que Mike estava com razão. Este fato correu para uma grande amizade entre os dois, e proporcionou a Todd contar com o concurso dos quatro melhores atores ingleses, que tomaram parte em algumas fases do filme "A Volta ao Mundo Em 80 Dias".

UM EXEMPLO DE REALISMO

Mike é um exemplo típico de como uma pessoa realista pode alterar o destino. Teve uma infância sem qualquer proteção e pertenceu a uma família que sempre viveu no ostracismo. Sua família mudou para Chicago quando ele tinha doze anos e o pai não pôde ganhar a vida em Bloomington. Em Chicago não teve o carinho dos pais, que eram obrigados a trabalhar muito, não tinham tempo para dar muita atenção ao filho, e muito menos dinheiro. Quando era pequeno, tinha a mania de murmurar sílabas que tinham o som de "Toddy", e por este motivo, recebeu das irmãs esse apelido. Mais tarde, começou a usar o nome de Mike Todd, e deu ao filho o nome de Todd.

"Toddy" Goldbogen aprendeu a dar duro para ganhar dinheiro. Trabalhou como engraxate, vendedor de jornais, e aprendiz de farmacêutico. Maury Ritzlin, filho do proprietário da farmácia que deu emprêgo a Mike, lembra-se dele muito bem: "foi sempre um maroto inteligente e sempre a par de todos os assuntos. Todo mundo gostava do guri". Em sua vida deve ter experimentado todas as sensações. Ritzlin ainda lembra: "Em 1927, em Hollywood, ele se meteu em negócios de construções, juntamente com Harry Laifman, e acho que conseguiram levantar um edifício".

Em 1933, finalmente, através da Exposição do Centenário de Chicago, entrou para o "show business". Ele produziu "a dança do fogo": uma linda moça em um traje de asbesto, trabalhava envolta em labaredas. Ganhou muito dinheiro e produziu a peça musical "Bring On the Dames". Conseguiu enorme sucesso e foi distinguido com um convite para apresentar-se em Nova York.

Suas duas primeiras produções para a Broadway foram verdadeiros fracassos, mas Todd reabilitou-se e levou à cena quatro "shows" espetaculares que tiveram como principal atração o lado erótico. Em Nova York produziu ótimos "shows", como "Stard and Garter", com Gypsy Rose Lee; "Something For The Boys", que contou com Ethel Merman; "Mexican Hayride", com Bobby Clark, o comediante favorito de Mike. Além destes, produziu entre outros, "Up In Central Park" e "The Naked Genius", com Joan Blondell, com quem se casou em 1947.

TODD, O MILIONÁRIO

Quando Todd faliu, em 1957, seu passivo foi declarado em \$1.105.616,78. Ele ficou muito deprimido. Todavia, quando Todd resolve ganhar dinheiro, ganha mesmo. Durante 21 anos, suas produções consideradas boas já lhe conseguiram a soma de US \$18 milhões.

Sua situação financeira até o início do filme "A Volta Ao Mundo Em Oitenta Dias" era sempre difícil e ele estava sempre com o sistema nervoso alterado. Um dia a situação melhorava, outro dia piorava. Por exemplo, em 1950, depois de estar sem nenhuma esperança de sair da lista negra dos falidos, Todd conseguiu pagar US. \$850.000 dos débitos que o haviam levado à falência. Solicitou, então, ao juiz que o reabilitasse da situação de falido. O juiz concordou e Todd pagou dólar por dólar toda a sua dívida.

Apesar dos fracassos, Mike sempre teve crédito ilimitado com muitos velhos amigos, como Joe Schenk, Izzy Rappaport, proprietário do teatro Baltimore, Jack Dietz, produtor independente de filmes.

Todd tem salientado que ainda deve cem por cento do filme "A Volta Ao Mundo Em Oitenta Dias". Fez esta revelação depois de haver vendido parte do filme à Columbia Broadcastin System por US. \$1.500.000. No entanto, a verdade manda dizer que a real situação de Todd muda todos os dias. O fato é que ele ainda está devendo 75% do filme. Vendeu pequenas porcentagens dele a Dietz, Rappaport, e talvez a alguns outros, justamente porque estes amigos sempre lhes foram fiéis. Todd calcula que a renda total do filme será de US. \$72 milhões.

Embora essa quantia seja suficiente para que a maioria das pessoas passem o resto da vida, com Todd é diferente, pois ninguém gasta tão rapidamente como ele. Quando tem certos impulsos, gasta milhões em presentes para a sua esposa.

Enquanto Liz termina o seu trabalho com a MGM, intitulado "Cat On A Hot Tin Roof", (Gato em teto de zinco quente), Todd prepara-se para "Don Quixote", em Palm Springs. Vive como um sultão, em uma linda mansão, tendo como companhia a adorável Liz e dois filhos dela (do casamento anterior): Michael de quatro anos, e Cris, de dois anos. Os outros ocupantes da mansão: Sr. e Sra. Michael Todd Junior e seus dois filhos. A dupla família Todd tem um comportamento admirável.

Há algumas semanas, visitei a mãe de Todd, que vive sob os cuidados de uma dama de companhia, em Orchard Gables Sanitarium, em Hollywood. Perguntei qual o seu ponto de vista sobre um sujeito chamado Mike. "Meu menino de olhos azuis" — lembrou ela. "Quando ele nasceu trouxe em si a alma de um anjo".

As mais divertidas
histórias estão no

"ÊSTE NORTE É DE MORTE"

uma
avalanche de gargalhadas,
tôdas as têrças-feiras,
às 22 horas, na

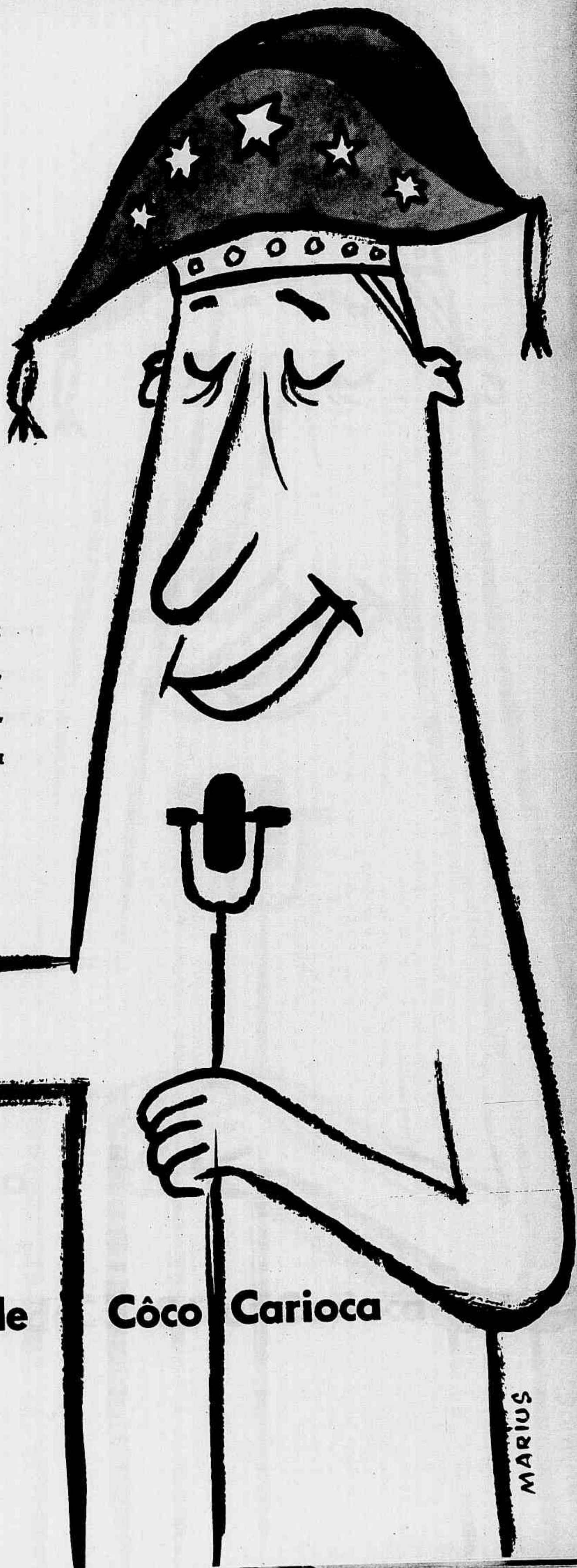
Rádio Mayrink Veiga

sob o patrocínio da

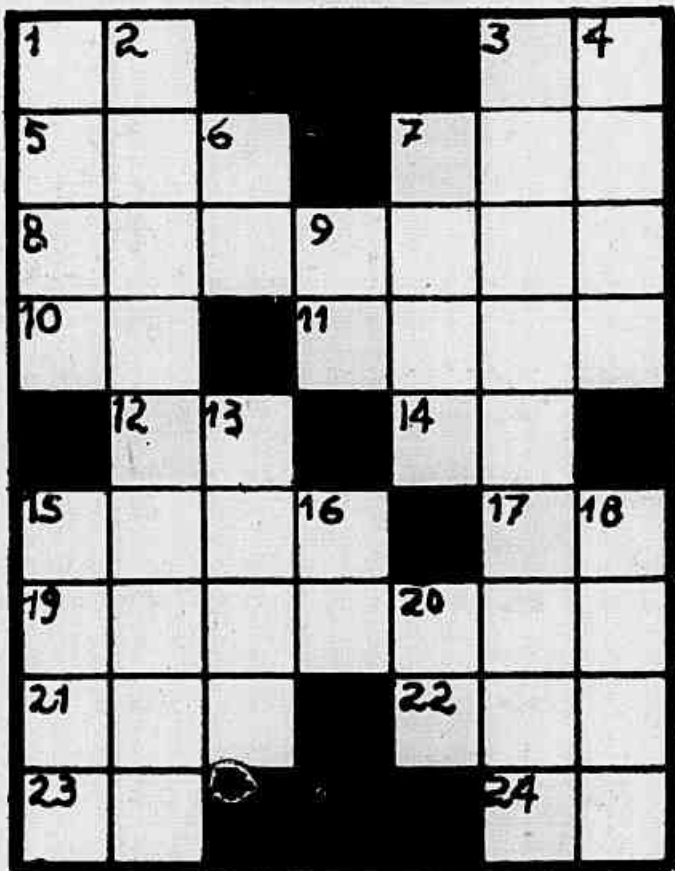
Gordura de

Côco Carioca

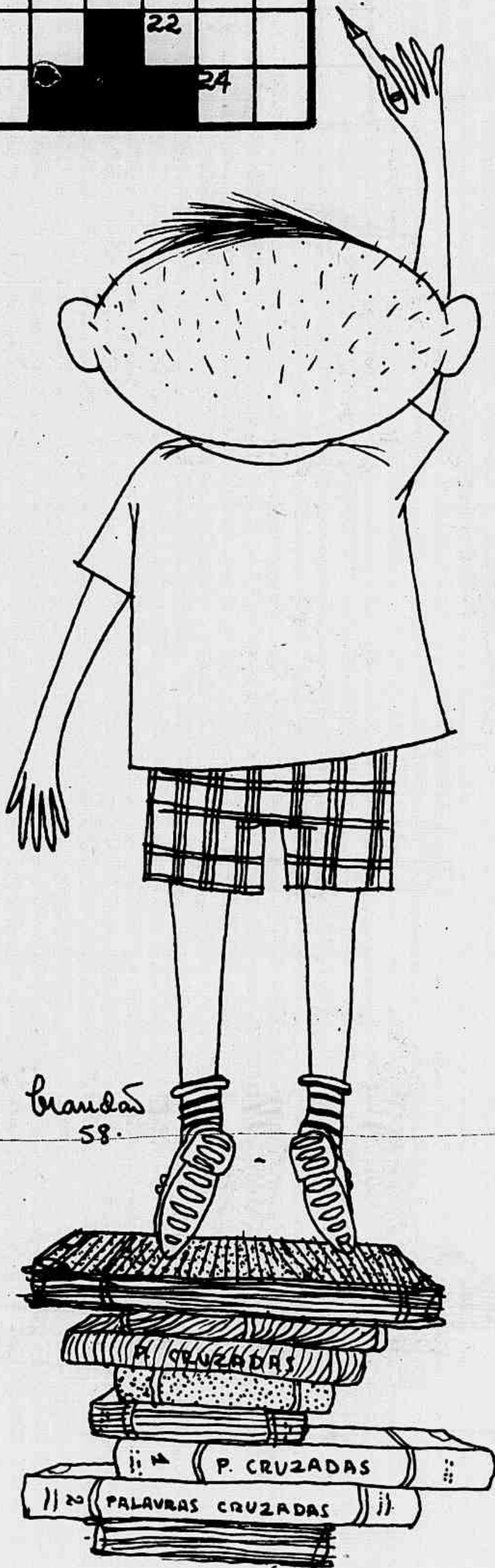
★ Um programa de
Francisco Anísio com o mais
famoso elenco de comediantes do rádio!



MARIUS



PALAVRAS CRUZADAS



Branda
58.

PROBLEMA Nº 27 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Coda do navio — 4. Sexta nota do cantocho — 7. Nave — 9. Raiva — 11. Batei — 13. Pequena coisa — 15. Medida sueca de peso — 16. Grande aprovisionamento — 19. Língua falada na Alta Escócia — 20. Indivíduo da tribo indígena dos rios Tocantins e Araguaia — 21. Planta crucifera — 22. Cidade da Alemanha, na Renânia — 24. Na presença de — 26. Minucioso — 29. Seiva pura de palmeira — 30. Apareceu — 31. Antiga moeda da China — 32. Cinzas — 33. Ilha do arquipélago das Carolinas — 34. Fundo de agulha — 35. Aqui.

VERTICAIS: — 1. Disfarce — 2. Instrumento eletrônico que indica a presença de corpos à distância — 5. Incorpora — 6. Fiel — 8. Ciência — 10. Declaração autêntica — 12. Preferiu — 14. — Aplicado em algum exercício — 15. Eternos — 17. Dê testemunho — 18. Saciar — 23. Doentes — 25. Dignidade pontifícia — 26. Monte de terra que servia de demarcação — 27. Rochedo, pedra — 28. Protetor dos feiticeiros.

PROBLEMA Nº 27 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Batráquio — 3. Símbolo químico de praseolita — 5. Ligue, junto — 7. Fileira — 8. Acontecer casualmente, o mesmo que adergar — 10. Isolado — 11. Animal roedor — 12. Abrev. de réis — 14. 17. letra do alfabeto grego — 15. Solteironas — 17. Em a — 19. Designação de diversas árvores leguminosas — 21. Infusão de plantas — 22. Vaso — 23. Feminino da terminação -ão — 24. Sufixo designativo de autor.

VERTICAIS: 1. — Carinhos orlados de casas — 2. Nome comum a todas as aves da família das herundíneas, das quais se diz que voo e não faz verões — 3. Relativo à filosofia de Platão — 4. Pouco comum — 6. — 7. Nome da escrava grega de Abraão — 9. Símbolo químico do érbio — 13. Bruxa ou feiticeira entre os romanos — 15. Pau com que se joga o bilhar — 16. Igreja episcopal — 18. Querer bem — 20. Tecido finíssimo.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 26

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: desair — paó — ala — acá — opináticos — ardil — amar — arubés — gerra — ásaro — inala — teta — datar — ramona-deira — ami — tié — lar — maestro.

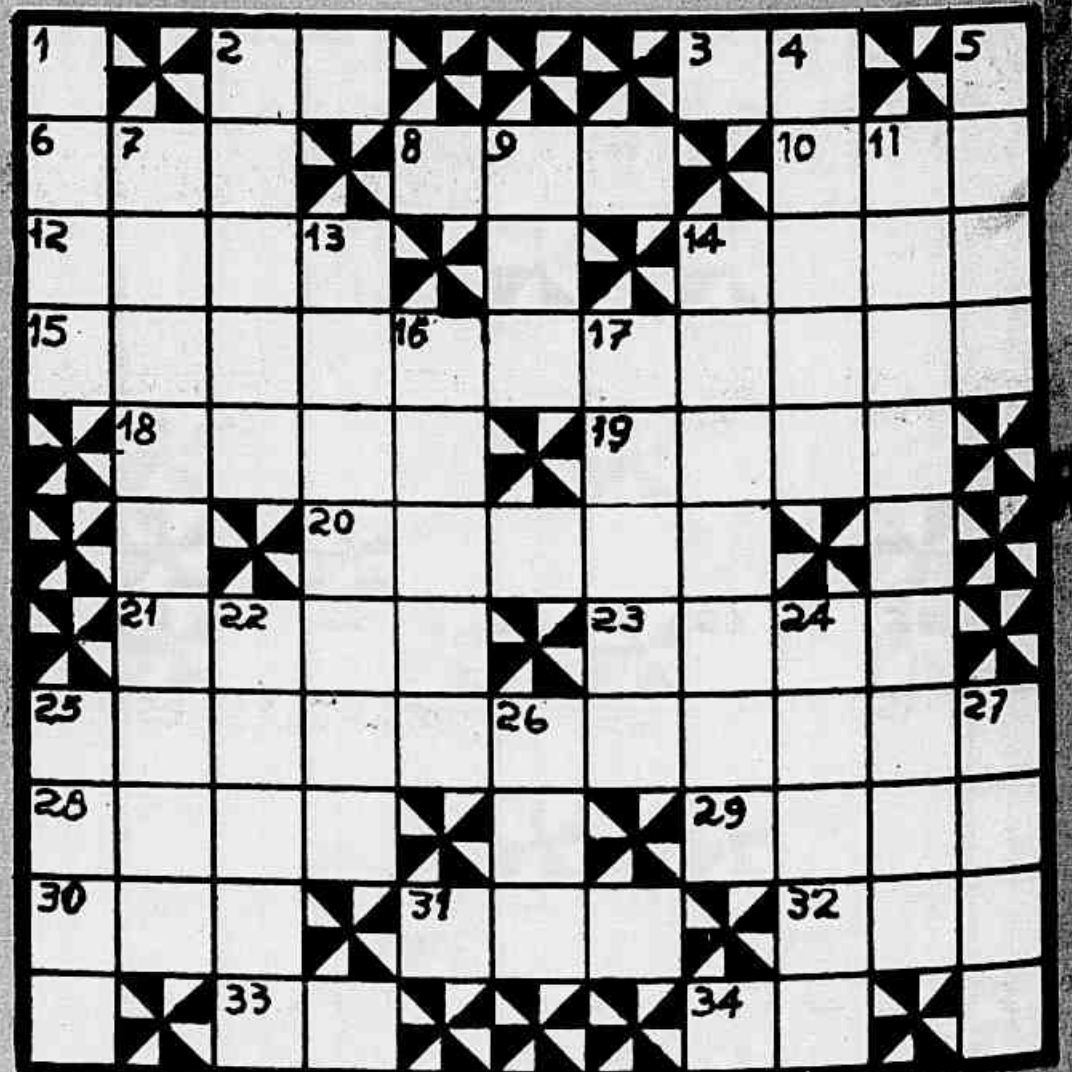
VERTICAIS: apó — dói — sair — alada — sátira — Rac — más — paimentam — cobertura — narrado — ilustre — egi — Ari — baé —

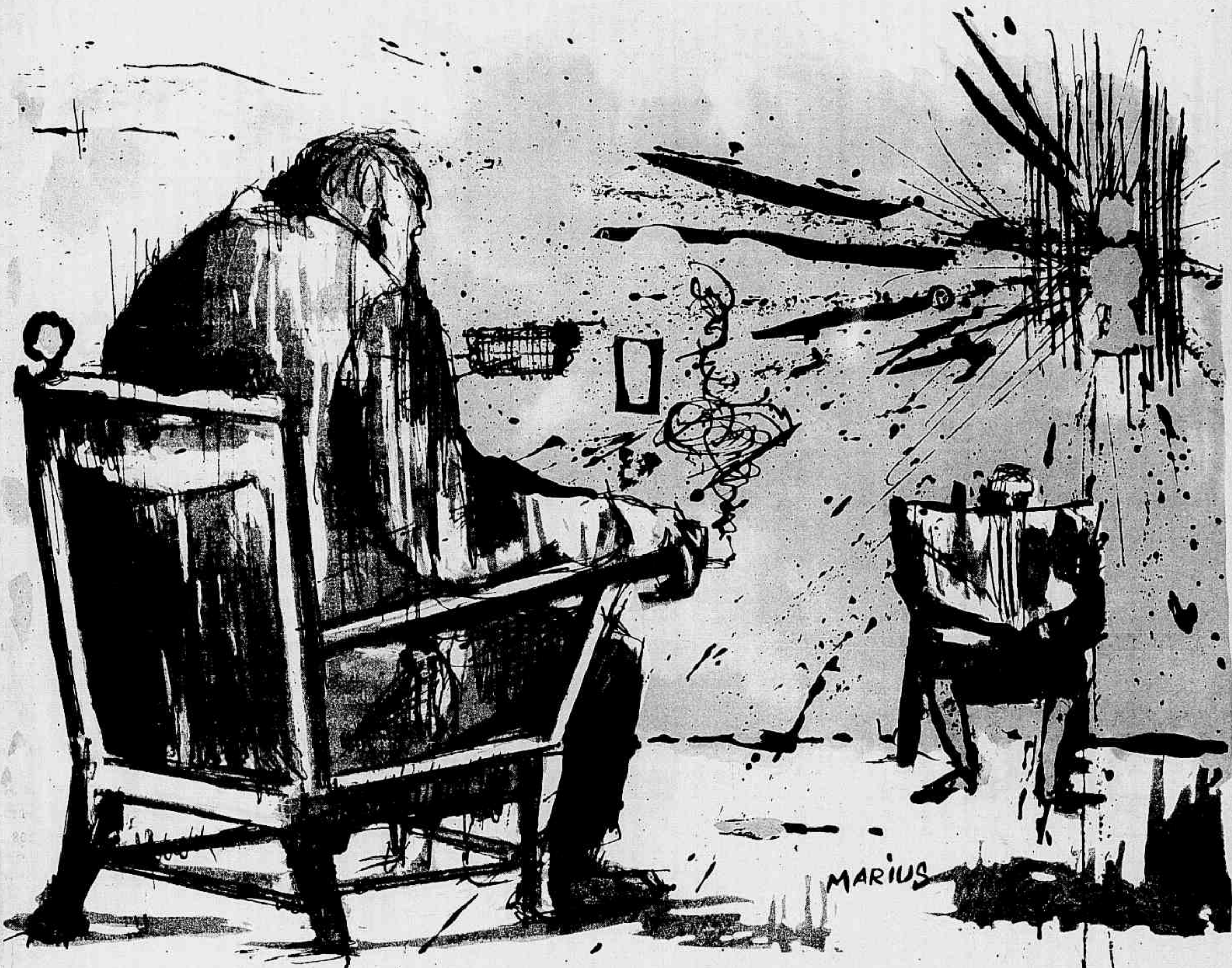
soa — alante — atais — Ade — ras — mim — ilo — ara.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: atalhos — — corados — Cartazo — amarelo — arrolar.

VERTICAIS: taco — lata — — acoca — arara — adiar — — amar — trio — zará.





Memórias do que eu vi e senti — IX

DE COMO ACONTECE O SENSACIONALISMO

Rafael Corrêa de Oliveira

UM LEITOR PERNAMBUCANO diz nada haver encontrado de "sensacional" nestas memórias. E até certo ponto tem razão, porque as sensações, como reflexos emocionais, são extremamente variáveis. Há pessoas para as quais um livro sobre os amores vadios de Carolina Bonaparte é mais "sensacional" que as recordações de Santa Helena, recolhidas por Las Cases. Eu, por exemplo, já li o "Memorial de Saint-Hélène" umas cinco vezes, e sempre encontrei sensações novas na capacidade de sacrifício, firmeza moral e preocupação dos valores históricos que a vida de um grande

homem autêntico nos oferece. Outros, possivelmente, ficarão horas seguidas estirados numa cama, ou numa rede, batendo com o pézinho nervoso e inquieto, a procurar revelações "sensacionais" no anedotário das aventuras amorosas de Lucrecia Borgia.

Para estes últimos, é claro, as minhas memórias não têm o mínimo interesse emocional ou histórico. Eu sinto muito isto, mas nada posso fazer em benefício do estimado e desapontado leitor pernambucano...

UM EPISÓDIO que hoje fará, apenas, sorrir, produziu, no entanto, em 1908, uma "sensacional" agitação política e literária em Recife. Guardo dêsse episódio perfeita recordação, apesar de ser naquela época, simplesmente, uma criança que freqüentava o curso primário do professor Simões, no Pátio do Carmo.

Eu vivia na residência do dr. Nilo de Miranda, juiz de Direito na capital pernambucana. Ele era casado com minha tia Maria Cristina, a tia Nininha, — uma criatura encantadora. O dr. Nilo, por sua vez, era impressionante, com a bela aparência de nórdico, os cabelos brancos anelados e um sorriso constante de quem não tinha problemas de consciência. Escrevia lindos versos líricos que nunca publicava. Tinha uma bela voz de barítono, e aos domingos, acompanhando-se ao piano, cantava canções brasileiras e italianas de seus tempos de academia. Sua vida era um modelo de método. Às 10 horas almoçava. E enquanto vestia o fraque, mandava a criada parar o bonde na rua. E Antônio gritava do portão gradeado ao cocheiro que dirigia os burros:

— Faça o favor de esperar que seu doutor Nilo já vem.

O cocheiro espera tranqüilamente. E os passageiros daquela hora, quase sempre os mesmos, todos os dias, cumprimentavam alegremente o juiz simpático e amável que lhes fazia a honra de companheiro até a cidade.

Invariavelmente, às 4 horas da tarde, o dr. Nilo regressava trazendo os dois vespertinos da capital: o "Jornal Pequeno", que era uma espécie de "O Globo", oposicionista mas sempre ao lado do governo, e o "Correio do Recife", panfleto sem realismo, como a "Tribuna da Imprensa" em 1953.

Depois de jantar, o bom juiz subia para o andar superior e chamava a pessoa que lhe devia ler os jornais. Às vezes essa tranqüilidade rotineira era perturbada por minhas discussões com Minervino, afilhado do dr. Nilo. Apesar de seus trinta e oito anos, Minervino vivia encostado no padrinho, não trabalhava e, quase sempre, a "gengibirra" lhe subia à cabeça. A nossa divergência era a propósito de Castro Alves e Tobias Barreto. Eu tinha 12 anos e decorava os versos revolucionários do poeta baiano. Minervino era todo pela cultura filosófica de Tobias.

— Veja seu magricela, ouça-me isto sobre o coração:

"O coração também é um metafísico:
Estremece por formas invisíveis,
Anda a sonhar uns mundos encantados,
E a querer umas coisas impossíveis..."

Eu gritava que isso não era poesia.

— Quer ver seu Minervino? Escute Castro Alves:

"O coração é o colibri doirado..."

Mas não podia terminar a quadra porque Minervino, apertando os poucos dentes que lhe restavam, espumava:

— Ora esta! Vejam a bobagem: "colibri"! como se coração tivesse pena!

A tia Nininha se divertia e intervinha na contenda:

— Que é isso Minervino? Coração não tem pena? Não há coração sem pena!

— Minha madrinha, pelo amor de Deus, não ajude esse menino a dizer tolice. Eu estou falando é de pena de pombo...

Mas o dr. Nilo acomodava Minervino, castigando-o severamente:

— Rafael, venha ler os jornais para mim.

Era terrível! Ele sentava-se numa cadeira de balanço e eu num tamborete de couro. No "Jornal Pequeno", habitualmente, liamos os telegramas do Rio, alguma notícia forense e a seção "Humorismo" furtada do "Almanaque Bertrand". Quando vinha crônica de Carmen Dolores, eram duas colunas batidas, com os meus erros de pronúncia e as correções jocosas do dr. Nilo. No "Correio do Recife" devorava-se a nota política, e o indefectível soneto do poeta Mendes Martins.

Eu só escapava dêsse suplicio quando d. Sinhá, irmã viúva do dr. Nilo, se oferecia para ler os jornais.

Pela leitura do "Correio do Recife", eu sabia que no "Diário de Pernambuco" (jornal do governo), estava escrevendo artigos um acadêmico sergipano, cujo nome era Gilberto Amado. A fôlha oposicionista criticava o rapaz, dizendo que o título da sua seção "Golpes de vista" era galicismo. E dizia outras coisas. Mas o dr. Nilo sempre comentava:

— Esse moço escreve muito bem. Ele irá longe...

Ora, acontece que numa tarde, ao abrir o "Correio do Recife", eu vejo um título de coluna a coluna, na primeira página:

"Ladrão de literatura — Copiou e assinou um artigo de Jayme Batalha Reis sobre Madalena Tagliaferro."

A fúria oposicionista do poeta Mendes Martins descobrira que Gilberto Amado, em noite de preguiça, tendo de escrever para o "Diário de Pernambuco" uma crônica sobre a menina-prodígio da época, que era Madalena Tagliaferro, não perdera tempo e recortara do "Correio Paulistano" um artigo de Batalha Reis a propósito da jovem artista. Desde o título até a assinatura, só havia uma diferença: a assinatura.

O dr. Nilo se interessou, como juiz, pelo caso, e examinou os dois trabalhos. Eram absolutamente iguais até na pontuação. Mas a sentença do magistrado foi piedosa:

— Isto é lastimável, porque esse rapaz escreve muito melhor que o Jayme Batalha Reis.

O público, porém, não pensava do mesmo modo. A acusação do "Correio do Recife" fôra "sensacional". E Gilberto Amado teve de partir para o Rio sob o fogo dos inimigos.

Aqui ele abria as asas de seu possante e luminoso espírito para atingir os píncaros em que hoje se encontra como o mais brilhante e flexível escritor do Brasil.



"ADEUS ÀS ARMAS"

QUANDO, NAS vésperas da filmagem, chegou da Itália a notícia do desentendimento entre o diretor John Huston ("O Tesouro da Sierra Madre") e o produtor David O. Selznick, os apreciadores de Hemingway podiam ter certeza quanto à continuidade de sua má sorte no cinema, recentemente evidenciada pela versão de "The Sun Also Rises" ("E Agora Brilha o Sol"). Para os admiradores de Huston, porém, talvez tenha sido interessante a rutura, porque "Adeus às Armas" ("A Farewell Arms"), com seu orçamento de milhões, seria um filme de Huston com a "colaboração" indesejável de Selznick. Tivemos o prazer de testemunhar uma vez mais a independência e o desprendimento material do grande diretor.

O azar de Hemingway — e nosso — aumentou com a escolha do novo diretor. Charles Vidor é um realizador geralmente caprichoso no artesanato dos melhores "scripts" ("O Cisne", "Gilda"), mas sem imaginação criadora, sem fibra para resistir às pressões comerciais costumeiras em produções muito caras, e particularmente perigosas quando o produtor é, como Selznick, do tipo tirânico. Só um Huston poderia contornar a inexpressividade e deslocamento de Rock Hudson (no papel do americano em serviço com a Cruz Vermelha, na Itália, durante a Primeira Guerra Mundial) e poucos são capazes de dominar os estrelinhos e a ausência de autocritica de Jennifer Jones, esposa de Selznick, atriz que pode ser hoje excelente ("O Diabo Riu por Último"), amanhã insuportável ("O Homem do Terno Cinzento"). Segundo "Time", Jennifer "parece ser muito mais neurótica do que o enredo exige", no papel da enfermeira Catherine Barkley.

Filmado em exteriores italianos e suíços, "Adeus às Armas" tem cenas pictoricamente muito boas ("Cinemascope" & "DeLuxe Color"), na opinião dos críticos que consultamos. A retirada italiana de Caporetto é tida como o ponto alto sob o ponto de vista cinematográfico, mas, segundo Philip Roth ("The New Republic"), um pálido reflexo das páginas de Hemingway. Ainda na opinião desse crítico, "só próximo do fim, com as cenas na Suíça e as agonias finais do hospital, o filme começa a assimilar o mood da história original."

"O herói parece um colegial nervoso sobre o jogo do sábado". A melhor coisa do filme deve ser Vittorio de Sica, no

papel do major Rinaldi, o amigo italiano de Frederick Henry (Rock). Nesse ponto parece concordar a Academia de Hollywood, que apontou o grande cineasta como candidato ao "Oscar" de melhor ator coadjuvante. (Fox).

SELEÇÃO

Apresentamos os melhores filmes estreitados no Rio entre a última segunda-feira de 1957 e 17-3-1958. Segundo um critério que se vai generalizando entre os críticos cariocas, a última semana de cada ano é considerada como do ano seguinte para efeito de balanço. Motivo: a antecedência que o trabalho exige face à obrigação jornalística de divulgar os "Melhores do Ano" logo no início de janeiro. Nosso quadro seletivo será divulgado assiduamente para melhor informação do leitor carioca, muitas vezes, há oportunidade para ver em segunda semana ou nova programação filmes que "perdeu" na semana de estréia.

OS MELHORES FILMES

- ◆ "Em Busca de um Homem" ("Will Success Spoil Rock Hunter?"), americano, de Frank Tashlin.
- ◆ "Doze Homens e Uma Sentença" (12 Angry Men), americano, de Sidney Lumet.
- ◆ "Ricardo III", inglês, de Laurence Olivier.
- ◆ "Stella", grego, de Michael Cacoyannis.
- ◆ "As Virgens de Salem" (Les Sorcières de Salem), francês, de Raymond Rouleau.
- ◆ "Sedução Fatal" (Voici le Temps des Assassins), francês, de Julien Duvivier.
- ◆ "A Mulher do Próximo" (No Down Payment), americano, de Martin Ritt.
- ◆ "Despedida de Solteiro" (The Bachelor Party), americano, de Delbert Mann.
- ◆ "Alma Satânica" (Les Louves), francês, de Luís Saslavsky.
- ◆ "Dragões da Violência" (Forty Guns), americano, de Samuel Fuller.



- ◆ "Antes Que a Noite Chegue" (Prima di Sera), italiano, de Piero Tellini.

O melhor nacional: "Absolutamente Certo!", de Anselmo Duarte.

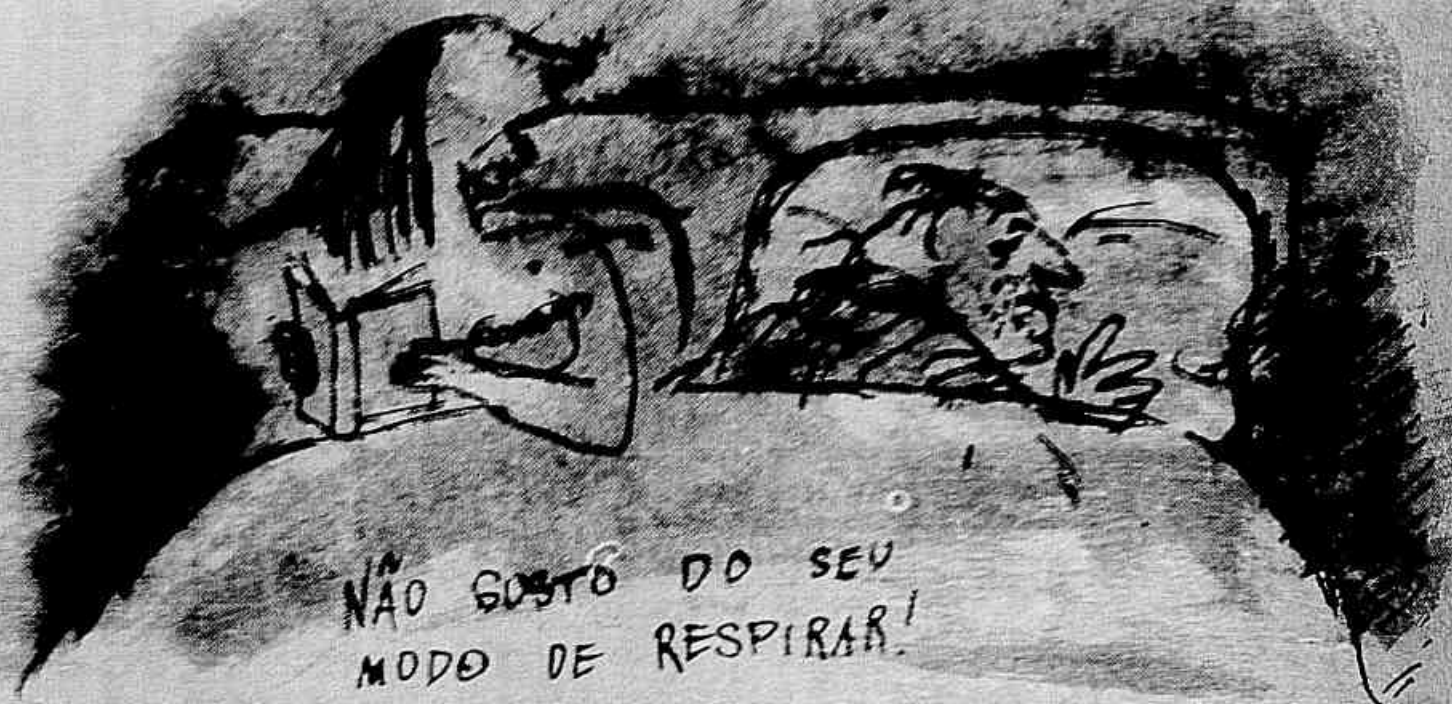
OUTROS "MELHORES"

- Ator: Laurence Olivier (Ricardo III).
- Atriz: Joanne Woodward (A Mulher do Próximo, As Três Máscaras de Eva).
- Ator coadjuvante: John Williams (Em Busca de um Homem).
- Atriz coadjuvante: Madeleine Robinson (Alma Satânica).
- Musicista: William Walton (Ricardo III).
- Fotógrafo (direção em cores): Otto Heller (Ricardo III).
- Fotógrafo (em preto-e-branco): Claude Renoir (As Virgens de Salem).

JAGUAR:

PELO

DIVÓRCIO



NÃO GOSTO DO SEU
MODO DE RESPIRAR!



COM A CORTINA NOVA, EDUARDO!



-PORQUE VOCÊ NÃO DISCUTE
NORMALMENTE
COMO OS OUTROS MARIDOS?



-SOMOS DA
MESMA
ALTURA.

QUANDO A SRA. Christiane Caldeira anunciou, no jantar com que o casal Felix Kowarick inaugurou a "temporada paulista", que talvez fôsse morar uns tempos em Paris, duas de suas melhores amigas (nem imagina quem são a minha amiga Christiane) olharam para o seu vestido "linha Trapézio" e comentaram: "Está precisando"...

O MOTIVO OFICIAL do adiamento da viagem da sra. César Pires de Melo é o pequeno acidente por ela sofrido: fratura de um dedo. O verdadeiro motivo, porém, é outro...

LOUIS JOURDAN, francês um tanto hollywoodiano, é o galã em cogitações para Vanja Orico, no primeiro filme de uma companhia que iniciará filmagens ainda este ano, com um capital de Cr\$ 100 milhões e sob o patrocínio do sr. Osvaldo Orico, pai de Vanja...

AS TRÊS "GIRLS" que vieram assistir ao lançamento do filme "Les Girls", assistiram à missa, no domingo, na Igreja de S. Margarida Maria, no Jardim Botânico. Uma delas confessou-se e comungou.

NA VÉSPERA de viajar para o estrangeiro, em dias da última semana, o sr. Paulo Bittencourt, diretor do "Correio da Manhã", que está fazendo virulenta campanha contra os srs. JK e Alkmim, reuniu, em sua casa, vários amigos. Entre eles, o sr. João Goulart, que apreciou muito o disco "Eu não vou para Brasília", recentemente lançado no mercado.

O SR. GASPARD Saldanha, titular do cartório de imóveis (renda mensal de 500 mil cruzeiros) para o qual foi ultimamente nomeado o sr. Oswaldo Penido, subchefe da Casa Civil da Presidência da República, impetrou mandado de segurança contra a sua aposentadoria compulsória. Fundamento: o cargo é vitalício e ele ainda não atingiu a idade compulsória — 70 anos.

O sr. Penido tentou vários acordos, inclusive, o de nomear "tabelião substituto" o filho de Saldanha. Não conseguiu.

Penido está tranqüilo e não acredita no êxito da medida judicial. E aos amigos confidencia que a sua maior batalha para obter o mais rendoso cartório do Brasil foi a da paciência: cada um que vagava antes lhe era oferecido sob os pretextos mais generosos por várias figuras do governo, entre elas o sr. Nereu Ramos, quando ministro da Justiça. E ele sempre recusava, de olho no cartório Saldanha, onde estão os registros de imóveis da zona sul.

A PREFEITURA vai colocar telefone no Palácio do Sumaré, residência do cardeal-arcebispo. Houve uma grande relutância. Motivo: o Orçamento da Cia. Telefônica é superior a 800 mil cruzeiros.

O JUIZ MONJARDIM, que libertou Luís Carlos Prestes, é primo de Maysa ex-Matarazzo. Sua decisão surpreendeu alguns círculos militares. Supunham exata a impressão colhida dias antes por emissário credenciado, de que a medida pleiteada pelo advogado do chefe do PCB seria negada.

AMIGOS (ou inimigos íntimos) do casal Ibrahim — Glorinha Sued fizeram um "bôlo esportivo": palpites sobre o tempo de duração do casamento. Se durar mais de 2 anos, o produto da arrecadação será entregue ao casal, como presente. Ibrahim considera ganho mais êsse presente de casamento.

A CAMARA votou, no escuro, sem perceber a monstruosidade, um projeto de "direitos autorais", do compositor Humberto Teixeira, suplente do PSP, com êsse artigo: "as fotografias pessoais, exceto de autoridades e membros do governo, só poderão ser impressas por jornais, revistas e periódicos com anuência dos interessados, aplicando-se o mesmo princípio às caricaturas". Se o Senado aprovar a lei, vamos ter nos jornais apenas as "caras" do governo. Nem mesmo o sr. Ademar de Barros, chefe do sr. Teixeira, terá mais seu retrato em jornal e revista, salvo naquele que se dispuser, cada vez, a mandar pedir seu consentimento.

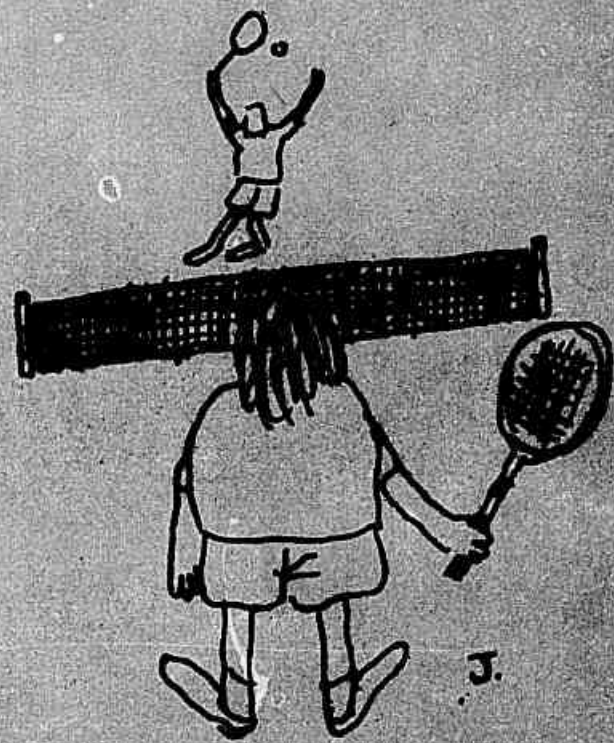
POR ESSE projeto, algumas revistas do sr. Roberto Marinho terão que sofrer profunda modificação. Nenhuma revista, para adultos ou crianças, pode ser publicada sem o mínimo de 50% de material nacional. E toda programação de discos em rádio deverá também incluir essa percentagem de músicas nacionais.

"O CRUZEIRO" vai mudar completamente de apresentação. Manterão sua paginação atual apenas três crônicas as de Raquel de Queiroz, Austregésilo de Athayde e Teófilo Andrade. As modificações fazem parte do plano para restabelecer o nível de venda avulsa, recentemente diminuído.

RECEBI UMA carta perguntando se sou Carlos Machado. Não. E se fôsse?

MUITA GENTE anda curiosa para saber o verdadeiro motivo do retraimento da bonita Teresa de Sousa Campos. A partir de alguns meses, aquela sra. reduziu seus programas sociais e quase desapareceu da crônica do "society"... Nenhum dos palpites que circulam sobre o motivo dessa linha de discrição adotada é o verdadeiro. Mas, meus amigos, tenham paciência que não tardarão a saber por esta coluna...

A SRA. IVONE Lopes continua a ter larga influência na vida social e, através dela, até na vida administrativa do Itamarati. Aliás, essa influência vem desde 1940.



Lady Maxwell informa



REGIME DESAJUSTADO

NUM PROGRAMA de Televisão ("Congresso em Revista" — TV-Rio) perguntaram-me se o governo do sr. Juscelino Kubitschek estava forte e se eu achava que ele cumpriria todo o mandato de 5 anos.

A PERGUNTA em si já revela a crise espiritual que avassala o país. Numa democracia, com todos os seus órgãos funcionando regularmente, não haveria razão para a dúvida. Se ela existe, é porque o governo não conseguiu, apesar do aparente otimismo oficial, ajustar a estrutura legal às inquietações populares.

PODE-SE NEGAR, por exemplo, a profunda divisão das Forças Armadas? As mágoas e desconfianças criadas entre a Marinha, a Aeronáutica e o Exército, desde 11 de novembro de 1955, aí estão latentes, e vez por outra explodem, como recentemente, na dura entrevista do almirante Amorim do Valle sobre a ação do ministro da Guerra. Nas fileiras do próprio Exército subsiste a separação entre a máquina dominante, da qual parece haver se desligado o general Hall, e o grupo proscrito a partir daquele movimento militar, que foi distribuído entre postos de atuação secundária e condições de disponibilidade forçada. E do próprio setor militar que detém no momento as posições-chaves emergem declarações como as do cel. Alberto Bittencourt, inegavelmente certas como julgamento da situação — embora apenas parcialmente certas, pois o malôgro maior é do governo a que ele pertence — mas, por outro lado, graves como sintoma da insegurança em que vive o próprio poder, entre desculpas, vacilações e incriminações internas.

A CRISE ECONÔMICA saiu dos recintos das bolsas, das fábricas, dos bancos, dos gabinetes oficiais, e veio, intensa e ameaçadora, para as ruas. O dólar livre é um instantâneo da situação geral, e, pela sua repercussão, o problema do café alcança toda a política econômica do país. Estamos perdendo os mercados, raspando os cofres públicos de todos os centavos para jogá-los nos riscos do mercado artificial, com um preço que os compradores se recusam a pagar porque encontram condições melhores em outros países produtores. E o governo, absorvido e engasgado com o café, vai deixando ao abandono os outros setores da economia nacional, cujos problemas se agravam sem ao menos remotas perspectivas de solução.

A MÁQUINA ADMINISTRATIVA é uma vergonha. Vimos, ainda agora, às primeiras medidas solicitadas para enfrentar a seca do nordeste. Os órfãos técnicos não dispunham de qualquer plano para a hipótese da declaração da seca, muito embora se trate de fenômeno cíclico suficientemente estudado. As providências administrativas, de liberação de recursos, de coordenação de esforços entre os vários ministérios, obedecem a uma rotina emperrada e marcada de defeitos graves. Sem referir ao jogo de interesses escusos ou de mera politicagem que está nos sombrios bastidores de toda a máquina organizada pelo atual governo, como se a administração pudesse ser dividida, arrendada, distribuída como ações entre amigos.

A PERGUNTA TINHA, pois, razão de ser. Não é possível crer na estabilidade das instituições quando elas estão à mercê de tantos fatores de perturbação. Pode o governo tentar disfarçar esta situação, incutindo um falso otimismo que os acontecimentos e, mais do que eles, o conhecimento dos choques internos no seu mecanismo, não permitem admitir.

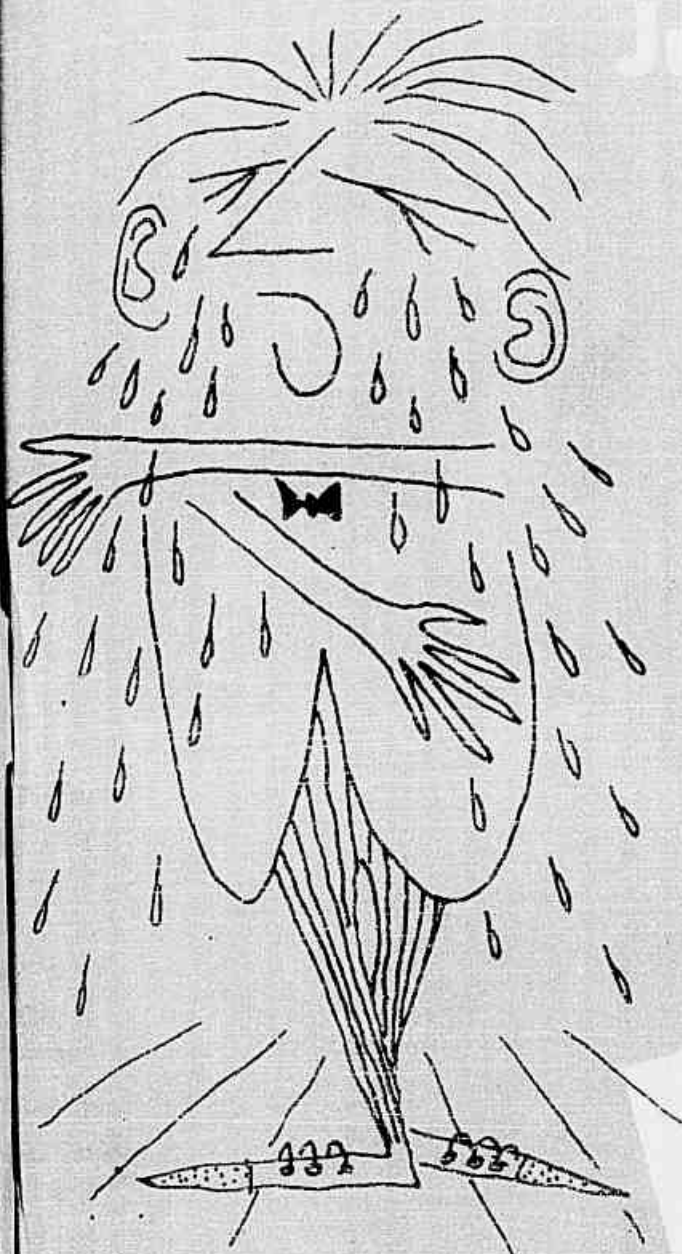
FUI RIGOROSAMENTE SINCERO ao responder que de-sejo vá o sr. Juscelino Kubitschek até o fim. Não vejo porque se espere qualquer utilidade para o país através de subversões e golpes armados, sobretudo quando eles exprimem inquietações desavoradas, e não têm possibilidades, pela sua própria natureza e pelas contingências nacionais, de promover a reforma geral e básica que o país está pedindo e que não sabe quando e por que mãos virá.

CERTO É TAMBÉM que o presidencialismo, no Brasil, chegou ao fim. Todas as intenções de melhorá-lo, pelo fortalecimento do Poder Executivo, apenas agravam o seu principal defeito — a hipertrofia de um dos ramos do poder, em face da real submissão do Legislativo e do Judiciário.

VIVEMOS, REALMENTE, AS vésperas de grandes reformas, indispensáveis e inadiáveis. O grave é que não sabemos como elas se processarão e a que objetivos visarão, e, nisto, como em tudo, a dúvida gera inquietudes que terminam por matar as melhores esperanças.

ALUIZIO ALVES

Juntos pela primeira vez
todos os novos
humoristas do Brasil



26

DE ABRIL

REVISTA DA

Semana

NÚMERO
ESPECIAL
DE HUMOR

MARIUS
CLAUDIUS
RAF
AMBROZIO
JAGUAR
BRANDÃO
DIAS PINO

Convidados especiais

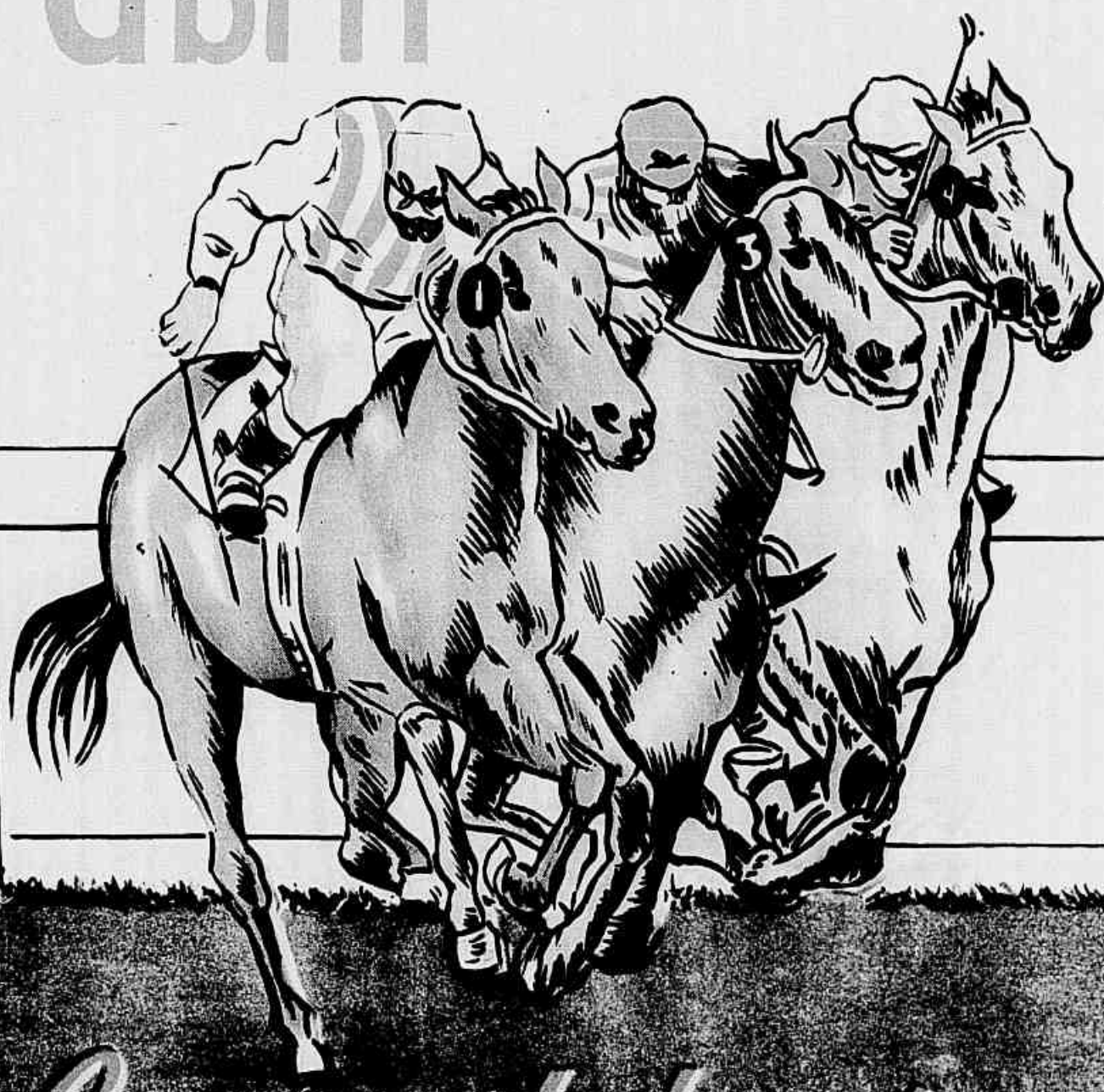
VÃO GOGO - ZIRALDO - FORTUNA - BORJALO

GRANDE PRÊMIO OUTONO

PRIMEIRA PROVA DA TRÍPLICE CORÔA

CR\$ 600.000,00 AO VENCEDOR

6 de Abril



1º Sweepstake de 1958

CR\$ 20.000.000,00

JOCKEY CLUB BRASILEIRO